

OSHO

Questões Essenciais

Inocência, conhecimento e encantamento

O que aconteceu com a sensação de encantamento
que eu sentia quando era criança?



)) Academia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Inocência, conhecimento e encantamento

O que aconteceu com a sensação de encantamento
que eu sentia quando era criança?

OSHO

Questões Essenciais

Inocência, conhecimento e encantamento

O que aconteceu com a sensação de encantamento
que eu sentia quando era criança?

Tradução
Magda Lopes

))(Academia

TÍTULO ORIGINAL: *Innocence, Knowledge, and Wonder*

O material deste livro foi selecionado de várias palestras de Osho proferidas ao vivo para uma plateia. Todas as suas palestras foram publicadas na íntegra na forma de livros, e também estão disponíveis em gravações de áudio originais. As gravações e o arquivo de textos completos podem ser contratados na biblioteca on-line OSHO no endereço www.osho.com.

OSHO é uma marca registrada da OSHO International Foundation,
www.osho.com/trademarks.

Revisão: Abodha e Cátia de Almeida

Diagramação: Maurélio Barbosa

Imagem de capa: © Aaron Foster/Getty Images

Conversão ePub: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O91i

Osho, 1931-1990.

Inocência, conhecimento e encantamento: o que aconteceu com a sensação de encantamento que eu sentia quando era criança? / Osho ; tradução Magda Lopes. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2013.

256 p. : il. ; 21 cm

Tradução de: *Innocence, knowledge and wonder*

ISBN 978-85-422-0297-7

1. Vida espiritual - Zen-budismo. 2. Meditação. I. Título.

13-02504

CDD: 294.3444

CDU: 244.82

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Francisco Matarazzo, 1500

Ed. New York – 3º andar – conjunto 32B

05001-100 – São Paulo – SP – Brasil

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Prefácio

1. O olhar de encantamento
2. Corações e mentes
3. Conhecimento não é o mesmo que saber
4. As respostas são perigosas
5. Velhos hábitos são difíceis de mudar
6. Como uma criança

Sobre o autor

Resort de Meditação da Osho Internacional

Para mais informações

Prefácio

Em primeiro lugar, deixe-me explicar-lhe quantos tipos de tolos existem.

O primeiro é aquele que não sabe, e não sabe que não sabe – é o tolo simples.

O segundo é aquele que não sabe, mas acha que sabe – o tolo complexo, o tolo instruído.

E o terceiro é aquele que sabe que não sabe – o tolo abençoado.

Todo mundo nasce como um tolo simples – esse é o significado da palavra *ingenuidade*. Toda criança é um tolo simples. Ela não sabe que não sabe. Ainda não tomou consciência da possibilidade de saber. Essa é a parábola cristã de Adão e Eva. Deus lhes disse: “Não comam o fruto da árvore do conhecimento”. Antes desse acidente de comerem o fruto da árvore do conhecimento, Adão e Eva eram tolos simples. Eles não sabiam nada. É claro que eram extremamente felizes, porque, quando você não sabe, é difícil ser infeliz. A infelicidade necessita de um pequeno treinamento; é necessário um pouco de eficiência para criar infelicidade, é necessário um pouco de tecnologia. Não se pode criar o inferno sem conhecimento – como se poderia criar o inferno sem conhecimento?

Adão e Eva eram como crianças pequenas. Toda vez que nasce uma criança, nasce um Adão. E ele perdura durante alguns anos – quando muito quatro anos, a quantidade de tempo se tornando cada vez menor a cada dia. A criança vive no paraíso porque não sabe como criar a infelicidade. Ela confia na vida; desfruta de todas as pequenas coisas, como procurar seixos ou conchinhas na praia. Ela se junta como se tivesse encontrado um tesouro. As pedras coloridas comuns parecem grandes diamantes. Tudo a fascina: as gotas de orvalho da manhã, as estrelas à noite, a luz, as flores, as borboletas, tudo é pura fascinação.

Mas então, pouco a pouco, a criança começa a saber: uma borboleta é apenas uma borboleta, uma flor é apenas uma flor. Não há muito mais nisso. Começa a saber o nome das coisas: isto é uma rosa e aquilo é uma margarida; e aquilo é uma tulipa e isto é uma flor de lótus. Pouco a pouco esses nomes tornam-se barreiras. Quanto mais a criança sabe, mais se separa da vida como tal. Ela se torna “mental”. Agora vive guiada pela cabeça, não por sua totalidade. Esse é o significado da queda. Ela comeu o fruto da árvore do conhecimento.

Toda criança tem de comer o fruto da árvore do conhecimento. Toda criança é tão simples que tem de se tornar complexa – isso faz parte do crescimento. Por isso, toda criança se move do tolo simples para o tolo complexo. Há diferentes graus de tolice complexa – algumas pessoas só chegam ao segundo grau, algumas pessoas obtêm diplomas universitários, algumas fazem pós-graduação, algumas se tornam Ph.Ds. – há vários graus de tolos complexos. Mas toda criança tem de experimentar algum conhecimento porque a tentação de saber é grande. Qualquer coisa que permaneça desconhecida pode ser perigosa. Tem de ser conhecida porque com o conhecimento seremos capazes de enfrentá-la. Sem o conhecimento, como vamos enfrentá-la? Por isso, toda criança está fadada a se

tornar instruída.

Então o primeiro tipo de tolo obrigatoriamente, por necessidade, tem de se tornar o segundo tipo de tolo. Mas, a partir do segundo, o terceiro pode ou não acontecer; não há necessidade de ele acontecer. O terceiro só é possível quando o segundo tipo de tolice se tornou uma grande carga – a pessoa se abarrotou de conhecimento, até o extremo; ela se tornou apenas a cabeça e perdeu toda a sensibilidade, toda a consciência, toda a vida. Tornou-se apenas teorias, escrituras e dogmas, com palavras e palavras girando em turbilhão em sua mente. Um dia, se a pessoa tiver consciência, ela tem de se desprender de tudo isso. Então ela se torna o terceiro tipo de tolo – o tolo abençoado. É quando atinge uma segunda infância; torna-se novamente uma criança.

Lembre-se do que Jesus disse: “Em meu reino de Deus, só serão bem-vindos aqueles que forem como crianças pequenas”. Mas lembre-se de que ele disse *como* crianças pequenas; ele não disse “crianças pequenas”. As crianças pequenas não podem entrar; elas têm de passar pelos caminhos do mundo, têm de ser envenenadas pelo mundo, e depois têm de se purificar. Essa experiência é fundamental. Por isso ele não diz “crianças pequenas”, ele diz aquelas que são *como* crianças pequenas. Essa palavra *como* é muito importante. Significa aqueles que não são crianças e, no entanto, são como crianças. As crianças são santos, mas sua santidade só existe porque elas ainda não experimentaram as tentações do pecado. Sua santidade é muito simples, e em si não tem muito valor porque elas não a adquiriram, não trabalharam em prol dela, não foram ainda tentadas contra ela.

Mais cedo ou mais tarde, as tentações ocorrem. Mil e uma tentações estarão ali, e a criança será impelida em muitas direções. Não estou dizendo que a criança não deva ir nessas direções. Se ela se inibir, se ela se reprimir em ir, continuará sempre sendo o primeiro tipo de tolo. Não se tornará parte do reino de Jesus, não será capaz de ingressar no paraíso de Maomé. Ela simplesmente continuará ignorante. Sua ignorância será apenas uma repressão, não será o alívio de uma carga. Primeiro ela tem de atingir o conhecimento, primeiro ela tem de pecar, e só depois do pecado, do conhecimento, só depois de desobedecer a Deus e de penetrar na vastidão do mundo, de seguir o caminho errado, de viver sua própria vida do ego, ela se tornará capaz de, um dia, se desprender de tudo isso.

Nem todos vão se desprender de tudo isso. Todas as crianças se movem da primeira tolice para a segunda, mas da segunda só poucos abençoados conseguem chegar à terceira – por isso estes são chamados de tolos abençoados.

O tolo abençoado é a maior possibilidade de entendimento, porque o tolo abençoado percebeu que o conhecimento é inútil, percebeu que todo conhecimento é uma barreira para o saber. O conhecimento é uma barreira para o saber, e por isso o tolo abençoado se desprende do conhecimento e se torna um puro sabedor. Ele simplesmente atinge a clareza da visão. Seus olhos estão vazios de teorias e pensamentos. Sua mente não é mais uma mente; sua mente é apenas inteligência, pura inteligência. Sua mente não está mais repleta de entulho, sua mente não está mais repleta de conhecimento emprestado. Ele está

simplesmente consciente. Ele é uma chama de consciência.

Tertuliano dividiu o conhecimento em duas categorias. Uma ele chamou de conhecimento ignorante – esse é o segundo tolo, aquele do conhecimento ignorante. O erudito sabe e, no entanto, não sabe, porque não adquiriu o conhecimento como experiência própria. Ele ouviu, memorizou; é um papagaio, no máximo um computador. Tertuliano disse que esse é o conhecimento que realmente não é conhecimento, mas a ignorância vestida de conhecimento, a ignorância disfarçada de conhecimento. É uma queda, uma queda da inocência da infância. É uma corrupção. É um estado corrupto de mente. Perspicaz, engenhoso, porém corrupto.

Então Tertuliano disse que há um segundo tipo de conhecimento, a “ignorância sábia”. Ela acontece quando uma pessoa se desprende de todo o conhecimento, de todas as teorias, e olha diretamente – olha para a vida como ela é, sem ideias a respeito, permite que a realidade seja como é, depara-se com a realidade imediatamente, diretamente, sem conhecimento sobre ela; encontra, encara a realidade, permite que aquilo que é tenha seu florescimento. A pessoa simplesmente escuta a realidade, penetra na realidade e diz: “Eu não sei”. Esta é a criança sobre a qual Jesus fala – não é realmente uma criança, mas é como uma criança.

E eu digo sim. Abençoados os tolos, porque eles vão herdar todas as bênçãos da existência.

A partir do primeiro tipo de tolo, o segundo é automático; a partir do segundo, o terceiro não é automático. Do segundo para o terceiro, o salto tem de ser uma decisão – é isso que são os *sânias*. Você decide que já teve conhecimento suficiente; agora gostaria de ser de novo ignorante, gostaria de ser de novo uma criança, renascida. Eu sou como uma parteira aqui; posso ajudá-los a se tornarem tolos. E, lembrem-se, a menos que tenham atingido o terceiro tipo de tolo, toda a vida de vocês terá sido um puro desperdício.

Adão desobedeceu a Deus. Todo Adão tem de desobedecer. Ele caiu do estado de graça. Todo Adão tem de cair. Adão comeu o fruto da árvore do conhecimento. Todo Adão tem de se tornar instruído, este é um processo natural. Eu me deparei com milhares de parábolas, mas nada se compara a esta parábola da queda de Adão. É a mais significativa das parábolas. Por isso volto a ela repetidas vezes com novos significados, porque ela está sempre revelando novos significados.

E, quando Adão se transformou em Cristo, ele se tornou o terceiro tipo de tolo. Cristo é o terceiro tipo de tolo – o tolo abençoado. O que Adão fez, Cristo desfez. Cristo retorna em imensa obediência e inocência.

Os rabinos, as pessoas religiosas, os sacerdotes do templo de Jerusalém, eram tolos instruídos. Eles não poderiam tolerar Jesus. Os tolos instruídos ficam sempre perturbados diante dos tolos abençoados. Eles tinham de assassiná-lo porque sua simples presença era desconfortável; sua simples presença era tal pináculo de paz, de amor, de compaixão e de luz que os tolos instruídos perceberam que todo o seu ser estava em jogo. Se este homem vivesse, então eles seriam bobos, e a

única maneira de se livrarem do homem era destruí-lo, para que eles pudessem voltar a ser as pessoas instruídas de sua raça.

Sócrates foi morto por pessoas instruídas; Mansur foi morto por outras pessoas instruídas. Sempre há um grande conflito quando o terceiro tipo de tolo surge no mundo. Todos os eruditos se unem; todo o seu negócio está em jogo. Este homem diz que tudo o que eles sabem é tolice. E, no fundo do coração, eles também sabem que é tolice, porque aquilo não lhes trouxe nada. Nenhuma bem-aventurança, nenhuma bênção veio daquilo. Eles continuam a ser como sempre foram – seu conhecimento não tocou seus corações, não provocou nenhuma transformação. No fundo do coração, eles sabem disso; por isso se sentem ainda mais desconfortáveis. Querem destruir essas pessoas, porque a simples possibilidade da existência dessas pessoas os transforma em ninguém. Sem Jesus, eles eram os grandes sacerdotes do templo; com Jesus, eles, de repente, não eram ninguém. Na presença de Jesus estava a própria divindade, e todos os sacerdotes perceberam que sua glória havia sido extirpada.

Do segundo para o terceiro tipo de tolo, só as pessoas muito corajosas dão o salto. É um salto quântico. A religião é apenas para os muito corajosos; na verdade, para os audaciosos. Não é para os covardes.

Uma história... Um homem idoso que gostava de beber foi levado ao tribunal de justiça de uma cidade do interior. Mas ele também era uma pessoa instruída e culta. “Você foi acusado de embriaguez e desordem”, disse-lhe o juiz. “Tem alguma alegação contra o pronunciamento de uma sentença?”

“A desumanidade do homem para com o homem produz o pranto de milhares”, começou o prisioneiro em um voo de oratória. “Eu não sou tão degradado quanto Poe, tão libertino quanto Byron, tão mal-agrado quanto Keats, tão descontrolado quanto Burns, tão tímido quanto Tennyson, tão vulgar quanto Shakespeare, portanto...”

“Já chega”, interrompeu o juiz. “Está condenado a 90 dias de prisão. E, policial, anote esses nomes que ele mencionou e vá atrás desses sujeitos também. Eles são tão perniciosos quanto ele.”

Ora, o juiz é o primeiro tipo de tolo, e o julgado é o segundo tipo de tolo. E a terra é em sua maioria habitada por esses dois tipos de tolos. O terceiro tipo – um Jesus, um Buda – raramente aparece.

A palavra indiana para tolo é *buddhu* – vem de *Buddha*. Quando Buda renunciou a seu reino e muitas, muitas pessoas começaram a segui-lo, todo o país entrou em tumulto. As pessoas começaram a dizer umas às outras: “Não seja um *buddhu*, não seja um tolo, não siga este homem”. As pessoas começaram a chamar de *buddhus* aqueles que seguiram Buda. Ele é um *buddhu*, ele é um tolo, porque renunciou a seu reino. Quem mais renunciaria a um reino? As pessoas ansiavam por um reino, desejam e sonham com um reino, e ele renunciou ao dele – tem que ser um tolo.

O terceiro tipo é um fenômeno muito raro. Mas acontece. E, se você for suficientemente corajoso, pode dar o salto. O segundo tolo não é tão corajoso. Ele vai pegando pedaços daqui e dali. Não tem tanta coragem; ele toma

conhecimento emprestado. Em vez de ele próprio encontrar o conhecimento, ele o toma emprestado. É mais barato e ele pode comprá-lo no atacado.

Conhecer a realidade diretamente é uma tarefa árdua. Requer um total sacrifício. O segundo tolo só vai até certo limite. O limite é o seguinte: se ele puder conseguir conhecimento barato, ele está pronto; mas, se tiver de se arriscar para adquiri-lo, ele recua.

Seja corajoso. A menos que você tenha uma infinita coragem, não conseguirá se tornar o terceiro tipo, o tolo abençoado.

Em geral, ninguém permanece no primeiro estado. Todos têm de passar dele, mais ou menos – a diferença é de graus, de quantidade, mas não de qualidade. Por isso as pessoas são quase sempre encontradas na segunda categoria. Se você está na segunda categoria, se acha que é parte da *intelligentsia*, lembre-se de que nunca é tarde para aprender. Você já tem conhecimento suficiente; agora aprenda a saber. O conhecimento entulha a mente como a poeira gruda no espelho. Conhecimento não é saber – o saber tem uma qualidade e um sabor totalmente diferentes. Tem o sabor da aprendizagem.

Deixe-me mostrar-lhes a distinção. O conhecimento significa que você vive coletando informações, experiências, categorizando, memorizando. Mas aprender significa que você não coleta nada; você simplesmente permanece disponível para o que está acontecendo ou vai acontecer. A aprendizagem é um estado de mente aberta. Quanto mais você sabe, mais se torna fechado, porque então não consegue se desprender do conhecimento que tem; ele sempre se interpõe. Se você estiver me ouvindo e for uma pessoa instruída, um sábio, então não conseguirá me ouvir diretamente, simplesmente. Você não conseguirá me ouvir. Enquanto eu estiver falando, lá no fundo você estará julgando, avaliando, criticando – não há diálogo, há um debate. Você pode parecer silencioso, mas não está silencioso; seu conhecimento continua girando em sua cabeça. Ele destrói tudo o que estou dizendo, ele o distorce, e o que quer que chegue até você não é a coisa real. O que chega até você é apenas aquilo que seu conhecimento permite que chegue.

Uma mente que quer aprender é uma mente que escuta atentamente, sem interferência do passado; uma mente que é apenas uma abertura, um fenômeno como um espelho, que simplesmente reflete qualquer coisa que esteja ali. Se você começar a aprender, vai atingir o saber. E o saber vai ajudá-lo a ver aquilo que você não sabe. Uma pessoa que chega a conhecer a realidade torna-se consciente de sua ignorância – ela sabe o que não sabe. Nesse saber, a ignorância é a mutação, a transfiguração, a revolução.

Assim, dê um salto do segundo estado da ingenuidade para o terceiro estado: ser um tolo abençoado. Todas as minhas bênçãos vão para aqueles que são tolos abençoados.

O olhar de encantamento

O encantamento é a fonte da sabedoria, o encantamento é a fonte de tudo que é belo, o encantamento é a fonte da busca, da busca real. O encantamento o conduz na aventura de conhecer os mistérios da vida.

Eu não tenho em mim a mesma sensação de encantamento que eu tinha quando era criança. Por quê?

Isso acontece com quase todo mundo. Quanto mais instruído você se torna, menos encantamento sente. E pais, escolas, universidades, sociedade... todos continuam obrigando-o a se tornar instruído. Todo o esforço é no sentido de lhe dar instrução. Seu espaço interno se torna tão cheio de conhecimento que o encantamento desaparece; dentro de você não há mais espaço para abrigar o encantamento.

Uma criança tem o olhar de encantamento. Ela fica surpresa, fascinada por cada e toda coisa. Pequenas coisas a surpreendem; daí sua alegria borbulhante, porque a vida dela é uma constante descoberta.

Você se torna uma pessoa instruída – a sociedade quer que você se torne instruído. O conhecimento é muito necessário, tem muita utilidade. E o encantamento é perigoso, porque uma pessoa que se encanta pode se tornar um filósofo, um poeta ou um místico, e todos esses três tipos de pessoas são inúteis para a sociedade. A sociedade precisa de máquinas, de máquinas hábeis. Proporcionando-lhe cada vez mais conhecimento, tornando-o repleto de conhecimento, a sociedade o transforma em um autômato, em um robô. E, quanto mais você acha que sabe, mais impossível se torna o encantamento – porque, quando você sabe, como pode se surpreender?

Uma criança pequena pode ficar curiosa para saber por que as árvores são verdes. Mas como você pode ter curiosidade quanto a isso? Você sabe que é por causa da clorofila – embora não saiba muito, porque outra questão pode ser levantada quanto ao motivo de a clorofila tornar as árvores verdes, e você terá de sacudir os ombros. Você simplesmente pôs a questão um pouco de lado. Quanto mais você sabe, menos se encanta. Porém, no momento em que o encantamento morre em você, a religião também morre em você, porque a religião consiste em assombro e maravilhamento. O conhecimento desmistifica a vida e a existência, e a religião só existe quando a vida é um mistério. Por isso você terá de tornar a aprender a se encantar.

Um tipo certo de educação nunca fará isso. Ela lhe dará conhecimento, mas não destruirá seu encantamento; esse será o tipo certo de educação. Ela lhe dará conhecimento, mas o manterá alerta para que nenhum conhecimento possa destruir o encantamento. Na realidade, ao contrário, o conhecimento poderá torná-lo mais propenso a se encantar.

A criança pequena não pode se assombrar em relação à clorofila. Se você for educado corretamente, poderá se assombrar em relação ao verde das árvores e também se assombrar em relação à clorofila.

As últimas palavras de Einstein foram: “Estive pensando durante toda a minha vida que iria desmistificar o universo. Mas o que aconteceu foi justamente o contrário. Quanto mais eu penetrei na existência, mais o mistério se aprofundou. Estou morrendo repleto de assombro, estou morrendo assombrado”. Mas isso é raro; esta é a qualidade de um gênio. O gênio é aquele que não permite que a sociedade o transforme em um robô; essa é minha definição de um gênio. Todo mundo nasce como um gênio, mas as pessoas muito cedo começam a se comprometer. E, quando se comprometem, seus talentos desaparecem, sua inteligência morre. Elas vão vendendo suas almas por coisas mundanas, por coisas inúteis – inúteis no sentido fundamental; elas podem ser úteis aqui, mas a morte vem e todas essas coisas desaparecem junto com ela.

Se você conseguir morrer como Albert Einstein – perplexo, repleto de encantamento, com reverência no coração, com a poesia surgindo em você –, terá vivido da maneira certa e estará morrendo da maneira certa. E uma pessoa que vive da maneira certa e morre da maneira certa é uma pessoa espiritual. Albert Einstein era muito mais espiritualizado do que o papa no Vaticano, e os *shankaracharyas* indianos – bem mais espiritualizado do que eles. Antes de ele morrer, alguém lhe perguntou: “Se você nascer de novo e Deus lhe perguntar, tenho certeza de que você gostaria de se tornar novamente um grande físico e matemático”. Ele disse: “Não, nunca! Se me for dada outra oportunidade, em vez de ser um físico eu gostaria de ser um encanador. Gostaria de viver um tipo de vida muito comum, anônimo, para poder desfrutar da minha vida mais facilmente, sem ninguém no meu caminho. Fama, prestígio, pesquisa – nada disso no meu caminho, para que eu possa ter uma comunhão mais profunda com a existência”.

Você diz: “Eu não tenho em mim a mesma sensação de encantamento que tinha quando era criança. Por quê?”.

Você deve ser muito instruído.

Um aspirante a ator entrou no escritório de um agente buscando trabalho. O agente lhe perguntou: “O que você faz?”.

Sem uma palavra, o artista ergueu seus braços, voou pelo escritório, saiu pela janela, cruzou a rua e tornou a entrar pela janela, fazendo uma perfeita aterrissagem diante da escrivanhinha do agente.

“Muito bem, muito bem”, disse o agente. “Então você imita passarinhos. E o que mais?”

É isso que acontece com as pessoas instruídas. Nada as surpreende. Mesmo que Deus se apresente diante delas, elas dirão: “Muito bem, muito bem, então você é Deus. E o que mais?”.

Desprenda-se do seu conhecimento.

O empresário teatral Maxie Doldum certa vez foi abordado por um homem em seu teatro.

“Eu montei um ato para lhe oferecer que é realmente único”, disse o homem. “Ele irá impressionar Londres inteira. Tudo o que você tem a fazer é colocar dez mil libras no banco em nome da minha esposa, e eu cometerei suicídio no palco do seu teatro.”

Um pouco atônito, Maxie ponderou sobre a oferta. “Hmmmmmm, interessante”, disse ele finalmente. “Mas o que você apresentará como bis?”

Há pessoas que são tão constantemente utilitárias que todo o seu pensamento consiste em utilidades. Ele pergunta: “Mas o que você apresentará como bis?”. As pessoas se tornaram tão preocupadas com as coisas mundanas – utilidades, mercadorias, proveito – que nada as surpreende, nada choca sua consciência. Elas caminham como sonâmbulas. A roseira produz flores, mas elas não veem; estão cegas. Os pássaros cantam de manhã, mas elas não escutam; estão surdas. Perderam toda a sensibilidade. Tornaram-se tão mortas e entorpecidas que nada as estimula a dançar, nada produz um canto em seus lábios, nada proporciona leveza aos seus passos. E o culpado é o conhecimento.

Em um mundo de maior compreensão, o conhecimento ainda lhe será proporcionado, mas você também será ensinado a continuar protegendo sua capacidade de se surpreender. Sua poesia não será morta, esmagada sob o peso do conhecimento. Em uma universidade de verdade, só metade do tempo será dedicada aos objetivos utilitários; a outra metade será dedicada a objetivos não utilitários: poesia, música, pintura, dança, meditação, oração. Ou simplesmente a relaxar sob uma árvore, simplesmente sentar em silêncio sob uma árvore, sem fazer nada. A metade do tempo das escolas, das faculdades e das universidades será dedicada a atividades não utilitárias, realizadas sem qualquer outro propósito, exceto o puro desfrute delas. Só então teremos no mundo um ser humano integral.

Até agora, têm existido dois tipos de pessoas: o mundano, que é 100% utilitário, e o monge, que é 100% não utilitário. Ambos estão desequilibrados, a ambos falta alguma coisa. O monge está perdendo as belezas do mundo – as belezas do relacionamento, as belezas das pessoas. O monge é pobre, espiritualmente pobre, porque está perdendo todas as experiências enriquecedoras da vida, do amor, da amizade, da inimizade, da raiva, da compaixão; ele está perdendo toda essa variedade que enriquece a alma. Ele é apenas um vazio, uma espécie de tela em branco; nada foi pintado nele, e por isso ele é espiritualmente pobre.

Eu tenho visto tantos santos que posso lhe dizer: é muito raro encontrar um santo que tenha alguma riqueza de alma. Ele é tão monótono, tão maçante; toda a sua vida não é nada além de tédio. Como ele consegue viver uma vida tão maçante? Ele só consegue isso porque entorpeceu todos os seus sentidos; ele entorpeceu até mesmo sua inteligência, por isso não consegue sentir o tédio.

Você entende? Com exceção do homem, nenhum outro animal sente tédio. Os búfalos nunca ficam entediados, os jumentos nunca ficam entediados; eles não têm inteligência para sentir tédio. Só o homem sente tédio, e também só o homem tem a capacidade de rir. O tédio e o riso são dois lados da mesma moeda. Mas os monges, as chamadas pessoas religiosas, não ficam entediadas e

também não conseguem rir. Caíram ao estado dos búfalos e dos jumentos.

Ouvi falar de um filósofo que costumava caminhar pelas ruas olhando para o céu, para as estrelas, para a lua, o sol, as nuvens e os pássaros voando. Era natural que muitas vezes ele trombasse com as pessoas ou tropeçasse em algo. E era seu hábito, sempre que alguém trombava com ele, ou ele trombava com alguém, dizer: “Você é um jumento ou o quê?”. Mas ele era muito respeitado, um filósofo bastante conhecido, e por isso todos o toleravam; ninguém se sentia ofendido.

Um dia ele acabou trombando com um jumento. Estava começando a dizer sua frase usual, “Você é um jumento ou o quê?”. Já estava começando a dizê-la. Mas então ele olhou, riu e disse: “Senhor, o senhor é apenas o senhor mesmo. O que mais eu posso dizer a seu respeito?”.

As pessoas que escapam do mundo tornam-se jumentos e búfalos; elas caem abaixo da consciência humana, das sensibilidades humanas. Por isso não podem viver nem mesmo uma vida tediosa – sem risos, sem tédio. Elas se tornaram animais. Perderam a glória de ser um ser humano; elas caíram para trás. É claro que a vida de um animal é menos ansiosa; ele não sente ansiedade, não sente angústia. Por isso você enxerga uma espécie de serenidade em torno deles – mas uma serenidade sem inteligência não tem nenhum valor.

Quando a serenidade acontece junto com a inteligência, nasce um Buda. Quando a serenidade acontece sem inteligência, você tem de voltar ao mundo dos búfalos. E é isso que tem acontecido. Algumas pessoas se afastaram do mundo, 100% delas para atividades não utilitárias – apenas oração, oração, meditação, meditação. Essa não é nem pode ser uma vida total. E as outras, aos milhões, estão vivendo apenas vidas utilitárias – acumulando cada vez mais coisas, tendo contas bancárias cada vez mais polpudas, e não sabem nada sobre diversão. Mesmo que se divirtam, tornam-se muito sérias em sua diversão; até mesmo sua diversão se torna um negócio.

As pessoas não podem simplesmente jogar cartas: elas têm de colocar dinheiro nisso; então o jogo se torna algo sério, porque assume a forma de um negócio. Algo tem de ser apostado; só assim elas conseguem jogar. Você vê jogadores que mesmo em seu jogo são mortalmente sérios; o jogo é uma questão de vida ou morte. Ninguém parece estar se divertindo.

O mundo está repleto de atividades utilitárias, e as pessoas têm perdido todas as qualidades da meditação, da oração, da diversão, do encantamento, do maravilhamento... Observar as estrelas, admirar as flores, tocar violão ou cantar uma canção por nenhum outro motivo além do puro prazer nessa atividade. Essas pessoas são também muito pobres.

Eu quero criar um homem totalmente novo no mundo, que não será pobre desta ou de outra maneira, que será realmente rico – que terá toda a riqueza do mundo, dos relacionamentos, de todos os desafios da existência, e que terá também a capacidade de ficar em silêncio, de estar no espaço da alegria e da meditação.

Esta é minha ideia de um *sannyasin**: estar no mundo e, no entanto, não ser

parte dele. Estar no mundo e, ainda assim, continuar indo além dele; não ser um escapista.

A educação certa criará *sannyasins* no mundo – *sannyasins* no meu sentido: criará pessoas sagradas; 50% da educação deve ser devotada ao mundo e 50% ao que está além dele, e ambas devem permanecer em harmonia, em uma síntese profunda. Então você pode ser instruído e o encantamento ainda continuar fluindo em você. Então você pode saber, e ainda assim continuar maravilhado com a existência.

O que é inocência, o que é beleza?

Viver o momento é inocência, viver sem o passado é inocência, viver sem conclusões é inocência, funcionar a partir do estado de não saber é inocência. E, no momento em que você funciona a partir desse imenso silêncio que não é sobrecarregado por qualquer passado, dentro dessa imensa quietude que nada sabe, a experiência que acontece é a beleza.

Quando você sentir a beleza – no sol nascendo, nas estrelas, nas flores ou no rosto de um homem ou de uma mulher –, sempre e quando você sentir a beleza, observe. E uma coisa será sempre descoberta: você funcionou sem a mente; você funcionou sem tirar nenhuma conclusão; você simplesmente funcionou espontaneamente. O momento o capturou, e o momento o capturou tão profundamente que você foi arrancado do passado.

E quando você é arrancado do passado é automaticamente arrancado do futuro, porque o passado e o futuro são dois lados da mesma moeda; eles não são separados, e também não são separáveis. Você pode deixar cair uma moeda: às vezes dá cara, às vezes dá coroa, mas a outra parte está sempre ali, escondida.

O passado e o futuro são dois lados da mesma moeda. O nome da moeda é mente. Quando a moeda inteira cai, essa queda é a inocência. Então você não sabe quem você é, então não sabe o que é; não há conhecimento. Mas você é, a existência é, e o encontro dessas duas essências – sua pequena essência encontrando-se com a infinita essência da existência –, esse encontro, essa fusão, é a experiência da beleza.

A inocência é a porta; por meio da inocência você entra na beleza. Quanto mais inocente você se torna, mais a existência se torna bela. Quanto mais instruído você é, mais a existência se torna feia, porque você começa a funcionar a partir de conclusões, você começa a funcionar a partir do conhecimento.

No momento em que você sabe, você destrói toda a poesia. No momento em que você sabe, e acha que sabe, você cria uma barreira entre você e o que existe. Então tudo fica distorcido. Então você não ouve com seus ouvidos, você traduz. Então você não enxerga com seus olhos, você interpreta. Então você não passa pela experiência com seu coração, você *acha* que passa. Então toda a possibilidade de encontro com a existência na imediatividade do momento, na intimidade, é perdida. Vocês se separaram.

Esse é o pecado original. E essa é toda a história, a história bíblica de Adão e Eva comendo o fruto da árvore do conhecimento. Quando eles comem o fruto do conhecimento, são levados para fora do paraíso – não que alguém os tenha expulsado, não que Deus os tenha ordenado que saíssem do paraíso; eles saem por si mesmos. Conhecendo, eles não eram mais inocentes; conhecendo, eles ficaram separados da existência; conhecendo, eles criaram egos... conhecendo, eles criaram uma barreira, uma barreira de ferro.

Você me pergunta: “O que é inocência?”.

Vomite o conhecimento! O fruto da árvore do conhecimento tem de ser vomitado. É nisso que se resume a meditação. Lance-o para fora do seu sistema: ele é veneno, puro veneno. Viva sem conhecimento, sabendo que “Eu não sei”. Atue a partir desse estado do não saber e você saberá o que é a beleza.

Sócrates sabe o que é a beleza, porque ele funciona a partir desse estado do não saber. Há um conhecimento que não sabe, e há uma ignorância que sabe. Torne-se ignorante como Sócrates e então uma qualidade totalmente diferente vai entrar em seu ser: você vai se tornar de novo criança; haverá um renascimento. Seus olhos estarão novamente repletos de encantamento, cada uma e todas as coisas que o cercam irão surpreendê-lo. O pássaro voa e você fica eletrizado! A pura alegria de ver o pássaro voando é como se *você* estivesse voando. A gota de orvalho deslizando de uma folha de lótus e o sol da manhã brilhando sobre ela e criando um pequeno arco-íris à sua volta – o momento é tão avassalador... A gota de orvalho caindo da folha, à beira do encontro com o infinito, desaparecendo no lago – é como se você começasse a deslizar, como se sua gota começasse a cair em um oceano celeste.

No momento da inocência, do não saber, a diferença entre o observador e o observado evapora. Você não está mais separado daquilo que está vendo, você não está mais separado daquilo que está ouvindo.

Ouvindo-me, neste momento, você pode funcionar de duas maneiras. Uma é a maneira do conhecimento: conversando internamente consigo mesmo, julgando, avaliando, pensando constantemente se o que estou dizendo é certo ou errado, se está ou não em conformidade com suas teorias, se é lógico ou ilógico, científico ou não científico, cristão ou hinduísta, se você pode concordar ou não com isso, se pode engoli-lo ou não, mil e um pensamentos vociferando dentro de sua mente, a conversa interior, o trânsito interno – essa é uma maneira de ouvir. Mas então você está ouvindo de tão longe que eu não conseguirei chegar até você. Continuarei tentando, mas não conseguirei alcançá-lo. Você está realmente em algum outro planeta: você não está aqui, não agora. Você é um hinduísta, um cristão, um muçulmano, um comunista, mas não está aqui agora. A Bíblia, o Alcorão ou a Gita está entre mim e você. E eu procuro por você, mas me deparo com a barreira do Alcorão; procuro por você, mas há uma fila de sacerdotes entre mim e você. Esse é o modo do conhecimento; esse é o modo do que permanece surdo, do que permanece cego, do que permanece desprovido de coração.

Há também outra maneira de ouvir: apenas ouvir, sem nada entre mim e você. Então há imediaticidade, contato, encontro, comunhão. Então você não

interpreta, porque não está preocupado se aquilo está certo ou errado. Nada está certo, nada está errado. Nesse momento de inocência, a pessoa não avalia. Não há nada para avaliar, nenhum critério, nenhum conhecimento prévio, nenhuma conclusão já atingida, nada com que comparar. Você apenas ouve, como alguém ouve o som da água correndo nas montanhas ou um flautista solitário tocando na floresta, ou alguém tocando violão. Você ouve.

Mas a pessoa que vem ouvir como um crítico não ouvirá. A pessoa que vem simplesmente ouvir, não como um crítico, mas para desfrutar do momento, conseguirá ouvir a música. O que há para entender na música? Não há nada para entender. Há algo para saborear, certamente; há algo para beber e com que se embriagar, certamente, mas o que há para entender?

O crítico não está ali para saborear, não está ali para beber – ele está ali para entender. Ele não está ouvindo a música, porque está inundado de matemática. Está continuamente criticando, pensando. Ele não é inocente; ele sabe demais, e por isso vai perder a beleza da música. Ele pode chegar a algumas conclusões estúpidas, mas vai perder a integralidade do momento. E o momento é monumental!

Se você pode ouvir, simplesmente ouça; se pode ver, simplesmente veja; e então nesse exato momento você saberá o que é a inocência.

Eu não estou aqui apenas para lhe explicar o que é a inocência. Estou aqui para lhe dar uma amostra dela.

Tome uma xícara de chá! Eu a ofereço a você; a cada momento ela lhe está sendo oferecida. Sorva-a – sinta o calor do momento, a música dele e o silêncio e o amor que transborda. Seja inundado por ele. Desapareça por um momento com sua mente – a mente que observa, julga, critica, acredita, desacredita, que é favorável, contrária... Por um momento seja apenas uma abertura e você saberá o que é a inocência. E nela você saberá o que é a beleza.

A beleza é uma experiência que acontece na inocência, a flor que desabrocha na inocência. Jesus diz assim: “A menos que vocês sejam como crianças pequenas, não entrarão no meu reino de Deus”.

Você fala muito frequentemente sobre o estado de maravilhamento e sobre o amor. Qual é a relação do estado de encantamento e de inocência infantil com o estado de amor?

O maravilhamento e o encantamento são as maiores qualidades espirituais. O maravilhamento significa você atuar a partir de um estado do não saber. A pessoa instruída nunca sente o maravilhamento; ela é incapaz de sentir a surpresa porque acha que já sabe. Ela conhece todas as respostas estúpidas, pode conhecer toda a *Encyclopedia Britannica*; conseqüentemente qualquer questão já está respondida em sua mente.

Quando surge uma questão para a qual não haja resposta, que seja

irrespondível – não apenas hoje, mas sempre; não que ela seja desconhecida, mas, sim, incognoscível –, quando você se depara com o incognoscível, o irrespondível, você experimenta o maravilhamento. Você está em um estado de encantamento, como se seu coração tivesse parado de bater, como se por um momento você não respirasse.

A experiência do maravilhamento é tal que tudo para. O mundo todo para: o tempo para, a mente para, o ego para. Por um momento você é de novo uma criança, encantada com as borboletas, as flores, as árvores, os seixos e as conchas na praia, maravilhando-se com cada e todas as coisas. Você é de novo uma criança. E quando você consegue se assombrar e sentir a imensa beleza da existência, o que só pode ser sentido quando você está em estado de encantamento – quando você de repente é possuído pela existência, inundado por ela –, você pode apenas dançar, pode apenas celebrar esse momento, pode dizer “Arrá!”. Você não consegue encontrar nada mais para dizer, nenhuma palavra, apenas um ponto de exclamação!

A pessoa instruída vive com um ponto de interrogação, e a pessoa que vive o espanto e o encantamento vive com um ponto de exclamação. Tudo é tão tremendamente profundo e forte que é impossível sabê-lo; o conhecimento é impossível. Quando isso é experienciado, toda sua energia dá um salto, um salto quântico – da mente para o coração, do saber para o sentir.

Quando não há a possibilidade de saber, sua energia não se move mais nessa direção. Quando você percebe que não há a possibilidade de saber, que o mistério vai continuar permanecendo um mistério, que ele não pode ser desmistificado, sua energia começa a se mover em uma nova direção – a direção do coração. É por isso que eu digo que o amor está relacionado com o encantamento e com o espanto, com a inocência infantil. Quando você não está obcecado com o conhecimento, você se torna amoroso.

As pessoas muito instruídas não são amorosas, as pessoas cerebrais não são amorosas; mesmo que elas amem, elas só *acham* que amam. Seu amor também vem de sua cabeça. E, passando pela cabeça, o amor perde toda a sua beleza – ele se torna feio.

As pessoas cerebrais são calculistas; a aritmética é sua direção. O amor salta em uma existência perigosamente viva, sem cálculos. A cabeça diz “Pense antes de dar o salto”; e o coração diz “Salte antes de pensar”. Seus caminhos são diametralmente opostos.

A pessoa instruída se torna cada vez menos amorosa. Ela pode falar sobre o amor, pode escrever tratados sobre o amor, pode conseguir um Ph.D. por sua tese sobre o amor, mas ela nada sabe do amor. Ela não o experienciou! Ele é um tema que ela está estudando, não algo que ela esteja vivendo.

Você diz: “Você fala muito frequentemente do maravilhamento e do amor...”. Sim, eu sempre falo sobre o maravilhamento e o amor juntos, porque eles são dois lados da mesma moeda. E você terá de aprender a começar pelo maravilhamento, porque a sociedade já se incumbiu de torná-lo instruído. A escola, a faculdade, a universidade – a sociedade criou um grande mecanismo

para torná-lo instruído. E, quanto mais você é entulhado de conhecimento, menos flui sua energia de amor. Há tantos bloqueios criados pelo conhecimento, tantas pedras no caminho do amor, e não há instituição no mundo que o ajude a ser amoroso, onde seu amor seja nutrido.

Essa é minha ideia de uma verdadeira universidade, é isso que eu quero criar. É claro que ela vai permanecer não reconhecida pelo governo, continuará não reconhecida pelas outras universidades. E eu posso entender isso – se eles a reconhecessem, seria uma surpresa para mim. O não reconhecimento deles seria realmente o reconhecimento – o reconhecimento de que é um tipo de instituição totalmente diferente, onde as pessoas não são tornadas instruídas, mas amorosas.

Há séculos a humanidade tem vivido com conhecimento, e tem vivido de uma maneira muito feia. D. H. Lawrence certa vez propôs que, se por cem anos todas as universidades e escolas fossem fechadas, a humanidade seria imensamente beneficiada. Eu estou totalmente de acordo com ele. Estas duas pessoas, Friedrich Nietzsche e D. H. Lawrence, são pessoas belas. Foi uma infelicidade que tivessem nascido no Ocidente; por isso não tiveram ciência de Lao-tsé, de Chuang Tsé, de Buda, de Bodhidharma, de Rinzi, de Basho, de Kabir, de Meera. É lamentável só terem conhecido as tradições judaica e cristã. E eles ficaram muito ofendidos com toda a abordagem judaica e cristã em relação à vida. Ela é muito superficial.

Friedrich Nietzsche costumava se intitular “O Anticristo, Friedrich Nietzsche”. Primeiro ele escreveria “anticristo”. Ele não era realmente anticristo – anticristão, certamente, porque em um de seus momentos mais lúcidos ele disse que o primeiro e último cristão foi crucificado; esse foi Jesus Cristo, o primeiro e o último. Mas no nome de Cristo existe algo absolutamente falso, e no dia em que Cristo foi negado pelos judeus eles também se tornaram falsos. Desde aquele dia feio eles não têm vivido verdadeiramente. Como você pode viver de uma maneira bela se rejeita suas mais belas expressões? O que Moisés iniciou, um belo fenômeno, chegou a um clímax em Jesus Cristo, mas os judeus rejeitaram Jesus Cristo. Naquele exato dia eles rejeitaram seu próprio florescimento, sua própria fragrância. Desde aquele dia eles não têm vivido da maneira certa.

E as pessoas que seguiram Jesus criaram algo absolutamente contrário a Jesus. Se ele voltasse, ficaria nauseado, desgostoso, vendo o Vaticano, o papa e tudo aquilo que é falado em nome de Cristo. Minha própria sensação é... Alguém me perguntou: “Jesus prometeu voltar – ele vai voltar?”. E eu lhe disse: “Se ele voltar agora, vocês não precisarão crucificá-lo; ele cometerá suicídio! Ver os cristãos será o suficiente para ele cometer suicídio. Por isso minha sensação é de que ele não vai voltar. Uma vez é suficiente; duas vezes será demais”.

Mas estes dois homens, Nietzsche e Lawrence, foram imensamente mal compreendidos no Ocidente. Eles também proporcionaram razões para serem mal compreendidos; eles não podiam fazer diferente, estavam tateando no escuro. É claro que a direção estava correta; se eles estivessem no Oriente, teriam se tornado budas. Eles tinham o potencial – grande potencial, grande discernimento. Concordo com eles em muitos pontos.

D. H. Lawrence era extremamente contrário ao que se chama de educação – não é educação, é deseducação. A verdadeira educação só pode ser baseada no amor, não no conhecimento. A verdadeira educação não pode ser utilitária, a verdadeira educação não pode ser a educação do mercado. Não que a verdadeira educação não lhe dê conhecimento, mas primeiro a verdadeira educação deve preparar seu coração, seu amor. Então, qualquer conhecimento necessário para seu transcurso pela vida lhe será dado, mas ele será secundário. E jamais será predominante; não será mais valioso que o amor. Quando houver uma possibilidade de qualquer conflito entre o amor e o conhecimento, a verdadeira educação irá ajudá-lo a estar pronto para abrir mão do seu conhecimento e ir adiante com o amor. Ela lhe proporcionará coragem, proporcionará aventura. Ela lhe dará espaço para viver, aceitando todos os riscos, todas as inseguranças; irá ajudá-lo a estar pronto para se sacrificar se o amor assim o exigir. Ela colocará o amor não apenas acima do conhecimento, mas até acima da vida, porque a vida não tem sentido sem amor. O amor sem vida é ainda significativo; mesmo que seu corpo morra, isso não faz diferença para sua energia do amor. Ela continua; é eterna, não é um fenômeno do tempo.

Para ter um coração amoroso, você precisa de uma cabeça um pouco menos calculista. Para ser capaz de amar, você precisa ser capaz de se assombrar. Por isso eu sempre digo que o maravilhamento e a inocência infantil estão profundamente relacionados com a energia chamada amor. Na verdade, são diferentes nomes para a mesma coisa.

O que é misticismo?

Misticismo é a experiência de que a vida não é lógica, de que a vida é poesia; de que a vida não é silogismo, de que a vida é uma canção. Misticismo é a declaração de que a vida nunca pode realmente ser conhecida; ela é essencialmente misteriosa.

A ciência divide a existência em duas categorias: o conhecido e o desconhecido. O conhecido foi um dia desconhecido; ele se tornou conhecido. O desconhecido é desconhecido hoje; amanhã ou depois de amanhã ele também vai se tornar conhecido. A ciência acredita que mais cedo ou mais tarde vai se chegar a um ponto de entendimento em que haverá apenas uma categoria: o conhecido, tudo terá se tornado conhecido. O desconhecido está sendo lentamente reduzido ao conhecido.

O misticismo é a declaração de que a vida consiste em três categorias: uma, o conhecido; outra, o desconhecido; e a terceira, e a mais importante, é o incognoscível – que não foi conhecido e que nunca será conhecido. E esse é o centro essencial de tudo.

Esse incognoscível pode ser experienciado, mas não conhecido. Não pode ser reduzido ao conhecimento, embora seu coração possa cantar sua canção. Você

pode dançá-lo, pode vivê-lo, pode estar repleto e inundado dele – pode estar possuído por ele –, mas não será capaz de conhecê-lo.

É como quando um rio desaparece no oceano. Você acha que o rio vem a conhecer o oceano? Ele se torna o oceano, mas não há conhecimento nisso. Na verdade, quando você se funde a alguma coisa, como pode “saber”? O conhecimento requer divisão; o conhecimento é basicamente esquizofrênico. O objeto tem de ser separado do sujeito; o conhecedor tem de manter uma distância do conhecido. Se a distância desaparece, não haverá conhecimento possível.

E é isso que acontece no misticismo: o buscador se funde com o buscado, o amor se dissolve no amado, a gota de orvalho desliza, cai no oceano e se torna o oceano. Não há conhecimento. Em tal unidade o conhecimento não é possível. Em tal unidade há apenas experiência, e não a experiência de algo externo a você, mas de algo dentro de você. É mais experienciar do que experimentar.

A palavra “misticismo” vem de uma palavra grega, *mysterion*, que significa “cerimônia secreta”. As pessoas que tocaram o incognoscível se reúnem para compartilhar. O compartilhamento não é verbal; não pode ser verbal. O compartilhamento é do seu ser; eles derramam seu ser um no outro. Dançam juntos, cantam juntos, olham nos olhos um do outro ou simplesmente sentam-se juntos em silêncio. Isso foi feito com Buda, com Krishna, com Jesus, de maneiras diferentes. Os adoradores de Krishna dançavam com ele. Isso era um *mysterion*, uma cerimônia secreta. Se você olhar de fora para o que está acontecendo, não conseguirá saber o que está realmente acontecendo. A menos que se torne um participante, a menos que você dance com Krishna, não saberá o que está sendo compartilhado, porque o que está sendo compartilhado é invisível. Não é uma mercadoria, não pode ser transferido de uma mão para outra; você não verá nada parecido com isso acontecendo. Não é algo objetivo. É o fluir de um ser em outro, o fluir da presença do mestre no discípulo.

Esses tipos de cerimônias secretas na Índia têm sido chamados de *ras*; na tradição de Krishna são chamados de *ras*. *Ras* significa dançar com o mestre, para que sua energia flua e a energia do mestre flua. E só as energias que fluem podem se encontrar. Os lagos estagnados não podem se encontrar, só os rios podem se encontrar. Só mediante o movimento o encontro é possível.

Mas o mesmo também estava acontecendo com Buda, sem dança visível. Buda ficava sentado em silêncio, seus discípulos ficavam sentados em silêncio; isso era chamado *satsang*, “estar com a verdade”. Buda tinha se iluminado; tornou-se uma luz em si mesmo. Outros que ainda não estavam iluminados, cujas velas ainda não haviam sido acesas, sentavam-se próximos a ele, em intimidade, em profundo amor e gratidão. Em seu amor, em seu silêncio, tornavam-se cada vez mais próximos de Buda. Lentamente, muito lentamente, chega um momento em que o espaço entre o mestre e o discípulo desaparece – e há o salto da chama do mestre para o discípulo. O discípulo está pronto para recebê-la; o discípulo é bem-vindo. O discípulo é feminino, é uma receptividade, um útero. Isso também é um *mysterion*, uma cerimônia secreta.

Isso acontecia repetidas vezes com Zaratustra, com Lao-tsé, com Jesus, de

maneiras diferentes. É o que está acontecendo aqui. Enquanto estou falando com você, se você for apenas uma pessoa curiosa que veio aqui para escutar e ver o que está acontecendo, escutará apenas as minhas palavras. Perderá o verdadeiro tesouro. As palavras são faladas apenas para aqueles que não conseguem escutar o silêncio.

Mas aqueles que se tornaram íntimos meus, aqueles que se tornaram *sannyasins*, estão ouvindo as palavras, mas não estão de maneira alguma as dissecando, as analisando ou argumentando intelectualmente com as palavras. As palavras são ouvidas como alguém ouve música; as palavras são ouvidas como alguém ouve o vento soprando entre pinheiros; as palavras são ouvidas como alguém ouve as gotas de chuva caindo no telhado ou o rugido das ondas no oceano. E, enquanto a mente está ouvindo a música, o coração começa a absorver o ser, a presença. Isso é um *mysterion*, isso é uma cerimônia secreta.

Mas por que ela é chamada de “secreta”? Não é secreta no sentido de que a estejamos ocultando em algum lugar de uma caverna. É secreta porque só está disponível quando você está relacionado com o mestre em amor profundo. Outros têm permissão para estar presente, mas para eles ela vai permanecer invisível; por isso é chamada de secreta. Quando Buda está sentado com seus discípulos, ele não está se escondendo em algum lugar nas montanhas – ele está no mundo, as pessoas podem chegar, ir até onde ele está e ver –, mas ainda assim a cerimônia é secreta. Esse segredo é algo a ser entendido. Essas pessoas que vêm para ver só verão alguns corpos sentados em silêncio, isso é tudo. Elas não verão a transferência da luz, a transferência além das escrituras, que está acontecendo.

Esse é o caso aqui também. Todos os dias chegam observadores, espectadores; eles veem vocês sentados aqui me escutando, dançando ou meditando, e acham que entenderam o que acontece. Eles partem e começam a apresentar relatos “abalizados” sobre o lugar. Podem ter estado aqui apenas um dia ou dois e já se tornam especialistas. Estão sendo simplesmente estúpidos. Não entenderam uma palavra, não sabem nada sobre misticismo. Todos os seus relatos são falsos, inerentemente falsos. Para saber algo do que está acontecendo aqui, a pessoa terá de se tornar um participante, terá de entrar em profunda harmonia comigo e com o espaço que está sendo criado aqui. Não pode ser um espectador; não pode observar de fora. Essas coisas não são observadas de fora; elas são secretas.

Você tem de se dissolver. Tem de arriscar. Só então haverá algum sabor na sua língua; só então haverá alguma experiência em seu coração; só então alguma vibração penetrará em você e se tornará parte de sua vida. Esse é o significado da “cerimônia secreta”. Ela está disponível para qualquer um ver, mas só aqueles iniciados nela serão realmente capazes de vê-la.

Mysterion, por sua vez, vem de outra raiz, *myein*, que significa “manter a boca fechada”. Misticismo significa que você viu alguma coisa, experienciou alguma coisa, mas não pode expressá-la. Misticismo significa que você se deparou com uma verdade que o deixa mudo. É tão grande, tão imensa, tão enorme, que não pode ser contida em nenhuma palavra. Nem mesmo a palavra *Deus* pode contê-

la. Por isso Buda eliminou a palavra *Deus*. É maior do que aquilo que a palavra *Deus* pode conter. Nem a palavra *alma* pode contê-la; por isso Buda eliminou também essa palavra. Essas são apenas palavras; a realidade é bem mais rica.

Observe também sua vida cotidiana. Quando você diz algo, isso expressa realmente o que você quer dizer? Você viu uma bela árvore e, quando diz a alguém, “Eu vi uma bela árvore”, o que contêm as palavras “bela árvore”? Elas não contêm o verde da árvore; elas não contêm a forma que surge da árvore, as raízes que penetram profundamente na terra. As palavras não contêm os raios solares que caem nas folhas da árvore e dançam, ou as belas flores da árvore, e a fragrância, e o cheiro da terra úmida que cerca a árvore, e os ninhos dos pássaros e o canto dos pássaros. O que as palavras contêm quando você diz “Eu vi uma bela árvore”? Não contêm nada. As palavras não têm raízes, as palavras não têm asas, as palavras não têm dourado, não têm verde, não têm vermelho – as palavras são incolores. As palavras são muito pobres. “Árvore”? Isso é apenas simbólico; mas é significativo porque todos nós conhecemos árvores, e quando alguém diz “Eu vi uma bela árvore” você pode ter um pequeno entendimento a respeito dela.

Mas, no que diz respeito a Deus, nem mesmo esse pequeno entendimento é possível, a menos que você tenha visto Deus. Se eu digo “Deus é”, você ouve a palavra, mas não ouve o significado; você não pode ouvir o significado. Não há resposta em seu coração. Quando eu digo “uma bela rosa”, há uma pequena resposta; e, se você fechar os olhos e meditar um pouco sobre a palavra *rosa*, pode começar a ver uma rosa abrindo suas pétalas em seu ser, porque você já viu rosas. Se você for realmente uma pessoa sensível, poderá até começar a sentir o cheiro da rosa e ver as gotas de orvalho no início da manhã sobre as pétalas da rosa. Alguma lembrança pode ser evocada, alguma experiência pode adquirir vida, você pode começar a ter reminiscências; mas isso acontece porque você conheceu uma rosa. E quanto à pessoa que nunca viu uma rosa? Então apenas a palavra *rosa* não irá despertar nenhuma sensação nela, não produzirá nenhuma imagem. A palavra será ouvida, mas não será escutada; não haverá significado por trás dela.

É isso que acontece quando a palavra *Deus* é usada; é o que acontece quando a palavra *oração* é usada; é o que acontece quando a palavra *gratidão* é usada, e assim por diante. Você não tem nenhum entendimento, porque não tem nenhuma experiência.

Aqueles que experienciaram ficam mudos. Não que parem de falar, mas falam sobre os métodos, falam sobre o caminho. Não falam sobre a verdade. Eles mostram como atingi-la, mostram como evitar as ciladas no caminho, mostram como não se desviar. Eles dizem: “Este é o caminho, esta é a direção”. Eles lhe dão alguns mapas, indicam-lhe alguns sinais que você encontrará no caminho, para você se certificar de que está indo na direção certa. Isso é tudo o que podem fazer. Mas sobre a verdade, ou sobre Deus, não podem dizer uma única palavra.

Assim, esse significado é também belo; *myein* significa “manter a boca fechada”. Ele se origina destas duas palavras: de *myein* vem *mysterion*, de

mysterion vem “misticismo”.

O misticismo é a verdadeira alma da religião.

Daí a minha insistência: desprenda-se da mente que pensa em forma de prosa; desperte outro tipo de mente que pense em forma de poesia. Coloque de lado toda a sua destreza em silogismo; deixe que as canções sejam seu modo de vida. Mova-se do intelecto para a intuição, da cabeça para o coração, porque o coração está mais próximo dos mistérios. A cabeça é o antimistério; todo o esforço da cabeça é o de desmistificar a existência.

Por isso, a religião desapareceu sempre que a ciência se desenvolveu. Sempre que a mente se torna treinada em modos científicos de pensar e fazer, a religião simplesmente morre; então a flor da religião não mais floresce. No solo da mente científica há algum veneno que não permite que a semente da religião cresça – ele a mata. O que é esse veneno? A ciência acredita na desmistificação da existência. A religião diz que ela não pode ser desmistificada. Quanto mais fundo vai seu entendimento, mais místico ele se torna, mais misterioso ele se torna.

E agora há a possibilidade de a ciência e a religião poderem se unir, porque os maiores cientistas também perceberam isso, de uma maneira muito indireta. Por exemplo, Eddington, Einstein e outros chegaram a uma percepção de que, quanto mais conhecimento eles têm sobre a existência, mais confusos se sentem, porque, quanto mais eles sabem, mais há a saber. Quanto mais eles sabem, mais seu conhecimento parece superficial. Einstein morreu quase um místico; aquele velho orgulho de que “chegarà o dia em que conheceremos tudo” desapareceu. Ele morreu de um modo quase meditativo; não morreu como um cientista, mas mais como um poeta.

Eddington escreveu que “Primeiro costumávamos acreditar que o pensamento é apenas um subproduto” – assim como Karl Marx diz que a consciência é apenas um subproduto de situações sociais – “um subproduto, um epifenômeno da matéria, uma sombra da matéria. Matéria é substância; consciência é apenas uma sombra, muito insubstancial”.

Eddington diz: “Eu também estava perfeitamente convencido” – porque esse era o clima daquela época. Durante três séculos, no Ocidente, a ciência foi aumentando o clima. Eddington cresceu nesse clima, mas depois, no final de tudo, em seus últimos dias, ele disse: “Agora as coisas mudaram. Quanto mais eu me aprofundi nas investigações, mais me convenci de que o mundo não consiste em coisas, mas consiste em pensamentos – e a existência se parece menos com matéria e mais com consciência”.

Esta é uma boa notícia; a ciência está se aproximando de um grande entendimento. Esse entendimento está surgindo do seu fracasso em desmistificar a existência.

Mas eu não vejo um entendimento similar surgindo nas chamadas pessoas religiosas. Elas estão ficando bem para trás; estão todas falando à moda antiga e estúpida. Ainda estão obcecadas com os Vedás, o Alcorão e a Bíblia. Não que os Vedás estejam errados ou que o Alcorão ou a Bíblia estejam errados – eles estão

perfeitamente certos –, mas estão expressados de uma maneira muito antiga, muito primitiva. Não são capazes de se adequar à ciência moderna. Precisamos de místicos religiosos contemporâneos do mesmo calibre de Albert Einstein, Eddington e Planck. Este é meu esforço aqui: criar místicos contemporâneos, não eruditos que falem como papagaios sobre os Upanishads e os Vedas. Não, eruditos não servem.

Precisamos de místicos contemporâneos; precisamos de pessoas em cujo coração possa surgir novos Upanishads. Precisamos de pessoas que possam falar da maneira como Jesus falava, a partir de sua própria autoridade. Precisamos de místicos corajosos que possam dizer que experienciaram Deus, não porque as escrituras dizem que Deus existe, mas porque eles conheceram Deus; não apenas pessoas instruídas, pessoas eruditas, mas pessoas sábias.

Chega de academicismo! O academicismo é muito medíocre; o academicismo não consegue unir a ciência moderna ao misticismo. Precisamos de budas, não de pessoas que sabem sobre Buda. Precisamos de pessoas que meditem, que amem, que experienciem. Então o dia estará pronto, o momento chegará em que a ciência e a religião poderão se unir e se fundir, poderão estar ligadas. E esse dia será um dos maiores dias de toda a história da humanidade; será um grande dia de regozijo, incomparável, único, porque a partir desse dia a esquizofrenia, a humanidade dividida, vai desaparecer do mundo. Então não precisaremos ter duas coisas, a ciência e a religião. Elas serão uma coisa só.

Para o exterior ela usará a metodologia científica; para o interior ela usará a metodologia religiosa. E “misticismo” é uma bela palavra; ela pode ser usada para uma ciência ou uma religião. “Misticismo” será um belo nome. Então a ciência vai buscar o mistério exterior e a religião vai buscar o mistério interior; elas serão as duas asas do misticismo. O misticismo pode se tornar a palavra que denota ambas. O misticismo pode ser a síntese de ambas.

E com essa síntese muito mais sínteses vão acontecer espontaneamente. Por exemplo, se a ciência e a religião puderem se encontrar no misticismo, então o Oriente e o Ocidente poderão se encontrar, então o homem e a mulher poderão se encontrar, então a poesia e a prosa poderão se encontrar, então a lógica e o amor poderão se encontrar, e então, camada sobre camada, os encontros poderão continuar acontecendo. E, quando isso acontecer, teremos um homem mais perfeito, mais inteiro, mais equilibrado.

Em sua opinião, qual é a coisa mais surpreendente na vida?

A coisa mais surpreendente na vida é que ninguém parece estar surpreso. As pessoas encaram a vida como uma coisa corriqueira. Do contrário, tudo é um mistério, tudo é simplesmente espantoso! É um milagre que uma semente se torne uma árvore, que quando o sol nasce de manhã os pássaros comecem a cantar. É um milagre! A cada momento você depara com milagres e ainda assim

não parece surpreendido. Esta é a coisa mais surpreendente na vida, que as pessoas a encarem como uma coisa corriqueira. Só as crianças não a encaram dessa forma. Por isso as crianças têm beleza, uma graça, uma inocência. Elas estão sempre vivendo no encantamento; tudo as deixa encantadas. Catando seixos na praia, com conchinhas... Observe as crianças, a alegria com que correm, a alegria com que juntam apenas pedras coloridas, como se tivessem encontrado grandes diamantes. Colhendo flores, flores do campo, olhe em seus olhos... Ou correndo atrás de borboletas, observe-as. Todo o seu ser, cada célula do seu ser, está tomada pelo encantamento. E essa é a qualidade mais importante que faz a vida ser digna de ser vivida.

A pessoa que perde sua qualidade de ser surpreendida está morta. No momento em que sua capacidade de se surpreender morre, você está morto. No momento em que sua capacidade de se encantar está morta, você está morto. No momento em que você se tornar incapaz de ficar pasmo, você ficou impotente.

E nascer com o dom do riso e com uma sensação de que o mundo é louco é a qualidade que torna a vida digna de ser vivida – não apenas digna de ser vivida, mas digna de ser dançada, digna de ser celebrada.

Um velho fazendeiro foi a um circo pela primeira vez. Ele ficou diante da jaula do dromedário, seus olhos saindo das órbitas e boquiaberto diante do estranho animal que estava dentro dela. O espetáculo começou, e aquela enorme quantidade de pessoas se dirigiu para assistir ao show principal, mas o velho continuou diante daquela jaula em um silêncio estupefato, observando cada detalhe das pernas malformadas, dos cascos rachados, do lábio superior pendente e das costas curiosamente protuberantes daquele animal de olhos sonolentos.

Quinze minutos se passaram. Então o fazendeiro se afastou, enojado. “Droga!”, exclamou ele. “Esse animal não existe!”

Em vez de se sentirem surpreendidas, as pessoas preferem negar: “Esse animal não existe!”. Isso as deixava novamente à vontade; do contrário, surgiria nelas uma inquietação.

Ouvi falar de um general, um grande militar que estava servindo em Paris. Certa manhã, ele levou seu filho pequeno até uma praça, para uma caminhada matinal. Ficou muito contente quando a criança ficou fascinada pela estátua de Napoleão montado em um cavalo, um enorme monumento de mármore. A criança disse: “Papai, Napoleão é tão bonito, tão grande! Você pode me trazer aqui todos os dias quando vier caminhar pela manhã, só para eu ver Napoleão?”.

O pai, sendo um general, ficou muito contente que a criança também estivesse ficando interessada em pessoas como Napoleão: “Este é um bom sinal! Mais cedo ou mais tarde ele também vai se tornar um grande general!”. Depois de seis meses, ele estava prestes a ser transferido, e então levou o filho pela última vez ao parque para que ele pudesse se despedir de Napoleão. O filho o acompanhou, com lágrimas nos olhos, e disse ao pai: “Eu sempre quis lhe fazer uma pergunta, mas ficava tão fascinado com o grande Napoleão quando vinha ao parque que sempre acabava me esquecendo de lhe fazer a pergunta. Agora, como este é o último dia, eu gostaria de saber. Quem é esse sujeito que está

sempre sentado em cima do pobre Napoleão?”.

Se você observar a vida, encontrará em toda parte imensas surpresas.

Ele tinha 50 anos de idade e havia passado os melhores anos da vida com uma mulher cujas críticas constantes sempre o deixavam louco. Então, com a saúde deficiente e à beira da falência, tomou uma decisão. Foi até a sala de jantar, amarrou sua gravata no lustre e estava prestes a acabar com tudo. Naquele momento, sua esposa entrou na sala. “John!”, gritou ela, chocada com a cena. “Essa é sua melhor gravata!”

Basta olhar em volta!

Um soldado desembarcou em Nova York depois de dois anos no exterior e foi recebido por sua bela esposa. Sozinhos finalmente em um quarto de hotel, foram perturbados por um repentino clamor no corredor e um grito de “Deixe-me entrar!”.

O soldado perturbado pulou da cama e disse: “Deve ser seu marido!”.

Sua parceira distraída o tranquilizou. “Não seja tolo!”, disse ela. “Ele está a milhares de quilômetros em algum lugar na Europa!”

Uma pessoa só precisa ter uma perspectiva clara, e a cada momento se depara com uma grande surpresa.

Ela era muito míope e muito bonita, mas vaidosa demais para usar óculos em sua lua de mel, e não conseguia usar lentes de contato. Quando voltou da lua de mel, sua mãe imediatamente a pôs em contato com o oftalmologista. “O senhor precisa ver minha filha imediatamente”, implorou ela. “É uma emergência!”

“Não há nada com que se preocupar”, ele a tranquilizou. “Ela é míope, isso é tudo.”

“Isso é tudo?”, perguntou a mãe. “Então por que este rapaz que ela trouxe com ela não é o mesmo com o qual saiu em sua lua de mel?”

A coisa mais surpreendente é que você não parece surpreso. E é assim que sua vida se torna uma vida tediosa, uma vida triste.

Recupere sua capacidade de se surpreender, como a que tinha em sua infância. Torne a olhar as coisas com aqueles mesmos olhos inocentes. Dionísio chamava isso de *agnosia*, um estado de não conhecimento, e os *Upanishads* o chamam de *dhyana*, *samadhi*, um estado de não conhecimento. Não é ignorância. Ignorância e conhecimento pertencem à mesma dimensão: ignorância significa menos conhecimento, conhecimento significa menos ignorância; a diferença é de graus. *Agnosia*, *samadhi*, não é ignorância; é algo que está além da ignorância e do conhecimento. É um puro estado de encantamento. Quando você está repleto de encantamento, sua existência está repleta do divino.

Qual é a diferença entre olhar e ver?

Há uma grande diferença. Olhar significa que você está *buscando* algo; você tem alguma ideia do que buscar. Você vem aqui e diz: “Estou olhando para ver se encontro John” – então você tem uma ideia. Aí você olha em torno para ver onde está John. A ideia já está ali: seu olhar já está preconcebido. Se você estiver olhando para ver se encontra Deus, nunca encontrará Deus, porque buscá-lo significa que você já tem uma determinada ideia de quem é Deus. E sua ideia pode ser cristã, judaica, hinduísta ou muçulmana. Sua ideia será seu conceito, e seu conceito nunca poderá ser mais elevado do que você. Seu conceito está fadado a ser seu conceito. Seu conceito está fadado a estar enraizado na ignorância, tomado emprestado. No máximo, ele é apenas crença; você foi condicionado a ele. Então, continua procurando.

Uma pessoa que está buscando a verdade nunca vai encontrá-la, porque seus olhos já estão corrompidos; ela já tem um conceito estabelecido. Ela não está aberta. Se você chegou até mim para buscar algo, então já tem uma ideia – você vai se distanciar de mim. Assim, o que quer que eu diga você vai interpretar de acordo com sua ideia, e esse não será meu significado. Será seu significado. Você pode se ver concordando comigo, você pode se ver não concordando comigo – mas concordar ou não concordar não é a questão que importa, não significa absolutamente nada. Você se distanciou de mim. Você pode concordar, mas está concordando com sua própria ideia. Você diz, “Sim, este homem está certo”, porque este homem se ajusta à sua ideia. Sua ideia está certa, por isso este homem está certo. Ou você não concorda porque ele não se ajusta à sua ideia. Mas em ambos os casos o mais importante é sua ideia. Você vai se distanciar de mim.

Uma pessoa que está buscando algo sempre vai se distanciar do que está buscando.

Ver é simplesmente clareza – olhos abertos, mente aberta, coração aberto; não buscar algo em particular, mas simplesmente estar pronto e receptivo. O que quer que aconteça, você vai permanecer alerta, receptivo, perceptivo. Uma conclusão não está ali. A conclusão ainda está por vir: com seus olhos você verá, e então haverá uma conclusão. A conclusão está no futuro. Quando você está *vendo*, a conclusão ainda não está lá. Quando você está *olhando*, buscando, a conclusão já está lá. E vamos interpretar segundo as nossas ideias.

Na noite passada, eu estava lendo uma piada:

Uma criança pequena está lendo um livro de figuras sobre a vida selvagem e fica intrigada com as ilustrações de leões ferozes. Ela lê tudo o que está escrito ali, mas uma pergunta não é respondida e então ela a formula para sua mãe: “Mãe, que tipo de vida amorosa têm os leões?”.

A mãe diz: “Filho, não sei muita coisa sobre os leões porque todos os amigos do seu pai são Rotarianos”.

Se você tem alguma ideia em mente, você corrompe. Então você não está escutando o que está sendo dito – está escutando segundo você mesmo. Então, sua mente está desempenhando um papel ativo. Quando você está olhando, buscando, sua mente está ativa. Quando você está vendo, a mente está passiva.

Essa é a diferença. Quando você está olhando, a mente está tentando manipular. Quando você está vendo, a mente está silenciosa, apenas observando, disponível, aberta, sem nenhuma ideia em particular para impingir à realidade.

Ver é estar nu. E você só pode chegar à verdade quando está absolutamente nu; quando se despojou de todas as suas roupas, de todas as filosofias, de todas as teologias, de todas as religiões; quando você descartou tudo o que lhe foi dado, quando ficou de mãos vazias, sem nenhum tipo de conhecimento. Quando você chega com conhecimento, você já chega corrompido. Quando você chega com inocência, sabendo que não sabe, então as portas estão abertas – e aí você será capaz de saber. Só aquela pessoa que não tem conhecimento é capaz de saber.

Corações e mentes

Quando sua criança está realmente viva e dançando com você, isso vai mudar o verdadeiro sabor de sua vida. Isso lhe proporcionará um senso de humor, um belo riso, e vai destruir toda a sua pressa. Vai torná-lo uma pessoa de coração.

Eu sinto que sei as respostas; então por que ainda permito que as perguntas se tornem problemas?

Não há respostas, há apenas a resposta. E essa resposta não é da mente; essa resposta não pode ser da mente. A mente é uma multiplicidade. A mente tem respostas e respostas, mas não a resposta. Essa resposta é um estado de não mente. Não é verbal. Você pode conhecê-la, mas não pode reduzi-la a conhecimento. Você pode conhecê-la, mas não pode dizê-la. Ela é conhecida nos recessos mais profundos do seu ser. Ela é a luz que ilumina seu interior.

Ela não é uma resposta para alguma pergunta específica. Ela é o fim de todo questionamento; não se refere a nenhuma pergunta. Ela simplesmente dissolve todas as perguntas, e você é deixado num estado sem nenhuma pergunta... essa é a resposta. A menos que ela seja conhecida, nada é conhecido. Por isso, você pode achar que conhece as respostas, mas as perguntas ainda continuarão surgindo, as perguntas continuarão o torturando. Perguntas ainda podem surgir porque a raiz ainda não foi extirpada. Novas folhas estarão brotando, novos ramos estarão surgindo.

A raiz só é cortada quando você se desconecta da mente, quando se torna tão consciente, tão vigilante que pode enxergar a mente como separada de você; quando desaparece toda identidade com a mente; quando você é um observador nas colinas e a mente é deixada bem fundo na escuridão dos vales; quando você está nos picos iluminados pelo sol, apenas uma mera testemunha, vendo, observando, mas sem estar identificado com nada – bom ou ruim, pecador ou santo, isto ou aquilo. Nesse testemunhar, todas as perguntas se dissolvem. A mente se funde, evapora. Você é deixado como um ser puro, apenas uma pura existência – uma respiração, um batimento do coração, totalmente no momento, sem passado, sem futuro e, portanto, também sem presente.

Até que esse estado surja, você sentirá muitas vezes que conhece as respostas, mas cada resposta só provocará novas perguntas. Cada resposta desencadeará em você novas cadeias de perguntas. Você pode ler, pode estudar, pode pensar, mas vai ficar cada vez mais na mira da mente, mais enredado, mais capturado. Saia fora da mente!

Assim, não vou lhe dar a resposta, estou tentando lhe apontar a resposta. Você não pode usar o plural para ela, porque ela é uma só. É um estado de absoluto silêncio, paz, não pensamento. Buda o chama de plena atenção, *sammasati*. E ele

diz que, para aqueles que estão em plena atenção, alertas, conscientes, a verdade chega espontaneamente. Você não precisa procurá-la em lugar nenhum, ela chega até você. Você não precisa sequer procurar e buscar, pois como poderia procurar e buscar? Partindo de sua ignorância, o que quer que você faça lhe proporcionará mais ignorância. Partindo de sua ignorância, onde quer que você vá irá se desviar do caminho certo. Partindo de sua confusão, como poderá encontrar clareza? Partindo de sua confusão, você vai se tornar cada vez mais confuso – na busca da clareza.

Estar em silêncio é ter a resposta. Estar em silêncio é estar sem perguntas... E a raiz é cortada, e então não surgem mais folhas.

Você diz: “Eu sinto que sei as respostas”. Isso é apenas uma ilusão. E a mente é muito esperta em criar ilusões. A mente é muito enganosa; ela pode enganá-lo também no seu conhecimento. Pode enganá-lo em tudo! Pode até fazê-lo acreditar que você está iluminado, que já é um buda. Tome cuidado – o único inimigo é a mente; não há outro inimigo.

As antigas escrituras falam sobre a mente. Elas têm um nome especial para ela – chamam-na de demônio! O demônio não é alguém que está fora de você; é sua própria mente que continua tentando-o, que continua enganando-o, iludindo-o, que continua criando novas ilusões em você. Tome cuidado, observe a mente! E, observando-a, as perguntas desaparecem – não que tenham sido respondidas, deixe-me repetir isso novamente. Um buda não conhece nenhuma resposta – ele não chega à conclusão sobre todas as respostas, de forma alguma. Ao contrário, ele não tem mais perguntas. E, como ele não tem mais perguntas, todo o seu ser tornou-se a resposta.

Esse momento é possível. É todo o meu trabalho aqui. Não estou aqui para lhe dar mais informações; isso você pode obter em qualquer lugar. Existem milhares de universidades, existem milhares de bibliotecas. Informações você pode obter em qualquer lugar, você pode se tornar instruído em qualquer lugar. Meu esforço é fazê-lo desaparecer tudo o que tiver aprendido até agora, torná-lo tão inocente que possa começar a atuar a partir de um estado de não saber. Para que você não tenha nenhuma resposta, para que aja espontaneamente, não a partir do passado e a partir das conclusões a que já chegou. Para que você não tenha nenhuma fórmula pronta para nada... para que você seja como uma criança pequena espelhando a realidade.

E, quando você estiver em silêncio, sem qualquer conhecimento vociferando dentro de você, sua percepção será clara – não haverá poeira no espelho: você reflete aquilo que é. E a partir disso qualquer ação que surgir será virtude.

De onde vem o frescor?

Ele não vem de lugar nenhum; está sempre aqui. A existência é o próprio frescor. A existência é fresca, porque está sempre aqui e agora. Ela não é

sobrecarregada pelo passado, não coleta nenhuma poeira do passado. Nunca é velha. O tempo não produz impacto na existência. O tempo não existe no que se refere à existência. O tempo só existe para a mente; é uma invenção da mente. Na verdade, tempo e mente são sinônimos. Pare a mente e o tempo para.

Alguém pergunta a Jesus: “Qual será a coisa mais singular em seu reino de Deus?”. E Jesus diz: “Lá não haverá mais tempo”. Uma resposta muito inesperada: “Lá não haverá mais tempo”. Essa será a coisa mais singular no Reino de Deus – pois, se não haverá mente, como poderá haver tempo?

O tempo não consiste, como é ordinariamente concebido, de três tempos, de passado, presente e futuro. O tempo consiste apenas de dois tempos: passado e futuro. O presente não faz parte do tempo; o presente está além do tempo. E o presente é sempre fresco. O presente faz parte da eternidade. O presente é a penetração do eterno no mundo sonhado do tempo, um raio de luz na escuridão da mente.

O passado não tem frescor – não pode ter, é óbvio. É sempre sujo, está sempre fedendo – fedendo a morte, fedendo a tudo que está podre, fedendo a tradição, fedendo a cadáveres. O passado é um cemitério. E o futuro não é nada senão uma projeção do passado morto. E, partindo do passado morto, o futuro não pode estar vivo – o morto só pode projetar o morto. Qual é seu futuro? Um passado modificado, retocado aqui e ali; um pouco melhor, um pouco mais sofisticado, um pouco mais confortável, mas é o mesmo passado. Você está ansiando por repeti-lo.

Seu futuro não tem nada novo; não pode ter. A mente é impotente no que se refere ao novo. Ela só pode se mover dentro do pequeno mundo do que é familiar, do que é conhecido – e o conhecido é o passado. O futuro não é senão um desejo de repeti-lo – de uma maneira melhor, é claro. Por isso o futuro também não é novo. O presente é.

Você me pergunta: “De onde vem o frescor?”.

O frescor nunca chega e nunca parte. Está sempre aqui, está sempre agora. Você está aqui e agora e, de repente, o frescor – você está banhado na eternidade, inundado por algo que é atemporal. Chame-o de Deus, chame-o de Reino de Deus, chame-o de nirvana ou do que quer que queira chamá-lo. Todos esses nomes se referem ao mesmo inominável. Todas essas palavras tentam expressar o inexpressável.

Simplesmente ponha a mente humana de lado. E com isso eu quero dizer para você pôr de lado o passado e o futuro. E observe. Neste exato momento, todo o paraíso desce sobre você. Você fica inundado. Os pássaros estão cantando e seus cantos são frescos; não estão repetindo velhos cantos. Eles não têm ideia dos outros e não estão cantando para o futuro. Não estão ensaiando para os amanhã. As árvores estão frescas. Tudo está fresco, exceto o homem.

Então, não pergunte “De onde vem o frescor?”. Pergunte “De onde vem este embotamento, este mofo, esta morte?”. Porque esta morte vem e vai. O frescor está sempre ali – ele é a verdadeira natureza da existência. É a presença de Deus.

A meditação não é nada senão um método para conectá-lo com o eterno, para conduzi-lo além do tempo, além daquilo que nasce e morre, para conduzi-lo além de todos os limites, para conduzi-lo para o inconcebível e o misterioso. E este não está distante; está o mais próximo que pode estar. Até mesmo dizer que ele está próximo não é certo, porque ele é exatamente seu próprio ser, é você. O frescor é sua alma.

Sua mente é tediosa, totalmente tediosa. Saia da mente. Pelo menos por alguns minutos a cada dia, coloque a mente de lado, fique totalmente fora da mente. E então você saberá que o frescor sobre o qual está indagando está brotando de dentro de você. De onde ele vem? Ele vem do seu âmago mais profundo. Na verdade, ele não vem. De repente você descobre que ele sempre esteve ali. Sempre esteve ali como uma corrente subterrânea, oculta por trás de muitas, muitas camadas de lembranças, sonhos e desejos.

Buda diz: “Torne-se sem desejo e saberá. Torne-se desprovido de desejo e você atingirá a esfera que está além do nascimento e da morte, e então entrará no ilimitado”.

Mas por que o homem não vai para dentro ao encontro do seu próprio ser, que está tão perto? Ele está pronto para ir à lua, ele está pronto para ir a qualquer lugar! Ele está pronto para ir às estrelas, mas não está pronto para entrar no seu próprio ser. Por quê? Deve haver alguma razão profunda por trás disso. A razão é que, para entrar dentro de si, você terá de se perder de si mesmo. E o homem tem medo de se perder de si mesmo. Ele se apegar, quer permanecer sendo ele mesmo. Não quer perder sua própria identidade. É uma identidade muito pobre, e também falsa, mas, ainda assim, alguma coisa é melhor do que nada. Essa é nossa lógica.

Não sabemos quem somos, e por isso nos apegamos ao corpo, à mente, ao que quer que nos tenha sido dado – o condicionamento, católico, comunista, hinduísta, muçulmano. Nós nos apegamos a tudo o que nos foi impingido porque isso nos dá uma sensação de conforto como se conhecêssemos a nós mesmos: “Eu sou um comunista”, isso se torna meu autoconhecimento. “Eu sou um católico”, isso se torna meu autoconhecimento. “Eu sou um indiano”, “Eu sou um alemão” – isso se torna meu autoconhecimento.

Você não é comunista nem católico, nem indiano nem alemão. Sua consciência não pode ficar confinada a esses rótulos estúpidos. Sua consciência é tão infinita; ela não pode ficar contida em nenhuma palavra. Ela é tão vasta quanto o próprio céu. Mas você tem medo de penetrar nessa vastidão. Essa vastidão parece o vazio, o vácuo. E então o homem se apegar à sua própria identidade pequena e arbitrária. Daí o medo de penetrar dentro de si mesmo.

Buda disse: “Conheça a si mesmo”. Sócrates disse: “Conheça a si mesmo”. Eles todos disseram: “Conheça a si mesmo”. Todos os despertados têm apenas uma mensagem: “Conheça a si mesmo”. Nós escutamos e, no entanto, não escutamos. Continuamos nos movendo pelos mesmos caminhos apodrecidos, continuamos vivendo da mesma velha maneira miserável. E a razão disso é que a velha maneira miserável tem uma coisa para nos dar: o ego. Se você penetrar dentro de si mesmo, terá de pagar o preço. E o preço é que você terá de perder

seu ego.

Sweeney encontrou Brecon na estrada. “Para onde você está indo”, perguntou ele.

“Estou indo para Connemara”, respondeu Brecon.

“Você quer dizer que está indo para Connemara, se Deus quiser?”

“Não. Estou indo para Connemara, quer Deus queira quer não.”

Por causa dessa observação, o arrogante Brecon foi transformado em um sapo e foi mantido em um lago durante vários dias. Quando completou sua penitência, Brecon foi retransformado à sua forma original. Voltando para casa, começou de novo a embalar seus pertences.

“Para onde você vai agora?”, perguntou Sweeney.

“Eu vou para Connemara.”

“Você quer dizer que vai para Connemara, se Deus quiser?”

“Não!”, gritou Brecon. “Eu vou para Connemara ou volto para o lago do sapo!”

O homem não consegue abandonar seu ego. É melhor ser um sapo! O homem está pronto para ser qualquer coisa. Nós nos tornamos pedras. Só parecemos estar vivos – em 90% do tempo estamos mortos. Sim, nós respiramos, comemos e nos reproduzimos, mas não estamos vivos. Se você estiver vivo não fará a pergunta “De onde vem o frescor?”. Você saberá; não haverá necessidade de fazer a pergunta. Você o estará vivendo a cada momento. Ele está surgindo em você.

É assim que eu me sinto. É assim que todos os budas sempre se sentiram. O frescor não vem de qualquer lugar; ele simplesmente surge dentro de você, e a cada momento. Nunca é o mesmo. É tão fresco quanto as gotas de orvalho no sol do início da manhã. Tremenda é sua beleza e enorme é sua bênção. Mas nada vem sem um preço. Você terá de perder o ego, terá de perder sua ideia de quem você é. Em primeiro lugar, porque ela é falsa. Você na verdade não está perdendo nada – apenas uma ideia, uma ideia muito insubstancial. Mas, repetida com tanta frequência, a ideia se torna profundamente enraizada dentro de você; você ficou hipnotizado por ela.

O ego não é nada senão uma profunda hipnose. E a meditação é o processo de “desipnose”. É o processo de levá-lo de volta àquele estado inocente onde você estava quando ainda não havia sido hipnotizado.

Por isso, Jesus diz repetidamente: “A menos que vocês sejam como crianças pequenas, não entrarão no meu reino de Deus”. O que ele quer dizer com isso? Ele quer dizer que você tem de ser de novo descondicionado, tem de ser desipnotizado.

Toda sociedade o hipnotiza. As sociedades existem na estratégia da hipnose. Um hinduísta significa alguém que foi hipnotizado de certa maneira, a quem foi dito que os Vedas foram escritos por Deus e que somente os Vedas contêm a verdade, que as Bíblias e os Alcorões são todos bobagens. Se isso lhe é repetido durante séculos, começa a ficar cada vez mais profundamente enraizado dentro

de você, torna-se parte de você. Então você começa a repeti-lo – torna-se um disco quebrado. Então você atua apenas como a “Voz do Seu Mestre”; na verdade, não é mais um ser humano.

Até agora, todas as sociedades do passado têm desumanizado os seres humanos. Ainda não fomos capazes de criar uma verdadeira civilização. Todas elas são métodos muito primitivos para controlar as pessoas – feios, violentos, anti-humanos, mas todas as sociedades fizeram isso. Não houve uma única exceção. É realmente surpreendente que de vez em quando uma pessoa escape da nossa atmosfera aprisionadora – como Sidarta Gautama escapou e se tornou um Buda, como Jesus escapou dos judeus e se tornou um Cristo, como São Francisco conseguiu...

O grande milagre no mundo é ser tão inteligente que ninguém, nenhuma sociedade, nenhum Estado, nenhuma Igreja, consiga hipnotizá-lo.

Meu trabalho consiste em desipnotizá-lo. Por isso, todas as sociedades serão contra mim. Cuidado! Estar comigo é perigoso – todos os governos estarão contra você, e isso tem de ser sabido e aceito. Isso tem de ser simplesmente aceito, porque é o que vai acontecer. Quanto mais eu comece a trabalhar profundamente em você... este é apenas o início do trabalho. Eu estou preparando o solo para você levantar voo.

Quando a desipnose começar a funcionar em milhares de pessoas, todas as sociedades, todos os governos, todos os Estados, todas as Igrejas vão ficar contra mim e meu povo – porque isto nunca foi feito antes. Esta é a maior rebelião jamais tentada! Esta é a verdadeira revolução. E se você passar por esta revolução vai saber de onde vem o frescor.

Ela vem do seu mais profundo âmago. Deus não está fora de você; está no seu próprio centro, no seu próprio solo. O frescor vem dele, a vida vem dele, o amor vem dele, o êxtase vem dele. Tudo que é importante – poesia e música – vem dele. E, quando a dança vem de dentro, ela tem uma qualidade totalmente diferente: ela é espiritual, ela é divina.

Por que o homem desenvolveu tal complexidade, e por que ele demonstra tal desconfiança e descrença nas coisas simples?

O simples não é um desafio para o ego do homem; o difícil é um desafio; o impossível é realmente um grande desafio. O tamanho que você quer ter de ego pode ser conhecido pelo desafio que você aceitou, por sua ambição; isso é mensurável. Mas o simples não tem atrativos para o homem. O simples é a morte do ego.

E o homem escolheu complexidades até mesmo em locais em que não havia necessidade de nenhuma complexidade, pela simples razão de que com a complexidade ele pode continuar crescendo e fortalecendo seu ego. Ele continua a se tornar cada vez mais importante na política, na religião, na sociedade – em

toda parte.

Toda a psicologia é montada para fortalecer o ego. Mesmo esses tolos, os psicólogos, enfatizam o ponto de que um homem necessita de um ego forte. Então, a educação é um programa para lhe dar ambição por meio de punição e recompensa, para direcioná-lo em determinada direção. Seus pais, desde o início, estão esperando demais de você. Eles acham que talvez Alexandre, o Grande, tenha nascido no seio deles, ou que sua filha não seja outra que não a reencarnação de Cleópatra. Os pais o condicionam desde o início a pensar que, a menos que você prove seu valor, você não servirá para nada. O homem simples é considerado um pateta.

Até agora o homem simples não foi o objetivo da sociedade humana. E o homem simples não pode ser o objetivo, porque você já nasce simples! Toda criança é simples, apenas uma tela em branco. Então os pais começam a escrever em sua tela o que ela tem de se tornar. Então os professores, os sacerdotes, os líderes – todos continuam enfatizando que você tem de se tornar alguém; do contrário, você desperdiçou sua vida. O caso é justamente o contrário.

Você é um ser. Não precisa ser nenhuma outra coisa. Esse é o significado da simplicidade: permanecer à vontade com seu próprio ser e não seguir nenhum caminho para se tornar algo – caminho esse que não tem fim.

Não há nenhum lugar em que você sinta: “Agora minha jornada está terminada. Cheguei ao ponto mais alto que desejei”. Ninguém em toda a história da humanidade foi capaz de fazer isso, pela simples razão de que o homem se move em círculo. Então, de uma maneira ou de outra, alguém está sempre à sua frente.

Você pode se tornar o presidente dos Estados Unidos, mas diante de Muhammad Ali, o Grande, você se sente inferior. Você não tem aquela força animal. Muhammad Ali pode dar um soco no nariz de Ronald Reagan, e Ronald Reagan vai cair desacordado no chão. E você pode continuar contando um, dois, três – Ronald Reagan não vai tornar a se levantar para levar outro soco. Ele está simplesmente esperando o número dez; então ele poderá se levantar e ir para o hospital. Você pode se tornar o primeiro-ministro de um país, mas ao se encontrar com Albert Einstein vai parecer um pigmeu – não um primeiro-ministro, mas um pigmeu.

A vida é multidimensional. É impossível atingir todas as direções e ser o primeiro em todas as direções. Essa é uma pura impossibilidade; a existência não funciona dessa maneira.

O ego é a doença do homem. Os interesses constituídos querem que você permaneça doente. Eles não querem que você seja saudável e inteiro, porque seu ser saudável e inteiro é um perigo para seus investimentos de interesse. Por isso ninguém quer ser simples, ninguém quer ser um ninguém. E toda a minha abordagem é no sentido de que você se sinta à vontade consigo mesmo, que aceite seu ser.

Tornar-se é doença; ser é saúde. Mas ser simples, inteiro, saudável,

abençoado, você não experimentou isso. Sua sociedade não lhe permitiu isso um único momento; por isso, você só conhece um caminho: o caminho do ego. Foi-lhe dito, por exemplo, para ser como Jesus Cristo. Há sociedades que visam que todos se tornem um deus. Que mundo insano! Você tem de sair de toda essa programação. Se quiser desfrutar, relaxar, sentir a paz e a beleza da existência, tem de se desprender desse falso ego.

Eu não quero tirar nada de você. Quero apenas tirar seu ego de você, o qual, de todo modo, é apenas uma fantasia. O ego não é uma realidade; portanto, na verdade não estou tirando nada de você. E quero lhe dar seu ser. É claro que não preciso dá-lo a você. Você já o tem! Você só tem de ser sacudido e despertado para a imensa beleza da inocência.

Esse é o momento em que você atinge o estado da criança.

Nada está em risco. E você está correndo atrás de sombras que jamais conseguirá pegar, esquecendo-se de todos os tesouros que trouxe consigo para o mundo. Antes que seu ego esteja satisfeito, a morte vai acabar com você. A vida é curta demais; não deve ser destruída em jogos tolos como os do ego.

É só uma questão de entendimento. Você não tem que ficar ereto sobre sua cabeça em uma postura de ioga. Você não tem que contorcer seu corpo de muitas maneiras, durante muitos anos, em exercícios de ioga. Você não tem que jejua durante meses para se purificar.

Na verdade, todas essas maneiras são também a maneira do ego. O homem que consegue ficar ereto sobre sua cabeça durante 12 horas bate um recorde. Ele está destruindo toda a sua inteligência ficando ereto durante 12 horas sobre sua cabeça, pois todo o sangue de seu corpo estará fluindo para sua cabeça. E isso será uma inundação, porque a gravidade estará puxando todo o sangue para sua cabeça. Nessa inundação, seus nervos frágeis, que são tão pequenos, tão delicados – e você tem milhões deles em seu crânio – serão simplesmente mortos.

Por isso nenhum iogue tem contribuído com nada para o mundo. Eles têm sido parasitas e você tem sido absolutamente tolo em recompensá-los com grande respeito pela simples razão de o homem ficar ereto apoiado sobre sua cabeça. Ele é um idiota! Se Deus quisesse que você ficasse ereto sobre a cabeça, não posso imaginar por que ele lhe permitiu ficar de pé sobre duas pernas. No início de tudo, ele teria dito a Adão e Eva: “Fiquem eretos sobre a cabeça”. E essa teria sido uma estratégia bem melhor – ficando eretos sobre a cabeça, não creio que eles tivessem alcançado a árvore do conhecimento ou a árvore da vida eterna. Mas você tem pernas para andar.

O fato científico é que os animais não podem criar inteligência. Eles têm cérebro – alguns animais têm cérebro maior que o do homem. O golfinho tem um cérebro maior que o seu; o elefante tem um cérebro quase do mesmo tamanho que o seu. Mas por que os elefantes não são tão inteligentes quanto o homem? Pela simples razão de que o elefante não pode caminhar sobre duas pernas. No circo, de vez em quando ele se senta em um banquinho. Isso não vai ajudar. É certo que ele não poderia caminhar sobre duas pernas por toda a sua

vida – isso seria tortura.

Este é um fenômeno muito simples: se seu corpo estivesse na horizontal – como o de todos os animais – a gravidade seria igualmente imposta a todo o seu corpo. O homem de pé sobre duas pernas não é uma coisa comum. É a maior revolução que aconteceu em toda a evolução. Quando você fica de pé sobre dois pés, seu coração tem de bombear o sangue contra a gravidade para sua cabeça, porque a cabeça precisa ser continuamente alimentada com oxigênio. Menos de cinco minutos são necessários – se sua cabeça não receber oxigênio por cinco minutos, você morre. Você pode ser revivido porque seu corpo está perfeitamente bem, mas será apenas um vegetal; sua cabeça estará inativa.

O cérebro desenvolveu suas sensibilidades – um sistema de nervos e células muito sutil, que funciona como um biocomputador que coleta todas as informações e as armazena – porque o sangue nunca chega como uma inundação. Apenas sangue suficiente para manter o cérebro vivo.

Os iogues não produziram nada, não criaram nada, não deram nenhuma contribuição ao mundo. O que seus ascetas deram ao mundo? O que seus chamados santos estiveram fazendo o tempo todo, exceto ser parasitas e sugar seu sangue? E estas são as pessoas que você tem adorado. E por que você as tem adorado? Pela simples razão de que não consegue ficar ereto sobre sua cabeça durante 12 horas. Experimente fazê-lo – isso é difícil até mesmo por 12 minutos. Na verdade, quando você tentar pela primeira vez, vai cair muitas vezes; pode até quebrar uma costela! O iogue está fazendo algo difícil!

Um homem está de pé, nu, na neve dos Himalaias, e pessoas viajavam milhares de quilômetros para tocar seus pés. Tudo o que ele está fazendo é ficar congelado e morto. Qual é a contribuição dele? Ninguém vai tocar os pés de Albert Einstein, Bertrand Russell, Martin Heidegger ou Ludwig Wittgenstein, das pessoas que contribuíram imensamente para o conhecimento do homem, que expandiram a visão do homem quase até o infinito. Mas você não consegue ver isso, não é algo visível.

Bertrand Russel e Whitehead escreveram juntos um livro, *Principia Mathematica*. Este requereu 165 páginas para provar que dois mais dois são realmente quatro. Quem se dá o trabalho de ler tal livro? São 165 páginas, e o resultado final é que dois mais dois são realmente quatro. Ninguém lê esse livro.

Visitando todas as universidades da Índia – e talvez a Índia tenha o maior número de universidades; cem universidades –, eu sempre ia às bibliotecas para procurar o *Principia Mathematica*, para ver se alguém o tinha lido. Não – as páginas nem tinham sido cortadas, ainda estavam unidas. Eu perguntava aos bibliotecários: “Alguém leu este livro?”

Eles diziam: “Ninguém nunca procurou por ele. As pessoas de vez em quando o pegam, olham uma ou duas páginas e isso é tudo”. E essa foi uma das maiores contribuições para a humanidade. Bertrand Russell e Whitehead conseguiram tornar a matemática uma base sólida para qualquer ciência se desenvolver a partir dela.

Você fica facilmente interessado... Alguém está andando de bicicleta há 24

horas, e centenas de pessoas vão assisti-lo. Ele não vai comer, ou vai comer enquanto anda de bicicleta. É claro que ele tem certo controle sobre sua bexiga. Ele não vai beber nada. Talvez não tenha bebido por 12 horas antes de começar a andar de bicicleta. Isso o interessa; ele está fazendo algo difícil. E ele se sente ótimo. Seu ego está ficando cada vez maior. De 24 horas ele vai aumentar para 48 horas, e assim por diante. E, quanto mais ele conseguir, mais pessoas irão até ele. As pessoas são mediócras, e esses são seus heróis – que são ainda mais mediócras.

A simplicidade não vai atrair ninguém para você. Na verdade, tornando-se tão simples quanto uma criança, em vez de atrair pessoas para você e fazer de você algo grande, pode manter as pessoas distanciadas de você, dizendo: “Ele é apenas uma criança”. Talvez possam até se tornar hostis a você, porque sua inocência pode suscitar perguntas que eles não conseguem responder. Não há resposta para essas perguntas. Sua inocência vai criar curiosidades que estarão extirpando as raízes de suas crenças e de sua fé.

Eu costumava ir com meu pai ouvir todos os tipos de discursos – religiosos, políticos, educacionais – e ele costumava extrair de mim uma promessa de que eu não iria perguntar nada e não iria criar uma perturbação ali. Eu sempre lhe prometi e sempre fiz o que eu queria fazer. Voltando para casa, ele dizia: “Você não é um homem de palavra”.

Eu dizia: “Eu sou. Mas eu queria ir. Eu queria ver aquele monge espiritualizado, ver se ele sabe ou não alguma coisa. Se eu não promettesse, o senhor não me levaria. Foi culpa sua me fazer prometer. O senhor me fez mentir! Agora, nunca mais me peça para prometer nada. Por que o senhor tem que fazer de mim um escravo? Deixe-me livre”.

Todos os homens idosos do meu povoado tinham medo de mim – e eu era apenas uma criança. O homem mais respeitado do povoado era um médico, e ele também era considerado um pesquisador instruído e religioso. Eu costumava visitá-lo quase diariamente e, no momento em que me via, eu percebia que seu rosto empalidecia, porque ele não conseguia responder a nenhuma das minhas perguntas.

Eu colocava o Bhagavad Gita diante dele e lhe dizia: “Coloque sua mão sobre o Gita e diga se você já viu Deus ou não”.

Isso era demais. Se o Gita não estivesse ali, talvez ele pudesse ter mentido, mas colocar sua mão sobre o Gita e mentir significava um bilhete direto para o inferno.

E ele me dizia: “Você é algum magistrado ou o quê? Minha própria casa é um tribunal? Não quero colocar minha mão sobre o Gita”.

“Então”, dizia eu, “o que quer que o senhor diga será uma mentira.”

Sua declaração habitual para mim era: “Espere, você é jovem demais. Quando for um pouquinho mais velho, vai entender todos esses problemas. Neste momento ainda não pode entender”.

Eu fui ficando mais velho e todos os anos eu vinha da universidade para minha cidade. Antes de ir para minha casa, primeiro eu ia à casa do médico, batia à sua

porta e dizia: “Mais um ano se passou e a pergunta ainda está aí”.

Ele dizia: “Você não pode esperar?”.

Eu dizia: “O senhor então me dê uma data! Quanto tempo eu vou ter de esperar?”.

Mesmo quando me tornei professor na universidade, costumava nas férias ir de vez em quando ao meu povoado. Sua casa ficava entre a estação e a minha casa; então eu primeiro parava na casa dele, batia na porta e dizia: “Agora eu já me tornei um professor de filosofia na universidade. E quanto à sua declaração? Quanto tempo eu ainda vou ter de esperar?”.

Então, um dia, quando eu estava no povoado, alguém veio à minha casa – porque meu pai era amigo dele – e nos informou: “Ele está morrendo”.

Saí correndo. Meu pai perguntou: “Aonde você vai? A mensagem não foi para você!”.

Eu disse: “Não se preocupe, leve o tempo que quiser. Vou indo na frente porque tenho de lhe perguntar uma coisa antes que ele morra”.

Eu estava ali com o Bhagavad Gita diante dele. E lhe disse: “Agora eu cresci, o senhor não pode mais me enganar. Coloque sua mão sobre o Bhagavad Gita, e no momento de morrer não minta; do contrário, irá direto para o inferno”.

Ele disse: “Você pode me perdoar?”.

Eu disse: “O senhor esteve me enganando durante quase 20 anos. Isso era necessário? Poderia ter dito simplesmente ‘eu não sei’. A coisa teria terminado há muito tempo. O senhor não tem obrigação de saber tudo, mas fingia saber. O senhor queria ser conhecido como o homem mais sábio da redondeza, e esteve enganando não apenas a mim, esteve enganando todos que vinham procurá-lo. Agora, no último momento, reconheça o fato e diga: ‘Eu não sei’”.

A essa altura meu pai já havia chegado à casa dele, assim como outras pessoas. Eles disseram: “Isso não é bom. O homem está morrendo e você o está colocando em um tribunal”.

Eu disse: “Se ele morrer sem fazer o que eu estou dizendo, então eu serei responsável por lançá-lo no inferno! Este é o momento em que eu ainda posso salvá-lo”. E no momento da morte uma coisa acontece: agora você sabe que a morte está ali; você não pode mais prosseguir em suas viagens do ego.

Ele colocou sua mão sobre o Gita e disse: “Sinto muito. Por favor, perdoe-me, e diga a todos para me perdoarem. Eu não sei nada. Estava explorando essas pessoas fingindo que eu sabia e elas não sabiam”.

Essa é uma estratégia do ego. O ego pode encontrar maneiras muito sutis. Ele está sempre com medo da simplicidade, da inocência; por isso, todas as sociedades destroem sua simplicidade, desviam-no de sua inocência. Mas voltar para casa é uma coisa muito simples, porque na verdade você nunca a deixou. Você só a deixou na fantasia. Você realmente não pode ir a parte alguma fora do seu ser.

Todo tornar-se é falso, imaginação. Ser é a verdade. E essa verdade só pode ser conhecida quando você simplesmente aceita sua ignorância.

Devo lembrá-lo da última declaração de Sócrates na terra. Ele disse: “Quando eu era jovem, achava que sabia tudo. Eu me vangloriava porque podia argumentar melhor do que qualquer outra pessoa. Quando fiquei um pouco mais maduro, percebi que havia muitas coisas que eu não sabia. Eu estava apenas me jactando de saber. E como outros podiam argumentar comigo achavam que eu devia saber, porque meu argumento era mais consistente. E, à medida que o tempo foi passando, lentamente, lentamente ficou claro para mim que eu não sabia nada. Que esta seja minha última declaração na terra: que eu nada sei”.

Sócrates havia se tornado uma criança de novo, mas arriscou toda a sua sabedoria, sua filosofia, sua grande inteligência, todos os seus argumentos, o esforço de toda a sua vida de vencer seus oponentes em debates e discussões. Ele se tornou o homem mais inteligente da Grécia. Mas teve a enorme coragem de dizer: “Eu não sei nada”.

Ninguém sabe nada.

A existência é um mistério, e ela não pode ser desmistificada. E, pelo fato de a existência ser um mistério, ela só se revela ao coração da criança. Ela não se revela ao conhecimento, porque o conhecimento é uma agressão. Ela se revela à inocência, porque a inocência é simplesmente receptividade, não é agressão; não é violência, mas a manutenção das suas portas abertas, esperando. Se a verdade entrar, você está pronto para recebê-la.

A verdade não pode ser conquistada. Você tem de estar disponível para a verdade, para que a verdade possa conquistá-lo. Essa é a razão por que a simplicidade é a qualificação religiosa mais importante. Eu quero que você se torne apenas simples, inocente, sem saber nada – esperando.

Jesus disse: “Busque e você encontrará”.

Eu digo: “Espere! Nunca busque”, porque buscar é interferir, enfiar seu nariz nos mistérios da existência. A busca não é graciosa, ela é simplesmente feia. Eu digo: “Espere! E você encontrará”.

Jesus disse: “Bata e as portas se abrirão para você”. Espere. As portas sempre estão abertas para aqueles que têm paciência, que podem esperar pelo infinito, mas que não invadem. Até mesmo o fato de bater à porta de alguém é uma invasão.

Jesus disse: “Pergunte e a resposta lhe será dada”.

Eu lhe digo: “Pergunte e se esqueça de receber uma resposta, sempre”. O simples fato de perguntar destruiu a possibilidade de receber a resposta. Não pergunte. Não se torne uma pergunta.

Deixe-me repetir: não se torne uma pergunta! E você terá uma grande surpresa, porque você é a resposta. Se você tivesse se tornado a pergunta, então cairia em uma armadilha da qual não sairia nunca. Você continuaria sempre questionando – e, quanto mais questionasse, mais longe estaria da resposta, porque você é a resposta!

Na inocência, na simplicidade, você simplesmente a encontra; ela é seu próprio ser.

Você pode falar algo sobre o mistério das mulheres?

Esta é uma das questões mais antigas. O homem sempre se sentiu confuso em relação às mulheres, e o verdadeiro problema não é o homem nem a mulher. Reduzido ao factual, ao existencial, o problema está entre a cabeça e o coração.

A cabeça não consegue entender o mistério do coração. A cabeça é lógica, racional, matemática, científica; o coração nada sabe da razão, nada sabe de lógica. O coração funciona de uma maneira totalmente diferente. Seu funcionamento cria na cabeça a ideia do mistério. Essa não é uma pergunta sobre as mulheres; é uma pergunta que surge porque as mulheres funcionam através do coração e o homem funciona através da cabeça. Você já ouviu alguma mulher perguntar qual é o mistério do homem? Elas simplesmente o conhecem.

O problema vem do raciocínio lógico. É um fenômeno muito superficial. Ele é bom com objetos, com coisas mortas; ele lida com eles perfeitamente bem, porque uma coisa morta não tem interioridade, uma coisa morta não tem ser interior, não tem vida. O cientista está perfeitamente correto com relação aos objetos, mas no momento em que passa a pensar sobre a subjetividade – a interioridade – ele fica desorientado, porque a razão não consegue funcionar ali.

O coração sabe sem nenhum processo de conhecimento, sem nenhum silogismo, sem nenhum argumento. Como você sabe que a rosa é bela? Essa é uma conclusão racional? Se você colocar a razão nisso, não será capaz de provar que a rosa é bela porque a razão não consegue compreender o fenômeno da beleza.

Quando você diz que a rosa é bela, você está funcionando com o coração. Quando você diz que a noite estrelada o extasia, esta não é uma declaração racional; se você for obrigado a prová-la racionalmente, estará totalmente perdido. Então, de repente, toma consciência de que foi o coração que falou, e que a cabeça é absolutamente incapaz de descobrir como o coração funciona.

Mas o coração não tem a mesma dificuldade em relação à cabeça, porque a cabeça é superficial e o coração está inserido bem fundo dentro de você. O que está mais baixo não consegue entender o que está mais alto. O mais alto simplesmente entende o mais baixo – não há necessidade de qualquer raciocínio. Seu coração é ao mesmo tempo mais elevado que sua cabeça e mais profundo que sua cabeça. A mulher pode ser uma poetisa, mas na verdade não pode ser uma matemática. A matemática é puramente um jogo da mente. A poesia é um fenômeno totalmente diferente.

Vem à minha mente a esposa de Albert Einstein. Ela era uma poetisa e Albert Einstein foi talvez o maior pensador científico de todos os tempos. Naturalmente, Frau Einstein queria que o marido conhecesse a poesia dela. Einstein tentou evitar o mais que pôde o tema, mas finalmente certa noite, a lua cheia no céu, ela não conseguiu resistir à tentação. Compôs um belo poema sobre a lua cheia e o recitou para ele.

Albert Einstein olhou para ela com grande surpresa, quase chocado. Ela não conseguia entender. “Por que ele está me olhando desta maneira estranha? No máximo ele pode dizer que a poesia não é boa... Mas está olhando para mim como se eu fosse louca!”. Depois de recitar o poema, ela perguntou a Albert Einstein: “O que você achou?”.

Ele disse: “Eu nunca pensei que você fosse tão louca. Você fala sobre a lua como algo belo, você fala sobre a lua como se ela a lembrasse do seu amado. Isso é puro absurdo! A lua é grande demais, não pode ser comparada a seu amado. E a lua não é de modo algum bonita! Ela é tão comum quanto a terra; até mais comum porque lá não há verde, não há água, é só terra estéril. E a luz que você vê refletida da lua não é sua própria luz. Essa luz é emprestada do sol, não vem da lua. A luz do sol cai na lua e os raios são refletidos de volta, e esses raios refletidos chegam aos seus olhos; a lua não é a fonte deles. Eu sempre achei que você fosse uma pessoa instruída, mas não sabe nem o ABC da física!”.

Agora foi a vez de a esposa de Einstein olhar para ele como se ele fosse louco, porque há séculos os poetas vinham cantando canções sobre a lua – sua beleza, sua enorme força magnética, sua luz fria. Ela tem certo encanto hipnótico sobre o coração... E agora também é provado por fatos que tem realmente um certo encantamento hipnótico.

Mais pessoas – na verdade, todas, exceto Mahavira – tornaram-se iluminadas em uma noite de lua cheia. Mahavira é a única exceção; ele tornou-se iluminado em uma noite sem lua. Gautama, o Buda, nasceu em uma noite de lua cheia, tornou-se iluminado em uma noite de lua cheia e morreu em uma noite de lua cheia. Ele é um exemplo perfeito do encantamento hipnótico da lua. Mais pessoas enlouquecem na noite de lua cheia – estas são estatísticas comprovadas – e mais pessoas cometem suicídio em noites de lua cheia. A lua cheia de algum modo conduz a mente do homem para dimensões que estão além do raciocínio. E não é só o homem que é afetado pela lua cheia; até o oceano é afetado por ela. Mas um físico, um matemático, não será capaz de entender isso – e a esposa de Einstein nunca mais, em toda a sua vida, tornou a mencionar poesia a seu marido. Embora ela continuasse a escrever poemas, não os publicou. Ficou decidido naquela primeira récita que aquele tipo de diálogo não era possível entre ela e seu marido – mas este não é um caso excepcional.

Nenhum marido e nenhuma esposa estão em situação de entender um ao outro. O desentendimento é a situação natural. O homem diz algo, a mulher imediatamente entende outra coisa. O homem não consegue acreditar como ela chegou àquela conclusão – e para a mulher aquela conclusão é absolutamente clara, não há qualquer dúvida a respeito dela. E, independentemente do que ela diga, o homem não consegue percebê-la.

Os psicólogos começaram a chamar os casais de inimigos íntimos. Eles são... porque nenhum entende o outro. Mas a razão não é a mulher e o homem. A razão é bem mais profunda. É a cabeça e o coração.

Então, eu gostaria de enfatizar o ponto de que a pergunta, desde o início, foi formulada de uma maneira equivocada. Não se trata do mistério das mulheres, trata-se do mistério do coração – que a cabeça é incapaz de decifrar. O coração

não tem problemas com relação à cabeça; ela é uma camada inferior, mais superficial, e o coração a entende. Então, quando os homens dizem que as mulheres são um mistério, as mulheres simplesmente sorriem para si mesmas: “Veja que idiotas!”. Você já ouviu alguma mulher dizer que as mulheres são misteriosas? Elas conhecem perfeitamente bem uma à outra. Não há mistério.

Será melhor entender também em uma dimensão diferente. Esqueça o homem e a mulher; pense apenas em sua própria cabeça e em seu próprio coração. Eles têm uma comunhão? São capazes de entender um ao outro? Eu não conheci Albert Einstein, mas teria adorado conhecê-lo pela simples razão de que gostaria de lhe perguntar como ele se apaixonou por sua esposa. Que física, que matemática, que ciência está por trás da experiência de se apaixonar?

Mas talvez ele nunca tenha pensado sobre isso. O amor vem do coração; ele não pode vir da cabeça. Até mesmo o maior cientista de vez em quando se desvia da cabeça. Um pôr do sol pode deixá-lo deslumbrado. Então ele se esquece de que é um cientista e que não lhe é permitido sentir essas coisas, coisas femininas; ele tem uma mente masculina. E todo cientista se apaixona por uma mulher sem nem pensar no que é o amor. O amor é um mistério... Até seu próprio coração é um mistério para você.

Mahavira de início se recusou a permitir que qualquer mulher fosse iniciada no *sannyas*. O mesmo aconteceu com Gautama Buda; ele se recusou a permitir que as mulheres fossem iniciadas. E o mesmo acontece com outras religiões; todas elas colocaram a mulher em um plano secundário. E a razão disso, na minha compreensão, é que todas as nossas chamadas religiões são orientadas pela cabeça, demasiado pela cabeça. O deus delas não é o amor, o deus delas é uma ideia. É uma hipótese. Eles criaram um sistema – racional, lógico, sem falhas –, mas foi a mente que criou o sistema. Ele não é uma descoberta. Ele não revela o mistério da existência.

E por que todas essas religiões têm tanto medo das mulheres? Há outras razões, mas a razão mais fundamental é que todos os fundadores das religiões eram homens, e suas teologias vieram da cabeça. Permitir mulheres entre seus “companheiros de viagem” seria criar problemas desnecessários, pois elas falam linguagens diferentes, entendem linguagens diferentes. Elas vêm de espaços diferentes. No máximo, podem tolerar um ao outro.

É isso que está acontecendo entre cada esposa e cada marido: eles estão simplesmente tolerando um ao outro. Parece não haver possibilidade de uma conversa saudável. Qualquer conversa entre uma esposa e um marido imediatamente conduz ao conflito e, segundo o homem, a mulher começa a se comportar de uma maneira tão louca, atirando coisas, quebrando coisas. Ele não consegue entender – que tipo de argumento é esse? Mas a mulher sabe perfeitamente que só esse argumento vai decidir a coisa... e decide! O homem simplesmente concorda: “Você está certa, mas pare de destruir as coisas!”. Em toda discussão com uma mulher, a mulher é a vencedora, embora ela nada saiba sobre argumentação.

No dia em que iniciou a primeira mulher nos *sannyas*, Gautama Buda disse: “Minha religião ia durar cinco mil anos. Agora ela vai durar apenas 500 anos” –

não foi uma boa recepção para a pobre mulher!

Indagado sobre por que estava dizendo aquilo, ele falou: “É impossível incluir mulheres e homens sem que eles entrem em conflito. A religião vai se destruir a partir do seu interior. Se ela houvesse sido confinada apenas aos homens, haveria uma possibilidade de continuar por pelo menos cinco mil anos, porque eles conseguem entender um ao outro”.

Vocês têm de estar muito alertas sobre isso. Eu sou o primeiro homem que não faz diferença entre iniciar homens e mulheres, e o que sinto é que, se eu fosse responder a Gautama Buda, eu diria: “Se ela só possuísse homens, duraria apenas 500 anos. Com homens e mulheres juntos, pode durar toda a eternidade”.

Quando o coração e a cabeça estão juntos, você está mais completo e mais inteiro. O coração é uma parte, a cabeça é uma parte, mas, juntos... Se for possível uma comunhão, sua força não será duplicada, será multiplicada. Como a cabeça e o coração chegam a um ponto de encontro? Esta é uma questão multidimensional.

É entre a mulher e o homem. É entre o coração e a cabeça. É entre o Oriente e o Ocidente.

Um dos poetas reais da Inglaterra, Rudyard Kipling, escreveu dois versos famosos que se tornaram mais conhecidos do que qualquer outra coisa que ele tenha escrito. Os versos são: “Oriente é Oriente e Ocidente é Ocidente; nunca os dois irão se encontrar”. Ninguém argumentou contra isso... e ele era o poeta real do Império Britânico.

Mas eu discordo totalmente, sem quaisquer condições e reservas, porque, onde quer que você esteja, o Oriente e o Ocidente estão se encontrando. Bombaim fica a oeste de Calcutá, Calcutá fica a leste de Bombaim; Tóquio fica a leste de Calcutá, e Calcutá fica a oeste de Tóquio. Onde quer que você esteja, não pode dizer que está no leste ou no oeste. Eles são termos relativos; não são territórios fixos. Onde quer que você esteja, em todo homem, em cada árvore, em cada pássaro, o leste e o oeste estão se encontrando. Rudyard Kipling estava simplesmente falando uma bobagem! Mas ele tem razão num ponto dessa ridícula declaração – e a razão é a mesma. O Ocidente é orientado para a cabeça e o Oriente é orientado para o coração. É a mesma questão em direções diferentes: como eles podem se encontrar? Como pode haver um amor íntimo entre a cabeça e o coração, e não uma inimizade íntima? É uma contradição nos termos.

Eles se encontram na meditação, porque na meditação a cabeça está vazia e o coração está vazio: a cabeça está vazia de pensamentos e o coração está vazio de sentimentos. Quando há dois vazios, você não pode mantê-los separados porque não há nada entre eles para mantê-los separados. Dois zeros tornam-se um zero... Dois nadas não podem existir separadamente; eles são propensos a se tornar um, porque não há sequer uma cerca entre eles.

Mas Rudyard Kipling, embora tivesse vivido na Índia durante quase toda a sua vida, nunca ouviu falar em meditação. É na meditação que a cabeça e o coração perdem um ao outro, se fundem um no outro. É na meditação que o homem e a

mulher se fundem um no outro.

Na Índia há uma estátua antiga, muito antiga – uma das mais belas peças de arte –, uma estátua de Ardhanarishwar. A estátua é metade homem e metade mulher. É a estátua de Shiva, o Deus hindu, e metade do corpo é de mulher e a outra metade é de homem. Até a época de Carl Gustav Jung pensava-se que ela fosse apenas uma mitologia, uma metáfora, uma poesia – mas isso não podia ser verdade. Todo o crédito vai para Carl Gustav Jung por mostrar ao mundo que esta não é uma metáfora, esta é uma realidade.

Todo homem e toda mulher são ambos, porque toda criança é nascida de um pai e de uma mãe. Então, algo da mãe e algo do pai estão presentes em toda criança, quer a criança seja uma menina ou seja um menino. A única diferença pode ser que o homem é um pouco mais homem, talvez 51% homem e 49% mulher, e a mulher é 51% mulher e 49% homem. Mas a diferença não é muita.

Por isso tornou-se cientificamente possível mudar os sexos – porque o outro sexo está também presente; apenas a percentagem dos hormônios tem de ser alterada. O que era 51% tem de se tornar 49%, ou o que era 49% tem de se tornar 51%... Então o homem se torna mulher e a mulher se torna homem.

Mas, mesmo em seu interior, você não se sente à vontade. Há um conflito, um conflito contínuo entre a cabeça e o coração, entre o homem e a mulher. Esse conflito só pode ser dissolvido quando a cabeça abandona seu pensamento e o coração abandona seu sentimento, e ambos se tornam simples espaços vazios. Nesse vazio há um grande encontro e um grande entendimento.

Eu não vejo nenhuma mulher como um mistério. Tenho observado muito atentamente, e talvez não haja outro homem em todo o mundo que tenha entrado em contato com tantos homens e tantas mulheres. Mas nem o homem me parece um mistério nem a mulher me parece um mistério, porque dentro de mim a cabeça e o coração fundiram-se um no outro, e isso me proporcionou uma nova perspectiva e mudou toda a visão em torno de mim.

Se você realmente quiser entender o mistério das mulheres terá de entender a arte de fundir sua cabeça com seu coração. Isso não só irá ajudá-lo a conhecer o mistério das mulheres, como também o ajudará a conhecer o mistério dos homens. E não apenas isso: irá ajudá-lo a conhecer o mistério de toda a existência.

Uma garota tímida estava prestes a se casar; então foi procurar sua amiga muito experiente para lhe pedir alguns conselhos.

“Doris”, começou ela, “pode parecer tolice, mas há algumas coisas que eu tenho de lhe perguntar.”

“Tudo bem”, disse Doris. “Vá em frente.”

“Está bem”, disse a garota tímida. “Tem algum problema conversar com o marido enquanto estiver fazendo amor?”

“Bem”, disse Doris, “eu devo admitir que nunca fiz isso, mas suponho que não há nada de errado nisso – contanto que você tenha um telefone à mão.”

Há mistério, mas este não está confinado apenas às mulheres. Toda a

existência é misteriosa. Esta bela chuva... esta música da chuva caindo... a alegria das árvores. Você não acha que há um grande mistério nisso?

Havia um povoado na montanha no estado em que fui professor durante muitos anos. Nesse povoado havia um abrigo bem afastado, em meio às colinas, absolutamente solitário. Não havia ninguém a quilômetros de distância dali, e o criado que costumava cuidar do abrigo em geral saía no início da noite para voltar para sua própria casa. Eu costumava ir até aquele abrigo sempre que encontrava tempo, e às vezes chovia... e eu ficava sozinho naquela casa, a quilômetros de distância de outro ser humano. Apenas com a música da chuva, apenas com a dança das árvores... Nunca me esqueci daquela beleza. Sempre que chove eu me lembro dela. Ela deixou em mim um belo impacto.

Se você observar bem, cada flor é um mistério. De onde vêm essas cores? Todo arco-íris é um mistério, cada momento da vida é um mistério. O simples fato de você estar aqui... Não é um mistério que você não esteja em nenhum outro lugar, mas sim aqui?

Quando seus olhos estão claros e sua cabeça e seu coração não estão mais em conflito, tudo começa a se tornar misterioso. Então você não quer desmistificar isso – porque isso seria absolutamente feio e criminoso! O mistério da existência tem de ser bem recebido como ele é. Dissecá-lo, desmistificá-lo, é uma violação, uma agressão, uma violência.

Um homem que medita simplesmente desfruta das flores, dos pássaros, das árvores, da chuva, do sol, da lua, das pessoas. É bom que todos nós estejamos imersos em um todo misterioso. A vida seria extremamente tediosa se todo mistério fosse decodificado.

Todo esforço da ciência é no sentido de desmistificar a existência. A poesia e a arte estão preocupadas em exultá-la, em acolher com prazer o mistério da existência. E o místico, o homem religioso, vive o mistério – não de fora como um poeta, mas das próprias profundezas dele. Ele próprio se torna um mistério.

Há uma bela história. Infelizmente, ela não pode ser verdadeira. Eu teria adorado se ela fosse verdadeira! No Oriente houve muitos amantes, amantes muito famosos – Heer e Ranjha, Shiri e Farhad –, e o mais famoso é o terceiro casal: Laila e Majnu. Nenhum deles conseguiu se encontrar e viver um com o outro. Essa foi a grande sorte; por isso eles continuaram se amando durante toda a vida.

Majnu era um homem pobre. Laila era uma moça muito rica, super-rica, e seus pais não estavam dispostos a entregar sua única filha a Majnu, que não era ninguém, apenas um mendigo. Para evitá-lo, e para evitar qualquer ultraje, os pais saíram da cidade e foram morar em outra cidade; eles tinham negócios em muitas cidades e casas em muitas cidades.

No dia em que se foram, Majnu ficou de pé nos arredores da cidade, ao lado de uma árvore, escondendo-se na folhagem da árvore, apenas para ver pela última vez sua amada Laila se afastando dali. Ele viu Laila em seu camelo, e toda a caravana se distanciando. Ficou olhando e olhando o mais longe que conseguiu, e em um deserto você consegue ver muito longe, pois não há nada

que obstrua sua visão.

Finalmente, além do horizonte, eles desapareceram... mas Majnu continuou olhando. Foi aí que a história se tornou um mito, mas de enorme importância. Ele nunca deixou aquele lugar. Ele confiava no seu amor e esperava que um dia Laila retornasse pelo mesmo caminho. Não havia outro caminho para sair da cidade.

Depois de 12 anos, Laila retornou. Seu pai havia morrido e agora ela estava finalmente livre. Ela nunca se casara com ninguém; insistia que, se fosse para se casar com alguém, se casaria com Majnu. Seu pai dissera: “Se essa é a sua decisão, então a minha decisão é que você jamais se casará”. Mas, quando o pai morreu, Laila voltou.

Mas 12 anos é um longo tempo. Nesses 12 anos Majnu ficou de pé ao lado da árvore. A folhagem cresceu muito; ele não comeu, não bebeu água, e pouco a pouco se tornou unido à árvore. Ficar durante 12 anos de pé foi tanto tempo que lentamente, lentamente ele se tornou parte da árvore.

Laila voltou e perguntou por Majnu na cidade. As pessoas disseram: “É uma história muito triste. Ele saiu daqui para dizer adeus a você, mas nunca voltou. De vez em quando, no profundo silêncio da noite, de certa árvore sai um som chamando seu nome: ‘Laila, você está demorando muito. Quando vai voltar?’. E as pessoas ficaram com medo da árvore porque parecia que ela estava assombrada por fantasmas ou algo assim. Ninguém se aproxima da árvore”.

Laila foi até a árvore. Ela ouviu a voz, ela ouviu a alegria das boas-vindas, mas não conseguiu ver onde Majnu estava escondido. Então, entrou na folhagem da árvore. Com grande dificuldade conseguiu descobrir que Majnu havia se tornado parte da árvore.

Isso não pode ser factual... mas o místico se torna parte do mistério da existência. E a história de Laila e Majnu é uma história sufi. Talvez seja simbólica da união fundamental com a existência.

Não tentar desmistificar a existência, mas você próprio se tornar uma parte do mistério – esse é o único entendimento verdadeiro. O mistério vai permanecer um mistério, mas, se você próprio se tornar um mistério, você entenderá.

Esse é o único entendimento verdadeiro. Todos os outros entendimentos são apenas conhecimento emprestado de outros.

De vez em quando vem à minha mente uma bela história que me foi contada alguns anos atrás. É sobre um rapaz que partiu em busca da verdade e, após alguns fracassos, recebeu a tarefa de cuidar de algumas vacas. Começou com apenas algumas delas nas montanhas. Ele não poderia voltar até conseguir cuidar de mil vacas. Os anos se passaram até que um dia o homem ouviu as vacas falando com ele: “Nós já somos mil!”. Finalmente ele voltou para casa, onde as pessoas dificilmente conseguem distinguir o homem dos animais. Osho, eu adoraria ouvir você contar esta história repetidas vezes: “Nós somos mil! Nós somos

mil!”. Por que essas poucas palavras sempre me enchem de tal assombro que me provocam lágrimas de alegria?

Essa história é uma das histórias mais antigas do coração, do mundo além das palavras – do saber, não do conhecimento; da absoluta inocência como a porta para o divino.

Essa história contém a própria essência da meditação.

Ela tem muitas dimensões, muitas implicações, e não é de admirar que desperte em você lágrimas de alegria. Essas lágrimas são indicativas de que a história tocou seu coração, seu próprio ser; de que você a experienciou, embora não entenda o que ela é. Você sentiu sua beleza, sua glória, sua profundidade – mas acha difícil explicar a si mesmo o que descobriu.

Você descobriu um mundo do mágico, do mistério, dos milagres.

Eu adoraria lhes contar toda a história. Ela precisa ser contada milhares de vezes, porque cada vez você vai encontrar alguma nova fragrância, alguma nova doçura, alguma nova altura, alguma nova porta se abrindo, algum novo céu com novas estrelas. E vai encontrar céus além dos céus.

Eu vivi num lugar... Vivi lá durante 20 anos, em Jabalpur. O nome da cidade, Jabalpur, é muito antigo; ela recebeu esse nome em homenagem a um grande místico e profeta dos Upanishads, Satyakam Jabal. E essa história está relacionada com Satyakam Jabal.

Satyakam era uma criança muito questionadora. Não acreditava em nada a menos que ele mesmo o houvesse experienciado. Quando ficou mais velho – ele devia ter cerca de 12 anos –, disse à mãe: “Chegou a hora. O príncipe do reino foi para a floresta para se juntar à família de um mestre. Ele tem a minha idade. Eu também quero ir, também quero aprender qual o significado desta vida”.

A mãe disse: “Vai ser muito difícil, Satyakam, mas sei que você já nasceu um buscador. Eu temia que um dia você me pedisse para enviá-lo a um mestre. Sou uma mulher pobre, mas esse não é um grande empecilho. A dificuldade é que quando eu era jovem trabalhei em muitas casas – eu era pobre, mas era bonita. Não sei quem é seu pai. E, se enviá-lo a um mestre, não lhe perguntar qual é o nome do seu pai e temo que ele possa rejeitá-lo. Mas não custa fazer um esforço. Vá e diga a verdade, da mesma maneira que eu lhe contei a verdade. Muitos homens usaram meu corpo porque eu era pobre. Diga simplesmente que você não sabe quem é seu pai. Diga ao mestre que seu nome é Satyakam, que o nome de sua mãe é Jabala e que por isso o chamam de Satyakam Jabal. E, no que diz respeito à busca da verdade, não importa quem é seu pai”.

Satyakam foi até um antigo mestre na floresta e, certamente, a primeira pergunta foi: “Qual é seu nome? Quem é seu pai?”.

E ele repetiu exatamente o que sua mãe havia dito.

Havia muitos discípulos – príncipes, filhos de pessoas ricas. Todos começaram a rir. Mas o velho mestre disse: “Você está aceito. Não importa quem é seu pai. O que importa é que você é autêntico, sincero, corajoso – capaz de dizer a verdade

sem se sentir constrangido. Sua mãe lhe deu o nome certo, Satyakam. *Satyakam* significa aquele cujo único desejo é a verdade. Você tem uma bela mãe, e será conhecido como Satyakam Jabal. E como segundo a tradição só os brâmanes podem ser aceitos como discípulos, eu o declaro um brâmane, porque só um brâmane pode ter a coragem de tal verdade”.

Belos dias foram aqueles. O velho profeta se chamava Uddalak. Satyakam tornou-se seu mais amado discípulo. Ele o merecia: era tão puro e tão inocente.

Mas Uddalak tinha suas próprias limitações. Embora ele fosse um homem de grande sabedoria, não era um mestre iluminado. Então, ensinou a Satyakam todas as escrituras, ensinou-lhe tudo o que foi capaz de ensinar, mas não conseguiu enganar Satyakam como havia enganado todos os demais. Não que Satyakam estivesse levantando quaisquer dúvidas; mas sua inocência tinha tal poder que o velho homem teve de confessar: “Tudo o que eu tenho lhe dito é conhecimento extraído das escrituras; não é meu próprio conhecimento. Eu não experienciei isso, não vivi isso. Sugiro que você penetre mais fundo na floresta. Conheço um homem que alcançou a realização, que se tornou uma corporificação da verdade, do amor, da compaixão. Vá até ele”.

Uddalak havia ouvido falar daquele homem, mas não o conhecia pessoalmente. Uddalak era bem mais famoso, era um grande erudito. Satyakam foi procurar o outro homem. Esse homem lhe ensinou muitas novas escrituras, todos os Vedas, as mais antigas escrituras do mundo. E após anos disse-lhe: “Agora você já sabe tudo; não há mais nada a saber. Você pode voltar para casa”.

Na sua volta para casa, primeiro ele foi ver Uddalak. Da sua janela, Uddalak viu Satyakam chegando pela trilha que vinha da floresta. Ficou chocado. Satyakam havia perdido sua inocência; no lugar da inocência havia orgulho – naturalmente, porque agora ele achava que sabia tudo que valia a pena saber no mundo. A simples ideia disso enchia seu ego. Ele entrou, e, quando começou a tocar os pés de Uddalak, este lhe disse: “Não toque os meus pés! Primeiro eu quero saber onde você perdeu sua inocência. Parece que o enviei ao homem errado”.

Satyakam disse: “Ao homem errado? Ele me ensinou tudo que vale a pena saber”.

Uddalak disse: “Antes que você toque os meus pés, eu gostaria de lhe perguntar se você experienciou alguma coisa ou se isso é apenas informação. Aconteceu alguma transformação? Você pode dizer que qualquer coisa que saiba é um conhecimento seu?”.

Satyakam disse: “Não posso dizer isso. O que eu sei está escrito nas escrituras; não tive a experiência de nada”.

Uddalak disse: “Então volte, mas agora vá procurar outra pessoa da qual ouvi falar enquanto você estava fora. E, a menos que tenha experienciado, não volte. Você voltou para cá não com mais do que quando eu o enviei, mas com menos! Você perdeu algo de imenso valor. E o que você chama de conhecimento – se este é emprestado, ele só encobre sua ignorância; não faz de você um

conhecedor. Vá até este homem e lhe diga que você não foi até lá em busca de mais informações sobre a verdade, sobre Deus, sobre o amor. Diga-lhe que você foi para conhecer a verdade, para conhecer o amor, para conhecer Deus. Diga-lhe: ‘Se você puder cumprir a promessa, fico com você; do contrário, vou procurar outro mestre’.

Satyakam foi até o homem e lhe disse exatamente isso. O mestre estava sentado debaixo de uma árvore com alguns de seus discípulos. Depois de ouvir a solicitação, ele disse: “Isso é possível, mas você está me pedindo algo muito difícil. Há tantos discípulos aqui – e todos querem mais conhecimento. Eles querem saber sobre tudo. Mas se você insiste que não está interessado em informações, que está pronto para fazer qualquer coisa, que sua devoção à verdade é total, então encontrarei um caminho para você”.

Satyakam disse: “Estou pronto para sacrificar minha vida, mas não posso voltar sem conhecer a verdade. Não posso voltar para meu professor nem posso voltar para minha mãe, que me deu o nome de Satyakam. E meu velho professor me aceitou sem se importar se eu era ou não um brâmane, simplesmente baseado no simples fato de que eu era uma pessoa honesta. Então, diga-me o que tem de ser feito”.

O mestre disse: “Pegue todas as vacas que vir aqui e penetre bem fundo na floresta. Vá o mais longe possível, para que não possa entrar em contato com nenhum ser humano. O propósito disso é que você esqueça a linguagem, as palavras. Viva com as vacas, cuide das vacas, toque sua flauta, dance – mas esqueça as palavras. E, quando tiver mil vacas, volte aqui”.

Os outros discípulos não conseguiam acreditar no que estava acontecendo – porque ali havia apenas uma ou duas dúzias de vacas. Quanto tempo demoraria para elas se tornarem mil?

Mas Satyakam pegou as vacas, entrou o mais fundo possível na floresta, além de qualquer contato humano, de qualquer contexto humano. Durante alguns dias foi difícil, mas pouco a pouco, lentamente... as vacas eram suas únicas companhias, e elas eram criaturas muito silenciosas. Ele tocava flauta, dançava sozinho na floresta, descansava sob as árvores.

Durante alguns anos ele continuou contando as vacas. Então pouco a pouco desistiu de fazê-lo, pois lhe parecia impossível que elas se tornassem mil. Além disso, ele havia esquecido como contar; a linguagem estava desaparecendo. As palavras desapareceram; a contagem não podia ser feita.

E a história é tão imensamente bela...

As vacas ficaram preocupadas quando se tornaram mil – porque elas queriam voltar para casa e este homem havia esquecido como contar! Finalmente, elas decidiram: “Nós temos de falar; do contrário esta floresta solitária vai se tornar nosso túmulo”. Então, um dia, as vacas se aproximaram dele e lhe disseram: “Escute, Satyakam, agora já somos mil e está na hora de voltarmos para casa”.

E ele lhes disse: “Sou muito grato a vocês. Se não tivessem me contado... Eu havia até me esquecido de casa ou de voltar para casa. Cada momento foi tão incrivelmente belo, com tantas bênçãos. No silêncio, as flores não paravam de

florescer. Eu me esqueci de tudo. Não tinha ideia de por que vim para cá, de quem eu sou. Tudo se tornou um fim em si – tocar a flauta era o bastante, descansar sob as árvores era o suficiente, ver as belas vacas sentadas em silêncio à minha volta era tão belo. Mas, se vocês insistem, vamos voltar”.

Os discípulos do grande mestre viram Satyakam chegando com mil vacas. Eles relataram ao mestre: “Nunca acreditamos que ele voltaria. Ele está chegando, e nós contamos exatamente mil vacas!”.

E quando ele chegou ficou ali de pé... bem no meio da multidão de vacas.

O mestre disse aos outros discípulos: “Vocês contaram errado. Há mil e uma vacas; vocês se esqueceram de contar Satyakam! Ele se moveu para além do seu mundo; penetrou no inocente, no silente, no misterioso. Não está dizendo nada, está apenas ali junto com as vacas”.

O mestre disse: “Satyakam, agora saia do grupo das vacas. Agora você tem de ir para seu outro mestre que o mandou aqui. Ele é um homem velho e deve estar esperando. Sua mãe deve estar esperando”.

E quando Satyakam foi até Uddalak, seu primeiro professor... Na última vez que o havia visto, ele não lhe havia permitido tocar seus pés, pois havia perdido sua inocência; não era mais um brâmane, havia caído, havia se tornado apenas um papagaio ilustrado. Quando Uddalak o viu chegando novamente, saiu correndo pela porta dos fundos – porque agora que Satyakam poderia ter permissão de tocar seus pés, era Uddalak quem teria de tocar os pés de Satyakam! Isso porque Uddalak continuava sendo um erudito, e Satyakam não estava vindo como um erudito, mas como alguém que havia despertado.

Uddalak fugiu da casa: “Não posso encará-lo. Estou envergonhado de mim mesmo”. Mas antes pediu à sua esposa: “Diga-lhe que Uddalak está morto e que agora ele pode ir até sua mãe. Diga-lhe que eu morri me lembrando dele”.

Estas eram pessoas feitas de uma determinação diferente.

Satyakam voltou para casa. Sua mãe estava muito velha, mas continuava esperando por ele. E disse: “Satyakam, você provou que a verdade sai sempre vitoriosa. E provou que ninguém nasce brâmane: um brâmane é uma qualidade a ser adquirida. Todos nascem iguais. A pessoa tem de se provar, purificando-se, cristalizando-se, tornando-se centrado e iluminado – então ela se torna um brâmane. O simples fato de nascer em uma família brâmane não faz de ninguém um brâmane”.

Se você meditar sobre a história, verá que a verdadeira essência da meditação é ficar em tal silêncio que não haja, em você, movimento dos pensamentos – as palavras não chegam entre você e a realidade, toda a rede de palavras desaparece e você é deixado só.

Essa solidude, essa pureza, esse céu do seu ser, sem nuvens, é a meditação. E a meditação é a chave de ouro para todos os mistérios da vida.

Conhecimento não é o mesmo que saber

Não continue achando que você entende. Você não entende. Seu conhecimento é uma maneira de ignorar a verdade. Desprenda-se dessa ignorância – e é impossível desprender-se da ignorância acumulando mais conhecimento. Só é possível desprender-se da ignorância despreendendo-se do conhecimento que você já acumulou. Quando uma pessoa se desprende do conhecimento, ela entende as flores.

Todas as palavras são mentiras?

A verdade é uma experiência tão profunda que é impossível expressá-la; é tão vasta que nenhuma palavra pode contê-la. As palavras são coisas pequenas; elas têm certa utilidade, mas têm suas limitações. E a verdade não tem limitações; ela é mais vasta que o céu. A verdade significa toda a existência.

Quando você desaparece no todo, você sabe disso. Dizer que você sabe não é muito preciso; antes de qualquer coisa, você sente acontecer. Ou, para ser ainda mais preciso, você *se torna* esse acontecimento. Quando você se torna o todo, é impossível expressar o que acontece. E as verdades precisam ser ditas; elas têm uma qualidade intrínseca para ser compartilhada.

Assim, as palavras são apenas hipotéticas; elas podem ser usadas, mas não se deve acreditar nelas. Elas devem ser usadas como uma etapa. Fundamentalmente são todas mentiras; são, no máximo, reflexos aproximados, mas um reflexo é uma mentira. A lua no céu e a lua refletida no lago não são a mesma coisa. O rosto no espelho não é na verdade seu rosto; é apenas uma ilusão. Não há nada no espelho.

Mas as crianças pequenas ficam muito preocupadas com o rosto que está no espelho – com seu próprio rosto. Quando uma criança é colocada pela primeira vez diante de um espelho, ela acha que está vendo alguém que está diante dela. E ela tenta alcançar aquela criança. Se não consegue alcançá-la – e certamente não consegue –, tenta ir atrás do espelho. Talvez a criança esteja escondida atrás dele.

E essa é a situação das pessoas que acreditam nas palavras. Mas, de certa maneira, o espelho é útil. Quando eu digo que o reflexo é uma mentira, não estou dizendo que ele não tenha utilidade. Se você puder entender, ele lhe diz algo *sobre* a verdade, mas não a verdade em si; ele indica. Um dedo apontando para a lua não é a lua, mas tem uma enorme utilidade: ele pode apontar a lua. Se você fica muito obcecado com o dedo, é problema seu, não é um problema do dedo. Se você se esquecer do dedo – e terá de se esquecer dele se quiser ver a lua –, então o dedo serviu a seu propósito.

Até mesmo as mentiras podem ajudá-lo a alcançar a verdade; do contrário, os budas não teriam falado. A menos que as mentiras pudessem de algum modo ajudá-lo a atingir a verdade, as palavras não teriam sido utilizadas. Nenhuma Bíblia, nenhum Alcorão, nenhum Gita, nenhum Dhammapada teria existido.

Quando Buda se tornou iluminado, durante sete dias ele permaneceu em silêncio, pensando. “Qual é a serventia de dizer às pessoas coisas que não podem ser ditas? E, mesmo que você as diga, elas estão fadadas a ser mal interpretadas. Além disso, caso alguém seja capaz de entender suas palavras, ele seria capaz de encontrar a verdade por conta própria.”

A história diz que, quando os deuses desceram do céu, eles tocaram os pés de Buda e rezaram para que ele falasse. Buda disse: “Para quê? 99% das pessoas não vão entender nada, e apenas 1% vai conseguir entender, mas esse 1% que pode entender através das palavras será capaz de entender a verdade mesmo que eu não fale nada a respeito dela. Então, para quê?”.

Os deuses ficaram confusos. A lógica estava certa, mas alguma coisa ainda estava errada, porque na antiguidade outros budistas já haviam falado. Então eles se reuniram para descobrir como argumentar com Buda. E encontraram uma maneira – e é bom que tenham encontrado; do contrário, teríamos perdido todas as mensagens tremendamente significativas de Buda. Eles voltaram e disseram: “Você está certo; a maioria jamais entenderá. E há algumas pessoas que chegarão à verdade mesmo que você não diga nada. Mas você não pode imaginar que há alguns entre esses dois grupos, justamente na linha de fronteira? Se você falar algo, isso lhes dará um desafio, uma inspiração. Se você não falar, eles podem permanecer perdidos. Fale para esses poucos que estão no limiar, que podem ficar perdidos sem suas palavras e que poderão encontrar a luz com a ajuda de suas palavras”.

Você está certo, todas as palavras são mentiras, porque quando você experiencia alguma coisa, não consegue expressar aquilo com palavras. Como expressar o amor com palavras? E o amor não é uma experiência tão rara. Como expressar a beleza em palavras? Algum poeta já conseguiu fazer isso? Somente os tolos acham que conseguiram fazê-lo. Quanto maior o poeta, maior sua consciência de seu fracasso. Algum pintor conseguiu ser capaz de pintar a beleza que ele experiencia? Nenhum pintor jamais está satisfeito. Um enorme descontentamento o acompanha durante toda a sua vida como uma sombra. Ele vem à tona repetidas vezes; toda a sua vida é um longo fracasso, uma tragédia. Suas belas pinturas são belas para nós, mas ele sabe que fracassou. Elas são fantásticas para nós porque não sabemos o que é a beleza. Se essas fantásticas pinturas não estivessem ali, nós não teríamos a consciência de muitas coisas.

Diz-se que, se todas as pinturas do mundo desaparecessem, não seríamos capazes de ver a beleza de um pôr do sol. Não seríamos capazes de perceber a beleza de uma rosa. Não seríamos capazes de perceber a beleza de um pássaro voando. Nós nos tornamos capazes de perceber isso porque, durante séculos, os pintores têm preparado o contexto certo para percebermos essa beleza. Mas se perguntarmos aos próprios pintores, se perguntarmos a um Van Gogh, a um Rabindranath Tagore ou a um Nandlal Bose, eles nos dirão que fracassaram. O

que eles viram foi algo totalmente diferente. Era tão vivo, tão pulsante! E a pintura está morta; não é nada além de telas e cores. Como se pode colocar um pôr do sol sobre uma tela? Seria uma vida estática, e o pôr do sol – o pôr do sol real – é dinâmico, é movimento, está o tempo todo se modificando. Sua pintura seria apenas um fenômeno enquadrado – e o pôr do sol não tem nenhum enquadramento.

Como podemos cantar uma canção que relate nossa experiência do amor? É impossível; todas as palavras são inadequadas. Então, quando tentamos expressar nossa experiência, 90% dela se perde. E, quando alguém a escuta, os 10% remanescentes são distorcidos. Mesmo que 1% atinja a outra pessoa, isso é mais do que podemos pedir.

Quando eu digo algo a você, sei que grande parte já está perdida. Quando olho em seus olhos, eu também sei que o que tiver restado nas palavras foi distorcido por sua mente. Sua mente está continuamente tentando permitir apenas aquilo que se ajusta a ela; não permite o que vai contra ela. Ela não escuta nada; escuta apenas aquilo que não é nada senão um reflexo do seu próprio passado.

Um analista estava preocupado com os resultados de um teste de Rorschach que havia acabado de aplicar a um paciente. Este associava toda mancha de tinta a algum tipo de atividade sexual.

“Eu quero estudar os resultados do seu teste durante o fim de semana e gostaria de vê-lo na segunda-feira”, disse ele ao paciente.

“Ok, doutor. Mas eu vou a uma festa só para homens amanhã à noite. Será que eu poderia levar emprestado essas suas gravuras pornográficas?”

O que ele enxerga, ele acredita que está ali; e o que ele enxerga não está ali, é apenas sua projeção. O que ele escuta pode não ter sido dito, mas ele pode escutá-lo muito claramente, tão claramente que é impossível não acreditar nisso. Nossa mente colore tudo o tempo todo.

Você consegue ler algo que não está escrito, consegue escutar algo que não é falado. Consegue enxergar algo que não existe em parte alguma, exceto na sua própria imaginação. Portanto, as palavras se tornam cada vez mais distantes da verdade. As palavras são mentiras; mentiras no sentido de que são incapazes de transferir o real, o existencial. Na simples transferência, o real morre.

Um poeta foi até o mar, de manhã bem cedo. Havia uma bela aurora, as ondas dançando com o nascer do sol, a areia fria, o ar com sabor de sal... Ele se sentiu tão vivo, experienciou uma alegria tão maravilhosa, que quis compartilhá-la com sua namorada que estava internada num hospital e não podia ir até a praia.

Então o poeta pegou uma bela caixa, abriu-a para os raios do sol, para o vento. Fechou muito bem todos os lados da caixa para que nada escapasse dela e levou-a até o hospital. Ele estava tremendamente feliz e disse para sua namorada: “Eu lhe trouxe algo tão lindo que você pode nunca ter visto. Um nascer do sol tão lindo, ondas tão lindas, um ar tão refrescante, uma paz e um frescor tão grande!”.

E ele abriu a caixa e dentro dela não havia nada – não havia sol, não havia

ondas, nem ar fresco, nenhuma beleza.

Você não pode capturar a beleza em uma caixa. Você não pode capturar a beleza, a verdade, o amor em palavras. Elas são muito pobres. Mas não há nada de errado com elas; elas são úteis no mundo cotidiano. Quando você se move para o seu interior, está indo em direção ao extraordinário. Se estiver alerta, elas podem ser usadas, e podem ser usadas com um bom proveito. Sim, as mentiras podem se tornar degraus para a verdade.

Um soldado americano que estava parado do lado de fora de uma catedral em Paris viu entrar um maravilhoso cortejo de casamento. “Quem é o noivo?”, perguntou a um francês que estava perto dele.

“*Je ne sais pas**”, respondeu ele.

Alguns minutos mais tarde, o próprio soldado, examinando o interior da catedral, viu um caixão sendo carregado ao longo da nave. “De quem é o funeral?”, perguntou a um funcionário da igreja.

“*Je ne sais pas*”, disse o funcionário.

“Caramba!”, exclamou o soldado. “Ele não durou nada!”

As palavras têm de ser entendidas; elas têm de ser entendidas segundo a pessoa que as fala. Você não deve colocar sua mente nelas. Deve mantê-la um pouco distanciada das palavras que ouve. Quanto mais você conseguir manter sua mente fora do caminho, maior a possibilidade de você usar as palavras como degraus. Do contrário, as palavras vão criar uma selva e você vai se perder nela.

Você pode me dizer algo sobre o autoconhecimento? Eu tenho o maior interesse nessa investigação.

O autoconhecimento é uma contradição em termos. Quando ele realmente acontece, não há eu nem há conhecimento. Se o eu estiver ali, ele não pode acontecer. Se o conhecimento estiver ali, ele não aconteceu. Para isso, algumas coisas preliminares têm de ser entendidas.

Em primeiro lugar, para que o autoconhecimento ocorra o eu não pode estar presente. Você tem de esquecer tudo relacionado ao seu ego. Precisa estar em um estado de ausência do ego.

Em segundo lugar: você tem de esquecer tudo sobre conhecimento também. Se você estiver continuamente desejando saber, esse próprio desejo vai impedir-lo de saber. A existência só se revela àqueles que não estão desejando nada, que não estão aspirando a nada – nem mesmo a conhecer Deus. Os mistérios só são revelados àqueles que simplesmente esperam, que não fazem exigências. Eles esperam com os olhos abertos; esperam com o coração aberto, mas sem exigências.

Sua exigência é basicamente orientada pelo ego. Por que você quer saber? Porque o conhecimento lhe proporciona poder. Tente entender isso.

Conhecimento é poder. Quanto mais você sabe, mais poderoso se torna. O ego está sempre interessado em se tornar instruído. Se você tem conhecimentos sobre a natureza, torna-se poderoso em relação à natureza. Se você tem conhecimentos sobre as pessoas, torna-se poderoso em relação às pessoas. Se você tem conhecimentos sobre sua própria mente, torna-se poderoso em relação à sua própria mente. Se você tem conhecimentos sobre Deus, vai se tornar poderoso em relação a Deus.

Bem no fundo, a busca de conhecimento é, na verdade, a busca de poder. E como você pode ser poderoso em relação à realidade? A própria ideia é ridícula. Permita que a realidade tenha poder sobre você... relaxe. E permita que a realidade tome posse de você, em vez de você tomar posse da realidade.

Para estar realmente em um estado de autoconhecimento, a pessoa tem de esquecer o eu e esquecer toda investigação relacionada ao conhecimento. Então ele acontece! Só assim ele acontece.

Há três esforços em toda a história da consciência humana no que se refere ao autoconhecimento.

O primeiro esforço é o do realista. O realista nega o eu interior; ele diz que não há eu interior, não há sujeito; só o objeto existe, a coisa, a matéria, o mundo. Essa é sua maneira de evitar a jornada para dentro de si. A jornada para dentro de si é perigosa. A pessoa terá de perder tudo! O autoconhecimento e tudo o mais, as raízes e tudo o mais – a pessoa terá de perder tudo. O realista não pode correr esse risco. Ele encontra uma explicação. Ele diz: “Não há alma. Não há eu interior. Tudo o que existe no mundo são objetos”. Então ele fica preocupado em conhecer os objetos. Ele esquece a subjetividade e passa a se ocupar da objetividade. É isso que a ciência vem fazendo há 300 anos. É uma maneira de fugir de si mesmo.

A segunda maneira é aquela do idealista, que diz que não há objeto: o mundo é *maya*, ilusão. Não há nada a conhecer lá fora; ele simplesmente fecha os olhos e vai para dentro de si. Só o conhecedor é verdadeiro – o conhecido é falso. O realista diz que apenas o conhecido é verdadeiro e o conhecedor é falso; o idealista diz que apenas o conhecedor é verdadeiro e o conhecido é falso. Veja o absurdo disso – como pode haver um conhecedor se não houver conhecido? E como pode haver um conhecido se não houver conhecedor?

Assim, o idealista e o realista estão apenas escolhendo uma metade da realidade. Quanto à outra metade, eles são temerosos. O realista teme ir para dentro de si, porque ir para dentro de si significa penetrar no vazio, no total vazio. É cair em um poço sem fundo, em um abismo... imprevisível. Onde ele vai parar ninguém sabe, nem sequer se vai parar em algum lugar.

O realista teme o conhecedor, e por isso o nega. Por medo, ele diz que este não existe: “Todo o meu interesse é no conhecido, no objeto”. E o idealista teme o objeto, o mundo, os encantamentos do mundo, a magia do mundo. Ele teme se perder nos desejos e nas paixões. Teme ficar envolvido em coisas – dinheiro, poder, prestígio. Tem tanto medo que diz: “Tudo é sonho. O mundo que está lá fora não é real. O mundo real é o mundo interior”.

Mas ambos estão sendo meio verdadeiros. E lembre-se: uma meia verdade é bem pior que uma total mentira. Pelo menos a total mentira tem uma qualidade intrínseca: ela é total – tem a qualidade da totalidade. E uma coisa é bonita em relação a uma total mentira: ela não pode enganá-lo por muito tempo – porque é uma tal mentira que até mesmo a pessoa estúpida será capaz de, mais cedo ou mais tarde, perceber que aquilo é uma mentira. Mas a meia verdade é perigosa – até mesmo uma pessoa inteligente pode se perder nela.

E há a terceira maneira: a maneira do místico. Ele aceita ambas e rejeita ambas. Essa é minha maneira de ser. Ele aceita ambas porque diz: “Em um plano existem os dois – o conhecedor e o conhecido, o sujeito e o objeto, o interior e o exterior. Mas no outro plano ambos desaparecem e só um permanece – que não é nem o conhecido nem o conhecedor”.

A abordagem do místico é total. E eu gostaria que você entendesse o mais profundamente possível a abordagem do místico. Em um nível ambas estão certas. Quando você está sonhando, o sonho é verdadeiro e o sonhador é verdadeiro. Quando você acorda de manhã, ele não é mais verdadeiro. Agora o sonhador se foi e o sonho se foi – ambos se foram. Agora você está acordado. Agora você está existindo em um nível de consciência totalmente diferente.

O mundo é verdadeiro e o ego é verdadeiro quando a pessoa é ignorante, inconsciente, alheia. Quando a pessoa se torna consciente, quando o estado búdico acontece, então não há o mundo nem o ego – ambos desapareceram. Mas “ambos desapareceram” não significa que nada tenha restado: ambos desapareceram um dentro do outro. Só um restou agora – não restaram dois. O conhecedor e o conhecido tornaram-se um só.

Essa unidade é que realmente significa o autoconhecimento. Mas a palavra não é correta. Nenhuma palavra pode ser correta. Com relação às grandes experiências que vão além da dualidade, nenhuma palavra pode ser correta.

O homem tenta de duas maneiras superar a dicotomia que é inerente ao autoconhecimento. Uma maneira é confinar o conhecido aos objetos do mundo, do “não eu”. Essa maneira significa fugir do autoconhecimento. E as pessoas que querem fugir do autoconhecimento o condenam como sendo introvertido, não social, anormal, até mesmo pervertido. Eles chamam isso de um tipo de masturbação intelectual, de olhar para o próprio umbigo; chamam essas pessoas de comedores de lótus, sonhadores, poetas, místicos, de alguma maneira desviados da realidade.

As pessoas ficam interessadas na pesquisa científica – por quê? Elas estão realmente interessadas em algum projeto científico ou estão simplesmente tentando evitar ir para dentro de si? A maior possibilidade é que estejam evitando ir para dentro. Albert Einstein disse antes de morrer que, se Deus lhe desse outra chance de nascer, ele não queria se tornar novamente um cientista. Por quê? Albert Einstein era um homem de grande sensibilidade, de grande inteligência; um homem que poderia ter facilmente se tornado um buda. Ele tinha todo o potencial, e o perdeu, porque despejou toda a sua inteligência no mundo objetivo. Tornou-se demasiado preocupado com as estrelas, com o tempo, com o espaço etc. e se esqueceu completamente de si mesmo. Tornou-se tão engajado com

outras coisas e com outros problemas que esqueceu completamente quem ele era, ou que algum tempo tem de ser dedicado também para si mesmo.

Um dos líderes socialistas da Índia, dr. Ram Manohar Lohia, foi vê-lo. Disse-me que quando foi ver Albert Einstein teve de esperar seis horas. O horário havia sido estabelecido pelo próprio Albert Einstein, e repetidas vezes sua esposa vinha lhe trazer chá e outras coisas e dizia: “Sentimos muito, mas ele está tomando banho”. Durante tanto tempo!?

Dr. Lohia perguntou: “Quanto tempo ele demora para tomar banho?”.

A esposa disse: “Ninguém sabe, porque quando ele se senta em sua banheira começa a pensar em coisas grandiosas. E esquece completamente onde está. E não podemos perturbá-lo, porque ele pode estar seguindo algum fio sutil do pensamento, e se o perturbarmos isso pode ser uma perda para a humanidade”.

Dr. Lohia ficou mais interessado. Perguntou: “Mas o que ele faz sentado ali?”.

A esposa disse: “Por favor, não me pergunte... Ele brinca com bolhas de sabão. Mantém-se envolvido com bolhas de sabão e continua pensando. Todos os grandes problemas que ele resolveu foram resolvidos na sua banheira”.

Você deve ter ouvido falar sobre o fato de os grandes cientistas se tornarem desligados. Isso não é apenas piada – há uma verdade nisso. Eles perdem o rastro do seu próprio ser.

Diz-se que Immanuel Kant certa noite voltou para casa e bateu na porta. Estava ficando escuro, e o criado olhou da janela, do andar de cima, e disse de lá: “O senhor não está em casa”.

Era a casa de Immanuel Kant, ele era o dono da casa, mas o criado achou que era alguém que havia vindo para ver o seu senhor. Então disse: “O senhor não está em casa. Ele saiu para dar uma caminhada”.

E Immanuel Kant disse: “Está bem, então eu volto mais tarde”.

E se foi! Depois de andar durante uma hora, de repente caiu em si: “Que brincadeira este criado fez comigo? Eu sou o dono da casa!”.

Se você se torna muito engajado em coisas externas, há uma possibilidade de toda a sua consciência começar a se mover para a extroversão. Nada aponta para você mesmo.

Outra noite, Immanuel Kant voltou para casa. Ele costumava carregar uma bengala. Entrou na sala e esqueceu o que era o quê; então colocou a bengala na cama e ficou de pé no canto. Só no meio da noite de repente reconheceu o fato de que algo estava errado.

Isso é possível. Uma pessoa pode realmente ficar tão obcecada com o objetivo que pode perder todo o rastro de si mesmo. Pode cair em uma sombra. Os cientistas vivem nesse tipo de sombra. Os filósofos vivem nesse tipo de sombra. E quando você se torna obcecado demais com o objetivo, então naturalmente se torna também obcecado com a metodologia da ciência – então esse é o único método válido a ser conhecido. Se algo não está disponível para esse método, então não só você diz que aquilo não pode ser conhecido, mas começa a dizer lentamente, inconscientemente, sem pensar, que, se aquilo não

pode ser conhecido mediante o método científico, não pode existir. Por isso os cientistas continuam dizendo que Deus não existe. Não que a divindade não exista – é apenas a metodologia deles. A metodologia deles visa o objeto, e Deus é subjetividade. Seus métodos visam captar o que está separado de você. E Deus não está separado de você: Deus é seu ser mais íntimo, sua interioridade.

Mediante métodos científicos, o amor não pode ser provado. Isso não significa que o amor não exista. Mas ele necessita de uma metodologia diferente, uma abordagem diferente, uma visão diferente, uma maneira de ver diferente.

O cientista evita o problema do autoconhecimento ficando cada vez mais interessado no mundo objetivo. Ficando cada vez mais dentro das coisas, ele se afasta cada vez mais de si mesmo.

E há um terceiro esforço também para superar a dicotomia sujeito/objeto, e essa é a maneira do místico. Uma maneira de evitar esse problema do sujeito e do objeto é a do cientista: só o objeto existe. A outra maneira de evitar a dicotomia – porque ela é insolúvel – é a do idealista: dizer que o mundo é ilusório, que ele não existe, que ele é *maya*, e fechar seus olhos. Ambas estão erradas. O terceiro é o método do místico: ele transcende. Ele não nega a realidade ao objeto, ele não nega a realidade ao sujeito – ele aceita a realidade de ambos. Ele as une.

Esse é o significado da famosa declaração dos Upanishads, *tat twam asi* – tu és isso. Essa é uma fusão das duas esferas. Nessa fusão, o autoconhecimento acontece. O eu desaparece, o conhecimento desaparece – o saber permanece. Uma clareza, uma transparência... tudo fica claro. Não há ninguém para quem aquilo seja claro, e não há algo a ficar claro – mas tudo fica claro. Resta só a clareza, a claridade. Isso é chamado pelos budistas de a *terra de lótus* de Buda. Tudo é claro e fragrante, belo e harmonioso. Então o esplendor abre suas portas.

O conhecimento é um fato seco e morto – não é a experiência úmida. E a experiência não é conhecimento, mas saber. Por isso Krishnamurti sempre usa a palavra “experienciar” em vez de “experiência”. Ele está certo. Ele transforma o substantivo em um verbo e o chama de experienciar. Lembre-se disso sempre: transforme os substantivos em verbos e você estará mais próximo da realidade. Não chame de conhecimento, chame de saber. Não chame de vida, chame de viver. Não chame de amor, chame de amar. Não chame de morte, chame de morrer.

Se você conseguir entender que toda a vida é um verbo, não um substantivo, haverá um grande entendimento acompanhando-o como uma sombra.

Não há eu e não há o outro.

O grande místico e filósofo judeu Martin Buber diz que a oração é a experiência do Eu e do Tu, uma experiência dialógica, um diálogo. Sim, no início a oração é isso, mas não no fim. Para os iniciantes, a oração é um diálogo entre o Eu e o Tu. Mas, para aqueles que já chegaram ao entendimento, a oração não é um diálogo, porque não há Eu nem Tu. O diálogo não pode existir. Não é comunicação: é comunhão. Não é sequer união, mas unidade.

O autoconhecimento é de grande importância. Nada é mais importante do que

isso. Mas lembre-se destas duas ciladas: uma é negar a subjetividade e se tornar um realista; outra é negar a realidade e se tornar um idealista. Evite essas duas ciladas. Ande exatamente no meio. E então você será surpreendido – o eu desapareceu, o conhecimento desapareceu. Mas então chega o saber. A grande luz desce, e é uma luz que não apenas transforma você, como transforma todo o seu mundo.

Buda teria dito: “No momento em que me tornei iluminado, toda a existência se tornou iluminada para mim”. Isso é verdade. Sou testemunha disso. É exatamente assim que acontece. Quando você se torna iluminado, toda a existência se torna repleta de luz e permanece repleta de luz. Até a escuridão se torna luminosa, até mesmo a morte se torna uma nova maneira de viver.

Para mim, saber se torna conhecimento, que então se torna a prática desse conhecimento. E mesmo isso se torna uma prática. Por favor, comente.

O saber sempre se torna conhecimento, e você tem de estar alerta para não permitir isso. Essa é uma das situações mais delicadas no caminho de um buscador: o saber sempre se torna conhecimento porque, no momento em que você sabe algo, sua mente o coleta como conhecimento, como experiência.

O saber é um processo, o conhecimento é uma conclusão. Quando o saber morre, ele se torna conhecimento. E se você continuar coletando esse conhecimento, então o saber se torna cada vez mais difícil – porque com o conhecimento, o saber nunca acontece. Então você carrega seu conhecimento à sua volta. Uma pessoa ilustrada está quase escondida atrás de seu conhecimento; ela perde toda a clareza, toda a percepção. O mundo está bem distante, a realidade perde toda a transparência. A pessoa ilustrada está sempre olhando através do seu conhecimento. Ela projeta seu conhecimento, seu conhecimento colore tudo – agora não há mais qualquer possibilidade de saber.

Lembre-se: o conhecimento não é coletado apenas mediante as escrituras. Ele também é coletado, mais ainda, mediante sua própria experiência.

Por exemplo, você ama uma mulher. Você nunca conheceu uma mulher antes, nunca se apaixonou profundamente. Você se apaixona pela primeira vez – você é inocente, é um virgem. Você não sabe o que é o amor, sua mente está aberta. Você não tem nenhum conhecimento sobre o amor. Você é espontâneo, você se move em direção ao desconhecido. Ele é misterioso. O amor abre portas de templos desconhecidos, canta canções desconhecidas a seus ouvidos e a seu coração, dança com melodias desconhecidas. E você não sabe nada; você não tem nenhum conhecimento para poder julgar, avaliar, condenar, para dizer se é bom ou mau. É extasiante! Você é capturado pela inefável experiência do amor. Você vive momentos de graça.

Mas, pouco a pouco, você se torna instruído. Agora você sabe o que o amor

significa; agora você sabe o que a mulher significa, agora você conhece a geografia, a topografia do amor. Você se tornou instruído. E você se apaixonou por outra mulher. Mas não acontece nada igual à primeira experiência – nada parecido com ela. É algo fosco, uma repetição, como se você fosse ver o mesmo filme de novo ou estivesse lendo o mesmo romance de novo. Há uma pequena diferença aqui e ali, mas não muita.

Agora, por que você está perdendo? Por que a mesma experiência misteriosa não o está capturando? Por que você não está novamente palpitando diante do desconhecido? Porque você está instruído. Algo tão belo como o amor se tornou uma repetição.

O saber sempre se transforma em conhecimento; por isso você tem de estar muito alerta. Saiba algo – mas, no momento em que isso se tornar conhecimento, desprenda-se dele. Continue morrendo para seu conhecimento. Nunca o carregue consigo, porque nenhuma outra mulher é a mesma. Sua primeira mulher foi todo um mundo; essa nova mulher por quem você se apaixonou é um mundo totalmente diferente. Ele não vai ser o mesmo mundo. Mas se você se mover na direção do conhecimento ele vai parecer o mesmo.

Desprenda-se do conhecimento. Seja de novo inocente. Mova-se de novo em direção ao desconhecido – porque não há duas pessoas iguais. Toda pessoa é tão única, pois nunca houve uma pessoa como aquela antes, e nunca haverá de novo. Aprenda de novo a partir do ABC e você ficará repleto de espanto. E então terá aprendido uma lição profunda: nunca permita que nenhum conhecimento se assente.

Todo saber se torna conhecimento. No momento em que se tornar conhecimento, desprenda-se dele. Ele é apenas poeira acumulada no espelho; todos os dias você tem de limpá-lo. No espelho da sua mente o pó se acumula, o pó da experiência; ele se transforma em conhecimento. Limpe-o! Por isso a meditação cotidiana é necessária. A meditação não é nada mais do que a limpeza do espelho da sua mente. Limpe-o continuamente, e se conseguir limpá-lo a cada momento da sua vida não haverá necessidade de se sentar isoladamente para meditar.

Lembre-se: fique alerta para que o conhecimento não se acumule, para que você permaneça como uma criança – repleto de encantamento, repleto de admiração. Todo canto do mundo é misterioso, e você não sabe o que é. Você não consegue determinar o que é a vida. Encantado, você corre nesta e naquela direção.

Você já viu uma criança correndo na praia? Tão exultante, em tal euforia, catando conchinhas e pedras coloridas. Você já observou uma criança correndo em um jardim atrás de uma borboleta? Você não correrá dessa maneira mesmo que Deus esteja lá. Você não correrá dessa maneira, você não ficará tão extático mesmo que Deus esteja lá. Você irá se mover como um cavaleiro. Você não correrá, não se tornará selvagem; você manterá suas boas maneiras, você mostrará que é maduro, que não é uma criança.

E Jesus disse: “Só aqueles que forem como crianças poderão entrar em meu

Reino de Deus”. Só aqueles que forem como crianças, só aqueles que ainda forem capazes de se encantar – o encantamento é o maior tesouro na vida. Quando você perde a capacidade de se encantar, você perdeu sua vida. Então você se arrasta, mas não vive mais. E o conhecimento mata o encantamento.

Esse é um dos problemas mais difíceis que a mente moderna está enfrentando, porque o conhecimento tem se acumulado cada vez mais, a cada dia. A mente moderna está excessivamente sobrecarregada de conhecimento. Por isso a religião desapareceu; porque a religião só pode existir com o encantamento, com olhos cheios de espanto – olhos que não sabem, mas estão prontos para correr em qualquer direção para ver o que está ali: olhos inocentes, corações virgens. Portanto, lembre-se de permanecer capaz de se encantar como uma criança.

A ciência se desenvolve a partir da dúvida; a religião cresce a partir do encantamento, do assombro. Entre os dois está a filosofia; ela ainda não se decidiu, continua pendendo entre a dúvida e o encantamento. Às vezes o filósofo duvida e às vezes o filósofo se encanta; ele está bem no meio. Se ele duvida demais, pouco a pouco se torna um cientista. Se ele se encanta demais, pouco a pouco se torna religioso.

Por isso a filosofia está desaparecendo do mundo – porque 99% dos filósofos se tornaram cientistas. Uma pessoa ou outra... um Buber em algum lugar, um Krishnamurti em outro, um Suzuki em outro, grandes mentes, grandes intelectos penetrantes – estes se tornaram religiosos. A filosofia está quase perdendo seu campo. Se você se torna cético demais, você se torna cientista. Se você se torna maravilhado como uma criança, você se torna religioso. A ciência existe com a dúvida; a religião existe com o assombro.

Se você quer ser religioso, então crie mais encantamento, descubra mais encantamento. Permita que seus olhos sejam mais inundados com assombro do que com qualquer outra coisa. Surpreenda-se com tudo que está acontecendo. Tudo é tão tremendamente maravilhoso que é simplesmente inacreditável como você pode continuar a viver sem dançar, como continuar a viver sem se tornar extático. Você não deve estar vendo o que está acontecendo à sua volta. Simplesmente *ser* é algo tão milagroso, apenas respirar é algo tão milagroso. Simplesmente respire e simplesmente seja! Nada mais é necessário para uma pessoa religiosa. Fique repleto de assombro, porque, quando uma pessoa está repleta de assombro, o louvor chega, e o louvor é religiosidade. Quando você vê esta maravilhosa existência, você começa a louvá-la. Em seu louvor, surge a religiosidade. Você diz: “Sagrado, sagrado, sagrado!”. Isso é sagrado. É tão belo e tão sagrado.

Então o questionador levanta uma questão muito pertinente: “Você me lembrou de novo que, para mim, o saber se torna conhecimento, que se torna a prática desse conhecimento”. Estes são os três passos. Primeiro vem o saber; depois o saber morre, se encolhe, se transforma em conhecimento; então o conhecimento também se encolhe ainda mais e se transforma em prática, ou em caráter.

Um homem de caráter é o homem mais morto do mundo. Ele pratica seu

conhecimento; ele tenta seguir seu conhecimento. Ele não é espontâneo. Está continuamente controlando, manipulando, se impelindo para este e aquele caminho, de algum modo se mantendo coeso. Ele não é responsável – responsável no sentido de ser capaz de responder. Se você se encontra com ele, se você o abraça, ele vai reagir a isso, mas essa reação virá de sua experiência passada, de seu caráter. Um homem de caráter é previsível.

Só um mecanismo pode ser previsível. Uma pessoa plenamente consciente é imprevisível. Nenhum astrólogo pode prever nada sobre uma pessoa plenamente consciente. Ela se move de momento para momento, repleta de assombro. Ela age segundo seu assombro, ela age respondendo ao momento. Ela não carrega conhecimento, ela não carrega caráter dentro de si. A cada momento ela é nova, renascida.

Então, estes são os três passos: o saber morre; o saber se transforma em conhecimento; o conhecimento se transforma em caráter. Esteja atento – cuidado! Não permita que seu saber morra e se transforme em conhecimento. E nunca permita que seu conhecimento o controle e crie um caráter para você. O caráter é uma armadura. Na armadura você está aprisionado; então nunca poderá ser espontâneo. Você já está em seu túmulo – um caráter é um túmulo.

Deixe que seu conhecimento esteja ali, mas não permita que ele se transforme em conhecimento ou caráter. No momento em que ele começar a se transformar em conhecimento, despenda-se dele. Esvazie suas mãos, esqueça-se de tudo relacionado a ele. Mova-se para a frente, para se tornar de novo como uma criança. Isso é difícil, eu sei. É fácil dizer; difícil ser dessa maneira – mas essa é a única maneira pela qual você pode atingir o *satchitanand*, que você pode alcançar a verdade, alcançar a consciência, alcançar a felicidade.

Sim, é difícil. É preciso pagar muito por isso – mas o divino não é barato. Você terá de pagar com todo o seu ser. Só quando tiver pagado totalmente e não estiver mais apegado a nada e não for um avarento, quando tiver se sacrificado e se rendido totalmente, você terá atingido. A divindade chega a você quando você não é. Quando tiver se tornado apenas um zero, Deus chega a você. É só esperar num canto. No momento em que você se tornar vazio, ele correrá na sua direção, ele chegará e o satisfará.

Não permita que o saber se transforme em conhecimento e em caráter. Então um tipo totalmente diferente de caráter irá surgir, que não será como o caráter que você tem visto no mundo. Ele será interno – uma disciplina que vem do mais íntimo do seu ser. Nunca forçado, sempre espontâneo – não é como um mandamento; é um crescimento orgânico. Deus é seu crescimento espontâneo, orgânico.

O conhecimento das grandes escrituras do mundo é útil para se encontrar a verdade?

Não, porque o conhecimento não é seu. Ele é tomado emprestado. E você pode tomar a verdade emprestada? A verdade é intransferível; ninguém pode dá-la a você. Nem mesmo um mestre vivo pode transmiti-la a você. Você pode aprender, mas ela não pode ser ensinada. Então, o que dizer sobre as escrituras mortas, por mais sagradas que possam ser? Elas devem ter vindo de alguma fonte original; algum mestre, alguém desperto deve ter sido a sua fonte real – mas agora elas são apenas palavras. São apenas palavras *sobre* a verdade, informações sobre a verdade.

Estar com Krishna é uma questão totalmente diferente de ler o Bhagavad Gita. Estar com Maomé, em sintonia com ele, em profunda harmonia, deixando-o superposto com seu ser, permitindo que seu ser toque e mova seu coração é uma coisa. Apenas ler o Alcorão é uma coisa muito distante, distante demais; é um eco nas montanhas. Não é a verdade em si; é um reflexo, uma lua cheia refletida no lago. Se você pular no lago não vai atingir a lua; na verdade, se você pular no lago até mesmo o reflexo irá desaparecer. As escrituras são apenas espelhos refletindo verdades distantes.

Os Vedas existiram durante pelo menos cinco mil anos; eles refletem algo de cinco mil anos de idade. Muita poeira se juntou ao espelho, muita interpretação, muitos comentários – é isso que eu quero dizer com poeira. Agora não se pode saber exatamente o que os Vedas dizem; só se conhece os comentadores, os intérpretes, e eles são milhares. Há uma grossa parede de comentários e é impossível simplesmente colocá-la de lado. Só se sabe *sobre* a verdade – e não apenas isso, só se sabe os comentários e as interpretações de pessoas que não a experienciaram.

O conhecimento é transmitido para outros propósitos. Sim, há a possibilidade de se transmitir o conhecimento sobre o mundo porque o mundo está fora de nós, ele é objetivo. Ciência é conhecimento; ciência, a própria palavra, significa exatamente conhecimento. Mas religião não é conhecimento.

Religião é experiência – pela simples razão de que todo o interesse dela está na sua interioridade, que só está disponível a você e a ninguém mais. Você não pode convidar nem mesmo a pessoa que mais ama para seu ser interior. Lá você está completamente só – e lá reside a verdade.

O conhecimento vai continuar fortalecendo, decorando, enriquecendo sua memória, mas não o seu ser. Seu ser é um fenômeno totalmente diferente. Na verdade, o conhecimento vai criar barreiras. É preciso desaprender tudo o que foi aprendido – só assim se atinge o ser. É preciso ser ino cente. As pessoas do Zen dizem: “Não saber é a coisa mais íntima”. O conhecimento cria distância.

Você me pergunta se o conhecimento das escrituras não é útil na descoberta da verdade. Não. Pela simples razão de que, se você acumula conhecimento, vai começar a acreditar em conclusões. Já vai concluir o que é a verdade sem *conhecê-la*, e sua conclusão vai se tornar o maior obstáculo. A verdade tem de ser abordada em sua completa nudez, em sua total pureza, no silêncio, em um estado de inocência, em um estado de assombro, de pasmo, como acontece com uma criança. Sem já saber, sem estar repleto do entulho chamado conhecimento, sem estar repleto dos Vedas, das Bíblias e dos Alcorões, mas

totalmente em silêncio... sem nenhum pensamento, sem nenhuma conclusão, sem nenhum conhecimento sobre a verdade. Quando você se aproxima dessa maneira, de repente a verdade é revelada. E a verdade é revelada aqui e agora: “Ah, isto!”. Um grande regozijo começa a acontecer dentro de você.

A verdade não está separada de você; ela é nosso âmago mais intrínseco. Assim, você não precisa aprendê-la com outra pessoa.

Então, qual é a função dos mestres? A função dos mestres é ajudá-lo a se desprender de seu conhecimento, ajudá-lo a desaprender, ajudá-lo a caminhar para um estado de não condicionamento. Seu conhecimento significa que você estará sempre olhando através de uma cortina, e essa cortina vai distorcer tudo. E o conhecimento está morto. A consciência é necessária, o saber é necessário, um estado de visão é necessário, mas não o conhecimento. Como você pode conhecer o vivo através do morto?

Um homem entrou em um ônibus superlotado. Depois de um tempo, tirou seu olho de vidro, atirou-o para o alto e depois tornou a colocá-lo. Dez minutos depois, novamente tirou seu olho de vidro, atirou-o para o alto e tornou a colocá-lo.

A mulher sentada ao lado dele estava horrorizada. “O que você está fazendo?”, gritou ela.

“Estou apenas tentando ver se há algum lugar na frente”, disse ele.

É isso que é o conhecimento: um olho de vidro. Você não consegue enxergar através dele; é impossível enxergar através dele.

Abandone todas as suas conclusões – hinduístas, cristãs, maometanas, jainistas, judaicas. Abandone todo o conhecimento que lhe foi imposto. Toda criança foi envenenada – envenenada pelo conhecimento, envenenada pelos pais, pela sociedade, pela Igreja, pelo Estado. Toda criança foi distraída da sua inocência, do seu não saber. E por isso toda criança, muito lentamente, torna-se tão sobrecarregada que perde toda a alegria de viver, todo o êxtase de ser, e se torna apenas como a multidão, parte da multidão.

Na verdade, no momento em que a criança está perfeitamente condicionada por você, você fica muito feliz; você chama isso de “educação religiosa”. Você está muito feliz de que a criança tenha sido iniciada na religião de seus pais. Tudo o que você fez foi destruir sua capacidade de saber por ela mesma. Você destruiu sua autenticidade. Você destruiu sua tão preciosa inocência. Você fechou suas portas e janelas. Agora ela vai viver uma existência encapsulada. Vai viver em sua escuridão interna, cercada por todos os tipos de teorias, sistemas de pensamento, filosofias e ideologias estúpidos. Ela vai ficar perdida em uma selva de palavras e não conseguirá sair dali facilmente.

Mesmo que encontre um mestre em seu caminho, mesmo que encontre um buda, demorará anos para que ela desaprenda – porque a aprendizagem se torna quase seu sangue, seus ossos, sua medula. Ir contra seu conhecimento parece ir contra si mesmo, contra sua tradição, contra seu país, contra sua religião. Parece que ela se torna uma traidora, como se estivesse cometendo uma traição. Na verdade, sua sociedade a traiu, contaminou sua alma.

Toda sociedade tem feito isso até agora, e toda sociedade tem sido muito bem-sucedida em fazê-lo. Por isso é tão raro encontrar um buda; é tão raro escapar das armadilhas que a sociedade coloca em torno da criança. E a criança desconhece totalmente isso; ela pode ser facilmente condicionada, hipnotizada. E é isso que continua acontecendo nos templos, nas igrejas, nas escolas, nas universidades. Todas elas servem o passado; elas não servem o futuro. Sua função é perpetuar o passado, o passado morto.

Meu trabalho aqui é justamente o oposto. Não estou aqui para perpetuar o passado; por isso sou contra todo conhecimento. Sou a favor da aprendizagem, mas aprender significa inocência, aprender significa abertura, aprender significa receptividade. Aprender significa uma abordagem não egoísta da realidade. Aprender significa “Eu não sei e estou pronto – pronto para saber”. O conhecimento significa “Eu já sei”. O conhecimento é o maior engano que a sociedade cria nas mentes das pessoas.

Minha função é servir ao futuro, não ao passado. O passado não existe mais, mas o futuro está chegando a cada momento. Eu quero que vocês se tornem inocentes, buscadores, conhecedores – não instruídos –, alertas, atentos, e não inconscientemente agitados a conclusões.

Segundo uma teoria muito recente da astrofísica, cada átomo que existe no corpo ou que cria todas as coisas materiais em torno de nós vem de um círculo cósmico através do qual ele deve passar pelo menos duas vezes. Entretanto, esse fato não me ajuda a me sentir parte do cosmo. Como cientista, será que algum dia terei uma chance de experimentar o mistério?

A ciência é uma desmistificação da existência, e por isso é absolutamente impossível sentir qualquer sensação do misterioso por meio da ciência; o próprio método da ciência o proíbe. É como se uma pessoa cega tentasse ver por meio dos ouvidos, ou algum surdo tentasse ouvir música por meio dos olhos; o próprio método torna-se a barreira.

A ciência tem uma metodologia definida que a torna limitada; ela lhe proporciona uma demarcação, uma definição. E é absolutamente necessário que a ciência seja definida; do contrário, não haveria nenhuma diferença entre a ciência e a meditação, entre a ciência e a consciência religiosa.

Ciência significa ser definido, ser absolutamente definido com relação aos fatos. E se você for muito definido com relação aos fatos não conseguirá sentir o misterioso – quanto mais definido você for, mais o mistério evapora. O mistério necessita de certa imprecisão; o mistério necessita de algo não definido, não demarcado. A ciência é factual; o mistério é não factual, é existencial.

Um fato é apenas uma parte da existência, uma parte muito pequena, e a ciência lida com partes porque é mais fácil lidar com partes. Elas são menores,

you can analyze them, you are not oppressed by them, you can have them in your hands, you can dissect them, you can rotate them, you can be absolutely precise about their qualities, quantities, possibilities – but in this very process the mystery is being killed.

Science is the assassination of mystery.

If you want to experience the mysterious, you will have to enter through another door, of a dimension totally different. A dimension of the mind is a dimension of science; a dimension of meditation is a dimension of the miraculous, of the mysterious.

Meditation makes everything undefined. Meditation leads you to the unknown, to the uncharted. Meditation leads you slowly to a species of dissolution, where the observer and the observed become one. Now, this is not possible in science. The observer must be the observer and the observed must be the observed, and a clear distinction must be continuously maintained. Not for a single moment you must forget yourself, not for a single moment you must become interested, dissolved, passionate, loving, in relation to the object of your investigation. You must remain separate, you must remain very cold, absolutely indifferent. And indifference kills the mystery.

Between the world of meditation and the mind there is a bridge; this bridge is called the heart. The heart is exactly between the two. As a result of this, the poet lives in a land of twilight: something of him can be scientific and something of him can be mystical. But this is also anxiety for the poet, because he lives in two diametrically opposite dimensions. For this reason the poets tend to become mad, to commit suicide; they are always known as madmen, as foreigners. Something remains frenetic in them, for a simple reason: they do not accommodate themselves anywhere. They are not in the world of facts nor in the world of the existential; they are in a limbo.

The poet may have a certain taste for the mysterious, but this is only rarely; he comes and goes. The mystic *lives* there, the poet only jumps there from time to time and feels the joy of jumping beyond the force of gravity. But inside a minute or within a few seconds he is back, crushed against the forces of gravity.

A poem is a species of jump. From time to time you are in the sky, for a moment you feel as if you had wings, but only for a moment. That is the despair of the poet, because he falls repeatedly from his heights. He captures some visions... The greatest poets are also only able to capture some visions of the sky.

But the mystic lives in the world of mystery. His approach is absolutely transcendental to science. He is not in the mind nor in the heart, but in the beyond; he transcends both.

If you really want to experience the mysterious, you will have to open a new door to yourself. I am not saying to you to stop being a scientist; I am simply saying that science can remain a peripheral activity for you. When you are in the laboratory, be a scientist, but when you leave the laboratory, forget everything about science. Then you can have your little birds – but not

de uma maneira científica! Observe as flores – mas não de uma maneira científica, porque quando você olha para uma rosa de uma maneira científica você está observando um tipo de coisa totalmente diferente. Não é a mesma rosa que um poeta experiêcia.

A experiência não depende do objeto; a experiência depende do experienciador, da qualidade de experienciar. Quando o cientista olha para a rosa ele pensa em cores, química, física, átomos, elétrons, nêutrons e qualquer outra coisa – exceto na beleza da rosa. A beleza não entra na sua visão, e é isso que a rosa é.

Para o poeta, para o pintor, a rosa é uma experiência totalmente diferente: a rosa é uma manifestação do desconhecido, do transcendental, do segredo da própria vida. Ela representa algo do divino, traz à existência algo do céu, algo das estrelas distantes. Ela cresce na terra, está enraizada na terra, mas não é apenas parte da terra; contém bem mais do que isso. Não é a soma total de suas partes constituintes. O cientista apenas a conhece como a soma total de suas partes constituintes – não há mais nada nela –, mas o poeta começa a sentir algo mais.

No momento em que você diseca a rosa, a beleza desaparece. A rosa era apenas uma oportunidade para a beleza descer, uma receptividade da terra para com o céu, uma receptividade do bruto para com o sutil. O poeta sente isso; mas isso é uma sensação, não é um pensamento.

Então, quando você sair do seu laboratório, esqueça tudo sobre átomos, esqueça tudo sobre o cosmo; em vez disso, comece a olhar de uma maneira nova, com uma visão diferente – a visão de uma criança, a visão de um poeta, a visão de um amante. Quando você olha para a mulher que ama, nunca pense nela em termos de biologia, do contrário terá perdido o ponto principal. Ela não é biologia, ela tem um ser muito maior do que qualquer biologia pode conter. Quando você beijar sua mulher, não pense em termos do que está sendo transferido quimicamente de lábios para lábios, do contrário você ficará enojado! Você não verá nenhuma poesia, você ficará confuso com o que todos os poetas têm falado. O beijo será apenas uma troca de bactérias, germes, milhões de germes – também perigosos. Pode ser uma questão de vida e morte – cuidado!

Quando estiver fazendo amor com sua mulher, não pense em termos de hormônios, evite essa bobagem; do contrário, todo ato de amor será simplesmente um fenômeno mecânico. Você estará lá e, no entanto, não estará. Você será apenas um observador, não um participante. E todo o segredo do poeta está na participação.

Olhando para uma flor, torne-se a flor, dance em torno da flor, cante uma canção. O vento está suave e fresco, o sol está quente e a flor está em sua plenitude; a flor está dançando ao vento, rejubilando-se, cantando uma canção, cantando aleluia. Participe com ela! Deixe de lado a indiferença, a objetividade, o desligamento. Desprenda-se de todas as suas atitudes científicas. Torne-se um pouco mais fluido, mais dissolvível, passível de se fundir com a flor. Deixe a flor falar com seu coração, deixe a flor entrar em seu ser. Convide-a – ela é uma convidada! Então você sentirá um pouco do sabor do mistério.

Este é o primeiro passo em direção ao misterioso, e o passo fundamental é: se você conseguir ser um participante por um momento, terá conhecido a chave, o segredo. Então torne-se um participante em tudo o que estiver fazendo. Caminhe, mas não caminhe apenas mecanicamente, não caminhe apenas observando o caminho – seja o caminhar. Dance, mas não dance tecnicamente; a técnica é irrelevante. Você pode estar tecnicamente correto e ainda assim perder toda a alegria da dança. Dissolva-se na dança, torne-se a dança, esqueça-se do dançarino.

Quando essa unidade profunda começar a acontecer em muitas, muitas fases de sua vida; quando tudo à sua volta começar a ter essas extraordinárias experiências de desaparecimento, do nada, de ausência de ego; quando a flor estiver ali e você não, quando o arco-íris estiver ali e você não; quando as nuvens estiverem vagando no céu dentro e fora de você e você não existir como um eu; quando houver o completo silêncio no que diz respeito a você; quando não houver ninguém em você, apenas um puro silêncio, um silêncio virgem, não distraído e não perturbado pela lógica, pelo pensamento, pela emoção, pelo sentimento, esse é o momento da meditação. A mente se foi, e quando a mente se vai o mistério entra.

O mistério e a mente não podem existir juntos; eles não são, por sua própria natureza, coexistenciais. Assim como a escuridão e a luz: você não pode ter ambas em seu quarto. Se você quer a escuridão, tem de extinguir a luz; se você quer a luz, tem de abrir mão da escuridão. Você só pode ter uma, pela simples razão de que a presença da luz é a ausência da escuridão, e a presença da escuridão é a ausência de luz; na verdade, elas não são duas coisas. O mesmo fenômeno, presente, é luz; ausente, é escuridão. Você não pode lidar com ambas, ter a presença e a ausência juntas.

A mente é a presença do não misterioso, do lógico; a meditação é a presença do misterioso, do milagroso.

Assim, distancie-se da mente. Deixe que a arte, a poesia, a pintura, a dança tornem-se mais importantes – elas irão aproximá-lo mais da meditação – e, finalmente, mergulhe. Se você tiver provado algo da poesia, encontrará a coragem suficiente para dar o mergulho fundamental.

Dessa forma, para mim, a religião consiste de três camadas. A primeira camada é a da ciência. Assim como seu corpo é feito de constituintes materiais, atômicos, a religião consiste, primeiro, de sua parte mais periférica, de ciência. Não sou contra a ciência – a ciência é uma necessidade absoluta –, mas ela é apenas um fenômeno periférico, o mais superficial, o primeiro círculo concêntrico em torno do seu centro. Então vem o segundo círculo concêntrico, que é mais profundo que a ciência; aquele da arte, da estética. E depois vem o terceiro, aquele da meditação. E se você tiver entrado nesses três círculos concêntricos, lentamente, muito lentamente, atingirá o quarto círculo.

O quarto círculo no Oriente é chamado *turiya*; nós não lhe damos nenhum nome, simplesmente lhe damos um número: “o quarto”. Nada pode ser dito sobre ele, por isso nenhum nome foi dado a ele. Ele está além do mistério. A meditação vai conduzi-lo para o misterioso, mas lá há ainda algo mais do que

isso; e isso é inexpressável. Nada pode ser dito a respeito dele, nada jamais foi dito a respeito dele, nada jamais será dito a respeito dele, mas ele tem sido experienciado.

Só no último pico da experiência, nesse êxtase final, você saberá o que é ser.

Você me pergunta: “Segundo uma teoria muito recente da astrofísica, cada átomo que existe no corpo ou que cria todas as coisas materiais em torno de nós vem de um círculo cósmico através do qual ele deve passar pelo menos duas vezes”.

Quer ele passe duas ou três vezes, como poderá ajudá-lo a sentir que você é parte do cosmo? Ele pode passar milhares de vezes – isso é irrelevante!

Você diz: “Entretanto, esse fato não me ajuda a me sentir parte do cosmo”.

Nenhum fato pode ajudá-lo. Você terá de viajar por todo o terreno em uma dimensão totalmente diferente.

Você também pergunta: “Como cientista, será que algum dia terei uma chance de experienciar o mistério?”.

Não como cientista, não há nenhuma chance. Não posso lhe dar uma falsa esperança. Como cientista você não tem chance de conhecer o misterioso; mas isso não significa que você tenha de deixar de ser um cientista; significa apenas que você tem de deixar a ciência ser um dos aspectos da sua vida. Por que torná-la toda a sua vida? Por que se tornar sinônimo dela? É perfeitamente bom usar sua mente lógica, sua mente analítica – isso é perfeitamente bom, é benéfico. O mundo necessita de tecnologia, o mundo necessita de ciência, e você pode ser de imensa serventia para a humanidade, mas essa é uma questão totalmente diferente.

Você não deve pensar que isso pode ser toda a sua vida; do contrário, viverá apenas no pórtico do palácio, pensará que ele é o palácio e sofrerá todos os tipos de coisas no pórtico. Às vezes estará frio demais, às vezes estará quente demais e às vezes a chuva começará a entrar dentro dele – ele é apenas um pórtico aberto! E o palácio está ali, disponível; você poderia ter entrado no palácio. Não sou contra o pórtico, lembre-se; não estou lhe dizendo para demoli-lo. O pórtico é uma necessidade, mas um pórtico é um pórtico. Atravesse-o, use-o, mas você tem um belo palácio – por que não explorar todo o palácio do seu ser?

Explore a poesia, explore a música, explore a dança, explore a meditação, e, por fim e fundamentalmente, desapareça no *quarto*.

As respostas são perigosas

Quanto mais você entende, menos percebe que sabe. Quando o entendimento aumenta, o conhecimento começa a desaparecer – na mesma proporção. Quanto mais um homem entende, menos erudito ele é. E o fundamental no saber é a absoluta ignorância, a inocência, a pureza como a de uma criança.

Eu sou apenas um iniciante na busca da realidade; você pode me definir estes quatro termos: verdade, Deus, espiritual e fato?

Se você é apenas um iniciante na busca, por favor, volte, não vá em frente. Não se torne mais um especialista na busca espiritual, porque os especialistas são os perdedores. Não se torne mais instruído, torne-se mais inocente. Desprenda-se de tudo o que você sabe, esqueça tudo o que sabe. Continue se surpreendendo com a existência, mas não transforme seu assombro em perguntas, porque, quando o assombro se transforma em uma pergunta, mais cedo ou mais tarde a pergunta vai trazer conhecimento. E o conhecimento é uma moeda falsa.

A partir do estado de assombro, há dois caminhos. Um é o questionamento – o caminho errado –, que o conduz a cada vez mais conhecimento. O outro não é o questionamento, mas sim o desfrutar. Desfrute do espantoso, do assombro que é a vida, da maravilha que é a existência, da maravilha do sol, da sua luz, das estrelas banhadas em seus raios dourados. Experimente. Não coloque um ponto de interrogação; deixe ser como é.

Permaneça ignorante se quiser um dia se tornar iluminado. Permaneça inocente, como uma criança, se um dia quiser uma comunhão com a existência e com a realidade. Permaneça em encantamento se quiser que os mistérios se abram para você. Os mistérios nunca se abrem para aqueles que continuam questionando. Os questionadores mais cedo ou mais tarde terminam em uma biblioteca. Os questionadores mais cedo ou mais tarde terminam com as escrituras, porque as escrituras estão repletas de respostas.

E as respostas são perigosas, elas matam seu encantamento. Elas são perigosas porque lhe dão a sensação de que você sabe, embora não saiba. Elas lhe dão uma concepção equivocada sobre você mesmo: de que agora as questões foram resolvidas. “Eu sei o que a Bíblia diz, eu sei o que o Alcorão diz, eu sei o que o Gita diz. Eu já sei.” Você vai se tornar um papagaio; vai repetir coisas, mas não saberá nada. Esse não é o caminho para o saber – o conhecimento não é o caminho para o saber.

Então, qual é o caminho para o saber? O encantamento. Deixe seu coração dançar com o encantamento. Fique repleto de assombro: pulse com ele, inspire-o, expire-o. Por que tanta pressa na busca da resposta? Você não consegue permitir que um mistério permaneça um mistério? Eu sei que há uma grande

tentação em não permitir que ele permaneça um mistério, em reduzi-lo a conhecimento. Por que existe essa tentação? Porque só se você estiver repleto de conhecimento estará no controle.

O mistério irá controlá-lo, o conhecimento o transformará no controlador. O mistério vai tomar posse de você. Você não pode tomar posse do misterioso; ele é vasto demais e suas mãos são pequenas demais. Ele é tão infinito que você não pode possuí-lo, terá de ser possuído por ele – e esse é o medo. O conhecimento você pode possuir, ele é muito trivial; o conhecimento você pode controlar.

Essa tentação da mente para reduzir todo assombro, todo mistério, a uma pergunta é basicamente orientada pelo medo. Nós temos medo, temos medo da potência da vida, desta inacreditável existência. Nós temos medo. E por medo criamos algum pequeno conhecimento em torno de nós como uma proteção, como uma armadura, como uma defesa.

Só os covardes reduzem a perguntas a capacidade tremendamente valiosa do assombro. A pessoa realmente valente, corajosa, deixa-o como ele é. Em vez de transformá-lo em uma pergunta, ela salta para o mistério. Em vez de tentar controlá-lo, ela permite que o mistério a possua.

E a alegria de ser possuído, a bênção de ser possuído, é inestimável. Você não consegue imaginar o que é isso, você nunca sonhou com isso – porque ser possuído pelo mistério é ser possuído por Deus.

Você diz: “Como eu sou apenas um iniciante...”. Você é afortunado de ser apenas um iniciante. Há muitos que se tornaram especialistas; eles terão de voltar atrás, e esta será uma jornada longa e árdua. Eles acumularam tanto conhecimento que se desprender dele será uma tarefa difícil. Se você for realmente um iniciante, fique feliz. Você não foi muito longe. Volte.

Não há necessidade de definir estas belas palavras, porque elas não são apenas palavras. Você quer que eu defina a verdade. Você sabe se alguém já definiu a verdade? Será que ela pode ser definida? O que é uma definição? Uma definição significa uma tautologia – você usa as mesmas palavras de uma maneira diferente. O que são de fato suas definições? Sinônimos.

Observe suas definições e vai descobrir que você tem estado parafraseando. Mas como a paráfrase define alguma coisa? A segunda coisa em que você pensa é que a definição, por sua vez, necessita de outra definição. As definições são tautologias ou simplesmente estupidez.

Por exemplo, pergunte o que a mente é e os conhecedores, os instruídos, dirão: “É a não matéria”. Então lhes pergunte: “O que é a matéria?”. E eles responderão: “É a não mente”. Que tipo de definição vai surgindo? A mente não é matéria; isso se torna uma definição. A matéria não é mente; isso se torna uma definição. Ambas permanecem indefiníveis; você não definiu nada, você simplesmente deslocou o problema de um lugar para outro.

Você só pode enganar os tolos.

E a verdade significa o todo, tudo o que existe, o total. Tudo o que existe – como você pode defini-lo. Ele é ilimitado, infinito. Defini-lo significa traçar uma linha em volta dele, localizá-lo, dizer: “Isto é ele”. Mas não há como definir a

verdade, porque não há como traçar uma linha em torno dela. Ela é infinita, ela é eterna, não tem início e não tem fim.

As pessoas que têm tentado definir a verdade dizem: “A verdade é aquilo que é”. Mas isso é tautologia. A questão permanece a mesma, o mistério permanece não resolvido. “A verdade é aquilo que é” – o que você acrescentou? Você a tornou um pouquinho mais simples do que antes? Você pode chamá-la de “aquilo que é” ou pode chamá-la de verdade ou pode chamá-la de Deus, mas você está simplesmente usando nomes, palavras, rótulos, para algo que é basicamente indefinível.

A verdade não pode ser definida, embora ela possa certamente ser experienciada. Mas a experiência não é uma definição. Uma definição é criada pela mente, a experiência vem por meio da participação. Se alguém pergunta “o que é uma dança”, como você pode defini-la? Mas você pode dançar e pode conhecer a sensação interna da dança.

Deus é a suprema dança. Você terá de aprender a dançar com êxtase para experienciar Deus. Deus é a dança em que o dançarino desaparece. Então chega a experiência, ela inunda você e, então, você sabe. Mas esse saber não é conhecimento, esse saber é sabedoria.

A verdade não pode ser definida. Lao-tsé diz que se você a definir já a transformou em inverdade. Ele viveu uma longa vida; deve ter sido realmente longa, porque a história é que por 82 anos ele viveu no útero de sua mãe, e, portanto, quando nasceu já tinha 82 anos de idade. Então, se ele viveu por pelo menos mais 82 anos, ele deve ter vivido muito tempo. Mas ele nunca escreveu uma única palavra.

Durante toda a sua vida seus discípulos viviam repetidamente lhe fazendo perguntas, solicitações: “Escreva alguma coisa. Você está ficando cada vez mais velho e um dia terá de deixar o corpo. Deixe seu último testamento”. Mas ele ria e não dizia nada, ou permanecia em silêncio como se não tivesse escutado.

Então, quando ficou muito velho, começou a se deslocar na direção dos Himalaias. Disse aos seus discípulos: “Agora eu vou para os Himalaias para nunca mais voltar. Durante toda a minha vida eu fui um itinerante, e os Himalaias são o melhor lugar para morrer. Eu vivi lindamente, vivi a vida de maior êxtase possível. Gostaria também de morrer muito extaticamente, muito esteticamente. Gostaria de morrer no silêncio dos Himalaias, naquelas belas montanhas”.

Quando ele estava passando pela fronteira da China, o guarda na fronteira o impediu. Ele disse: “Não vou permitir que você deixe o país a menos que escreva alguma coisa”. Aquele guarda deve ter sido um homem muito perceptivo. O mundo está em débito com ele por uma das coisas mais maravilhosas que já foram escritas – o Tao Te Ching. Não há outro livro comparável a ele.

Não encontrando maneira de evitá-lo, porque o guarda não lhe permitiria ir adiante e ele queria deixar o país o mais rapidamente possível – a morte estava se aproximando e ele queria morrer no silêncio dos Himalaias –, impelido a escrever, ele se sentou na sala do guarda por três dias e completou o livro, o Tao Te Ching.

Mas a primeira coisa que ele escreveu foi: “O Tao não pode ser dito. Uma vez dito, não é mais Tao”.

Você pode entender o que ele quer dizer com isso. Ele está dizendo que, se você ler a primeira declaração, não há necessidade de ir adiante. “A verdade não pode ser dita. Uma vez dita, não é mais verdade” – esta é sua declaração. Então, se você entende, o livro está terminado. O que pode ser dito sobre a verdade? Sim, ela pode ser vivida, experienciada. Você pode amar, viver, ser – mas a definição não é possível. Se você quiser definições, terá de ir para uma universidade. Os professores definem o que é a verdade, e cada professor de filosofia a define à sua própria maneira, e há milhões de definições, e todas são falsas. Nenhuma definição pode jamais ser verdadeira.

O que dizer sobre a verdade – nem mesmo as pequenas experiências da vida podem ser definidas. O que é o amor? Ou qual é o gosto do açúcar na sua língua? Como defini-lo? O que é a beleza quando você a vê em uma flor de lótus?

G. E. Moore, um dos maiores filósofos modernos, escreveu um livro, *Principia Ethica*, em que ele tenta definir o que é o bem. É claro que esta é a primeira questão no mundo da ética: o que é o bem? E por 200 ou 250 páginas ele se esforça desta e daquela maneira e não consegue defini-lo. E ele foi uma das pessoas mais perceptivas que o século XX produziu.

Derrotado, cansado, exausto, no fim ele diz que o bem é indefinível. É tão indefinível quanto a cor amarela. Se alguém pergunta “O que é o amarelo?” – existe uma flor, a calêndula, e alguém pergunta “Você diz que ela é amarela? O que é o amarelo?” – como você vai defini-lo? O que mais você pode dizer? Amarelo é amarelo, bem é bem, beleza é beleza. Mas isso é tautologia; você não está definindo nada, está simplesmente repetindo as palavras.

O que é a verdade? Não há como defini-la.

Não estou lhe ensinando filosofia; estou compartilhando com você minha verdade. Não me peça definições. Se você tiver coragem, mergulhe na experiência que é disponibilizada aqui: dê um salto para a meditação e você saberá. E, ainda assim, mesmo quando souber, não será capaz de defini-la.

E você pergunta: “O que é Deus?”.

Esse é outro nome para a verdade – o nome do amante. “Verdade” é o nome dado pelo meditador para a totalidade. “Deus” é o nome dado à totalidade, à verdade, por um amante, por um devoto. Ambas as setas apontam para o mesmo fenômeno, mas o amante não consegue pensar em termos de palavras abstratas. “Verdade” é muito abstrato: você não pode abraçar a verdade, pode? Você não pode beijar a verdade, ou pode? Você não pode dizer olá à verdade, você não pode andar de mãos dadas com a verdade. “Verdade” é impessoal; é a palavra dada pelo meditador que não quer atribuir qualquer personalidade a ela.

“Deus” é o nome dado a partir do amor, a partir de um relacionamento pessoal com a existência. O amante quer dizer “Você”, o amante quer dizer “Olá”, o amante quer ter uma comunhão, um diálogo. É a mesma totalidade, mas o amante a torna pessoal. Então a verdade se torna Deus.

E você pergunta: “O que é espiritual?”.

Estar em relacionamento com a verdade ou com Deus é ser espiritual. Lembre-se, estar em relacionamento – não falar sobre espiritualidade, não seguir determinado credo, dogma, igreja, mas estar em relacionamento direto e imediato com a existência é espiritualidade. Estar em sintonia com o todo, sentir a harmonia e a alegria e a pura celebração de estar aqui, isso é espiritualidade. Não tem nada a ver com ir à igreja ou ao templo, não tem nada a ver com recitar o Alcorão, a Bíblia ou o Gita. Não tem nada a ver com qualquer tipo de ritual de adoração; tem algo a ver com comunhão – comunhão com as árvores, comunhão com as estrelas, comunhão com os rios, comunhão com tudo o que existe. É a comunhão com esta expressão multidimensional de Deus, é ter um diálogo com o todo. A qualidade do amor louco é necessária, então você é espiritual. A espiritualidade não é uma viagem da cabeça; é um diálogo de coração para coração e, fundamentalmente, um diálogo de ser para ser.

Em quarto lugar, você pergunta: “O que é um fato?”.

Um fato é a verdade vista com inconsciência, vista com cegueira, vista com os olhos fechados, vista sem inteligência, sem meditação. Então a verdade se torna um fato.

Por exemplo, você se depara com um buda. Se você olhar para ele inconscientemente, ele é apenas um fato, um fato histórico; ele nasceu em um determinado dia e vai morrer em um determinado dia. Ele é o corpo que você consegue ver com seus olhos; ele é uma determinada pessoa, uma personalidade. A história pode registrá-lo, você pode ter uma foto dele.

No entanto, se você olha, não com inconsciência, mas com grande consciência, com percepção, com grande luz, silêncio, então o fato não está mais ali – ali está a verdade. Então Buda não é alguém que nasceu em uma determinada data, ele é alguém que nunca nasceu e nunca vai morrer. Então Buda não é o corpo, o corpo é apenas uma morada. Então Buda não é o ser confinado que aparece para você; ele representa a totalidade, o todo. Então Buda é um raio do infinito, um presente do que está além da terra. Então, de repente, o fato desapareceu: o que existe agora é a verdade.

Mas a história pode não registrar a verdade; a história consiste de fatos. Na Índia temos dois sistemas diferentes. Um, chamamos de história; a história registra os fatos. Outro, chamamos de *purana*, mitologia; ela registra a verdade. Não temos histórias escritas sobre Buda, Mahavira ou Krishna. Isso teria sido arrastar algo imensamente belo para a inconsciência lamacenta da humanidade. Não temos histórias escritas sobre essas pessoas, temos mitos escritos. O que é um mito? Um mito é uma parábola, uma parábola que só aponta para a lua, mas nada diz sobre ela – um dedo apontando para a luz, uma indicação, uma seta, não diz nada.

Vá a um templo jainista e ficará surpreso. Você vai encontrar 24 estátuas de 24 grandes mestres iluminados, os 24 *tirthankaras*. E a coisa mais notável será a seguinte: eles todos parecem absolutamente iguais. Isso é impossível – não há duas pessoas absolutamente iguais no mundo, nem mesmo gêmeos são absolutamente iguais. Então como foi possível – e a extensão de tempo é grande, milhares de anos – 24 *tirthankaras* serem exatamente iguais?

Isso não é história. Essas estátuas não descrevem as pessoas reais, absolutamente. Elas não são representações pictóricas. Então o que são? Elas representam algo do interior, elas representam algo da meditação, elas representam algo da quietude interior, algo do ser. Essas 24 estátuas são apenas representações, representações visíveis de algo que é invisível.

Se você se sentar diante dessas estátuas, se ficar as observando em silêncio, ficará surpreso. Algo começa a acontecer dentro de você. A estátua é uma forma de arte objetiva; ela se sincroniza com a forma interna do seu ser. A postura da estátua se sincroniza com sua postura. Se você se sentar na mesma postura – com a coluna ereta, olhos semicerrados, apenas olhando para a ponta do seu nariz, sem fazer nada, como se você fosse também uma estátua de mármore, toda branca por dentro e por fora –, então saberá que não está diante de estátuas comuns, mas está confrontando grandes símbolos. Isso é mitologia.

A mitologia é inerentemente poética, porque só a poesia pode proporcionar alguns vislumbres do desconhecido.

Diz-se que, por onde Buda passava, as árvores começavam a florescer fora da estação. Isso é poesia, pura poesia; não ocorreu como um fato. Mas mostra algo; não há outra maneira de dizê-lo. Diz que quando Buda é contactado, até as árvores começam a florescer fora da estação – então o que dizer sobre o homem?

Diz-se que sempre que Maomé se deslocava no sol quente do deserto, e havia fogo em toda parte, uma pequena nuvem, uma nuvem branca, ia se movendo acima dele para lhe proporcionar sombra como se fosse um guarda-chuva. Isso é poesia, bela, mas não é um fato histórico. Um homem como Maomé é protegido pela existência, um homem como Maomé é de todas as maneiras protegido pela existência. Aquele que se rende à natureza é inerentemente protegido por ela. Aquele que confiou totalmente, como a existência pode não protegê-lo? Para dizer isso há esta metáfora da nuvem pairando sobre sua cabeça onde quer que ele fosse.

Jesus morre na cruz e depois de três dias ressuscita. Isso é poesia, não é história. Não é fato, é a verdade. Diz simplesmente que aqueles que morrem em divindade e para a divindade atingem a vida eterna. Aqueles que estão prontos para morrer em definitivo ressuscitam em outro plano do ser; eles perdem o corpo físico, mas ganham o corpo luminoso. Não são mais parte da terra, mas se tornam parte do céu; desaparecem do tempo, mas aparecem na eternidade.

Mas todas as religiões vêm tentando provar que estes são fatos. E, ao tentar provar que estes são fatos, têm simplesmente provado que são tolas. Não são fatos; são verdades simbólicas.

O que quer que você veja à sua volta é um fato. Você vê uma árvore, uma árvore verde, repleta de seiva e de flores – isso é um fato. Mas se você medita e um dia, de repente, seus olhos se abrem, ficando abertos para o real, a árvore não é mais apenas uma árvore – seu verde não é senão o verde de Deus nela, e a seiva que a percorre não é mais um fenômeno físico, mas espiritual. Se um dia você conseguir enxergar o ser da árvore, o deus da árvore, perceber que a

árvore é apenas uma manifestação do divino, você enxergou a verdade.

A verdade necessita de olhos meditativos. Se você não tem olhos meditativos, então toda a vida é apenas fatos tolos e mortos, não relacionados um com o outro, acidentais, sem significado, uma desordem, apenas um fenômeno casual. Se você enxerga a verdade, tudo fica arrumado, tudo se une em harmonia, tudo começa a ter significância.

Lembre-se sempre de que a significância é a sombra da verdade. E aqueles que vivem apenas segundo os fatos vivem uma vida completamente desprovida de significado.

A mente ocidental parece querer reduzir tudo, não importa quanto seja sutil, ao conhecido. A mente oriental parece querer reduzir tudo, não importa quanto seja concreto, ao desconhecido. Como podemos ajudar uns aos outros?

A existência pode ser dividida em três categorias: o conhecido, o desconhecido e o incognoscível. O que é conhecido hoje foi desconhecido ontem; o que é desconhecido hoje pode se tornar conhecido amanhã. Então não há muita diferença entre o conhecido e o desconhecido. É só uma questão de tempo.

A ciência, que significa o Ocidente, acredita apenas em duas categorias – o conhecido e o desconhecido. E, como um corolário, a mente científica do Ocidente acredita que chegará o dia em que teremos reduzido tudo ao conhecido e não restará nada desconhecido. Essa é uma das suposições básicas da investigação científica. Estamos todos os dias descobrindo mais coisas, e o desconhecido está encolhendo, tornando-se menor, e o conhecido está se tornando maior.

Naturalmente, pode-se conceber que em algum momento do futuro chegue um tempo em que tudo será conhecido. Mas se isso for verdade, então será a morte da humanidade. Se tudo for conhecido, então não restará nenhuma aventura. Se tudo for conhecido, não haverá mais nenhum desafio. Então a vida será vazia. Se tudo for explicado, não haverá nada misterioso. E, se perdermos o miraculoso, perderemos algo enormemente valioso.

É o desconhecido, o não descoberto, que continua nos desafiando a progredir, a evoluir, a atingir novas alturas, novos picos de consciência. Mas se chegar o dia em que tudo for conhecido e tudo for reduzido a fórmulas simples, então não haverá romance, não haverá poesia, não haverá beleza, não haverá alegria. Não restará mais nada valioso.

Mas felizmente o Ocidente não está certo. A divisão entre o conhecido e o desconhecido não é completa. O Oriente tem uma divisão tripla – o conhecido, o desconhecido e o incognoscível. Ele concorda com o Ocidente que o desconhecido pode se tornar conhecido, mas o incognoscível sempre permanecerá incognoscível. Sempre haverá mistério em torno da consciência

humana. Sempre haverá mistério em torno do amor, da amizade, da meditação, da consciência. Podemos ser capazes de saber tudo o que é objetivo. Mas a subjetividade, o cerne mais íntimo da consciência humana, sempre continuará sendo um mistério. E este tem sido o esforço persistente do Oriente: deixar claro para o mundo todo que o incognoscível não deve ser negado; do contrário, tiraremos toda a essência da vida humana. Criaremos robôs a partir dos seres humanos, os destruiremos, eles serão apenas máquinas e mais nada.

E a ciência moderna, pela primeira vez na história, começou a concordar com o Oriente. Como a física moderna penetrou mais fundo na matéria, nos elétrons, nêutrons e prótons, o físico ficou confuso. As coisas parecem estar se tornando misteriosas. Até pouco tempo atrás agora ele achava que o desconhecido estava se tornando conhecido. Agora não tem a mesma opinião. Agora ele está dizendo que estamos entrando em algo a respeito do qual nunca pensamos: no misterioso.

Por isso não é muito difícil aproximarmos mais o Oriente e o Ocidente. Eles já estão se tornando mais próximos. Simplesmente os meditadores orientais têm de entender as pesquisas científicas mais modernas, e os cientistas ocidentais têm de entender as explorações mais profundas da meditação. Isso não é difícil. E eles chegarão a uma síntese que não será simplesmente forçada. Ela virá da experiência, de forma natural, espontânea.

Eu fui educado segundo os moldes do Ocidente. Fui professor de filosofia e lógica, ensinando filosofia ocidental e lógica ocidental, desde Sócrates, Platão e Aristóteles até Bertrand Russell e Jean-Paul Sartre. Mas, na minha própria vida individual, tenho trabalhado cada vez mais profundamente na meditação, indo cada vez mais longe em meu próprio espaço interior. E encontrei o centro do ciclone. Posso ver com absoluta clareza que chegou o momento em que o Oriente e o Ocidente podem se unir em um esforço combinado, porque a busca conduziu ambos ao mesmo ponto, ao incognoscível.

O incognoscível pode ser chamado de verdade, pode ser chamado de nirvana, pode ser chamado de libertação. São palavras diferentes.

Vêm-me novamente à mente as últimas palavras de Albert Einstein: “Se eu nascesse de novo, não gostaria de ser um físico. Preferiria ser um encanador”. Seus amigos ficaram surpresos – um homem do calibre de Albert Einstein quer ser um encanador? Para quê? Einstein morreu, e por isso não pôde lhes responder, mas eu posso lhes responder. Ele explorou o mundo objetivo, o mundo externo, mais que qualquer homem em toda a história. Ele descobriu os segredos da energia atômica. Mas permaneceu desconhecido para si mesmo. Ele sabia demais sobre a matéria e não sabia nada sobre sua consciência. Esta é a razão porque em sua próxima vida ele queria um emprego simples, como o de um encanador, que não necessita de nenhum esforço intelectual, para poder dedicar suas energias à exploração interna.

Em minha opinião, no futuro só haverá ciência; não haverá religiões. E a ciência terá duas asas, como um pássaro: uma asa para a investigação objetiva sobre a matéria, sobre o exterior, sobre o outro; e uma segunda asa para a investigação interior, para descobrir o que é isso que está vivendo em mim, o que

é a consciência em mim, para descobrir a interioridade do meu próprio ser, minha subjetividade. A ciência terá dois aspectos, assim como toda moeda tem dois lados.

Não há necessidade de nenhuma religião – hinduísta, muçulmana, cristã, budista, jainista, judaica —; não há necessidade. Basta a ciência. E ela pode cumprir as duas funções. Um lado para fora e o outro para a jornada interior. Esse vai ser o ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente. E, quanto antes ele acontecer, melhor.

O estranho é que todas as descobertas ocorrem de repente; a explicação científica sempre vem depois, e então na conferência o cientista em geral apresenta sua descoberta, que não é dele, como se ela tivesse seguido sua teoria – que foi inventada depois; daí a mentira.

Essa tendência para enquadrar tudo, ser treinado comocientista, é muito forte em mim. Mas, ainda assim, o milagre pode nunca vir a ser explicado. Ele aconteceu – que prova mais é necessária? Como permitir estar cada vez mais no miraculoso, estar o tempo todo no milagre?

É verdade que todas as descobertas científicas ocorrem de repente para o cientista. Não é seu esforço, mas, ao contrário, é seu não esforço que permite que a existência lhe revele seus segredos. Isso não é novidade. O Oriente já sabe disso há pelo menos cinco mil anos. Lao-tsé até lhe deu um nome: “esforço sem esforço, ação sem ação”. Ele estava tentando explicar que o que quer que o homem venha a conhecer não vem através do esforço, embora haja muito esforço envolvido; por isso há um grande mal-entendido.

Vou lhe dar um exemplo que vai ajudar.

Durante seis anos, Gautama Buda continuamente fez tudo o que se supunha que o tornaria iluminado, e ele era um investigador muito sincero...

Ele viveu com muitos mestres. Com pessoas comuns – investigadores insinceros, investigadores têpidos. Até mesmo os falsos mestres podem viver fingindo que são autênticos. Mas isso não era possível com Gautama Buda. Os próprios mestres confessavam a ele: “Perdoe-me, você é um investigador muito sincero. Eu sempre posso dizer aos outros ‘Você não está fazendo isso com totalidade’, mas você o faz com tanta totalidade que me mostra que eu mesmo não sei como se atinge a iluminação – eu não sou iluminado. Com os outros não há problema, porque eles nunca fazem nada totalmente, e eu sempre posso lhes dizer que não estão atingindo porque não estão trabalhando como deveriam – e então a questão da minha iluminação não surge, eu continuo iluminado. Mas com você isso é impossível. Mentir para você é desumano. Vá procurar algum outro mestre”.

Ele foi a todos os mestres famosos, conhecidos, e o resultado foi o mesmo.

O último mestre lhe disse: “Você tem trabalhado bastante, tem feito tudo o que é possível aos seres humanos, nada mais pode ser feito. Agora você apenas se recolha na floresta. Você renunciou ao mundo, agora renuncie a esse esforço espiritual. Esqueça tudo sobre a iluminação. E eu sei que você é capaz – se conseguiu esquecer tudo sobre seu reino, pode esquecer tudo sobre esta iluminação. Apenas relaxe no meio da floresta”.

Ele foi para a floresta. E, na primeira noite, relaxando debaixo de uma árvore bodhi perto de Bodh Gaya, ao lado de um pequeno rio, Niranjana, numa noite de lua cheia, ele se iluminou. Não estava fazendo nada para atingir a iluminação. A iluminação surgiu de repente.

Mas eu não acho que você possa sair e pegar o trem para Bodh Gaya e, em uma noite de lua cheia, deitar-se ao lado da árvore, perto do rio Niranjana, e esperar pela iluminação. Nada vai acontecer. Aqueles seis anos de enorme esforço não produziram iluminação, mas produziram tanto relaxamento que tornou possível a iluminação.

A iluminação não é causada pelo esforço. Pelo esforço se consegue relaxamento. Você fez tanto que simplesmente desiste. Mas sem fazê-lo você não pode desistir. Assim, na religião budista ocorre um problema. Há seitas que acham que a iluminação de Buda aconteceu devido aos seis anos de esforço, que aqueles seis anos precederam a iluminação. Para a lógica comum assim parece. Mas só uma escola, o Zen, foi realmente extraordinária em seu insight. Ela diz que a iluminação não foi causada por seis anos de esforço, mas seis anos de esforço produziram relaxamento – e o relaxamento simplesmente abre a pessoa para o desconhecido, para o incognoscível.

A iluminação não foi um efeito do esforço de seis anos, mas sem aqueles seis anos de esforço não haveria iluminação. É preciso entender a sutileza disso.

Você trabalha o dia todo e depois tem um bom sono à noite. Os imperadores não conseguem dormir. E isso é muito ilógico, porque durante o dia todo eles estão descansando – é lógico que a pessoa que fica em repouso o dia todo deveria repousar mais profundamente à noite do que você, que esteve trabalhando o dia todo, se cansando... Sua prática não é para o relaxamento, sua prática é contra ele.

Mas, felizmente, a vida não é lógica. Do contrário, a pessoa que trabalhou duro durante o dia todo teria de trabalhar muito também a noite toda. Em toda a sua vida ela não teria nenhum repouso, porque seu treinamento e sua disciplina se tornariam cada vez mais maduros, cada vez mais amadurecidos.

É bom que a vida tenha uma dinâmica, uma dialética. O dia todo você fez um grande esforço – você merece o relaxamento. Você precisa de relaxamento, você trabalhou arduamente. A natureza é compassiva.

O imperador esteve descansando o dia todo, ele não necessita de nenhum sono à noite. A natureza não se importa se ele é um imperador ou um mendigo.

A dialética da vida é que as pessoas que fazem um grande esforço em busca da iluminação não a atingirão por meio de seu esforço. Um dia elas terão de

desistir de tudo, e naquele momento de relaxamento alguma coisa se abre – você não é o agente, alguma coisa acontece com você.

E o mesmo acontece com as descobertas científicas – a lei é a mesma. Um cientista trabalha durante anos em determinado projeto, e então um dia, depois de ter feito tudo em que poderia possivelmente pensar, ele abandona toda a ideia. E de repente uma janela se abre e o que ele estava buscando com tanto esforço lhe é disponibilizado sem nenhum esforço.

Na verdade, há razões profundas nisso: sempre que você está fazendo esforço torna-se tenso; quando você está tenso, sua mente se estreita. E você está tão ambicioso, tão desejoso, com tanta pressa de obter algo, que quase se transforma num caos. E, para saber qualquer coisa – seja ela científica ou religiosa –, você precisa ter uma consciência silenciosa, pacífica, não fazer nada, nem mesmo desejar nada, nem mesmo buscar qualquer coisa. Mas todo o tempo anterior, quando você esteve buscando e não encontrando, criou em você certa semente. Nesse momento relaxado, essa semente começa a se tornar um broto.

Isso aconteceu no caso de Madame Curie – que é o exemplo mais famoso. Ela foi a primeira mulher a receber o Prêmio Nobel. Esteve trabalhando durante três anos em um determinado problema matemático. Experimentou-o de todas as direções, de todos os ângulos, mas nada aconteceu – o problema parecia ser insolúvel. E uma noite ela ficou trabalhando até tarde, até as duas horas da manhã, e finalmente desistiu de tudo, pensando: “Eu desperdicei três anos, poderia ter descoberto muitas outras coisas. Este problema idiota é teimoso – assim como eu. Eu também sou teimosa, mas agora desisto desta luta”. Fechou o caderno em que estava trabalhando, foi dormir e na manhã seguinte... Ela estava sozinha no quarto, e o quarto estava trancado por dentro. E, de qualquer modo, mesmo que ele não estivesse trancado, ninguém poderia ter feito aquilo. Se Madame Curie não foi capaz de fazê-lo em três anos, como outra pessoa poderia tê-lo feito da noite para o dia? Ela foi até sua mesa e encontrou um pedaço de papel bem em cima do seu caderno, sob o peso de papéis, com a solução do problema.

Ela não conseguia acreditar naquilo.

Seu marido não estava em casa; ele havia viajado para passar um fim de semana com alguns amigos. Nenhum criado teria sido capaz de fazer aquilo. Além disso, o quarto estava trancado por dentro.

Então ela olhou com mais atenção; a letra era dela. Então, lentamente, lembrou-se de que havia sonhado que estava trabalhando no problema e o havia resolvido. Talvez durante o sono ela tivesse se levantado e escrito a resposta que havia surgido em seu sonho – para não esquecê-la de manhã.

Isso tem acontecido com quase todos os grandes cientistas.

Então você está certo ao declarar que o cientista não tem o direito de dizer: “Isto é uma descoberta minha”. De certa maneira, não é descoberta dele; de certa maneira, foi a existência que escolheu que ele fosse o veículo. A existência não escolheu nenhum outro para ser um veículo; ele foi escolhido porque esteve trabalhando tão diligentemente que chegou ao ponto onde o relaxamento foi

possível – o relaxamento completo e total. Nesse relaxamento total, a existência revela seus segredos. Entendendo isso, você pode ver muitas implicações: que desta maneira ciência e religião são exatamente a mesma coisa.

Seus objetos podem ser diferentes – a ciência pode estar olhando para fora, a religião pode estar olhando para dentro –, mas a descoberta da ciência ou da religião acontece no mesmo tipo de estado: a mente totalmente relaxada. Ou, para usar a expressão mística, em um estado de não mente – porque quando a mente está completamente relaxada não há mente, a janela se abre.

A mente é o bloqueio. E, uma vez que a mente não está mais ali, você começa a ver coisas que sempre estiveram na sua frente, mas seus olhos estavam cobertos com grossas camadas de pensamento. Você não foi capaz de ver. Você está perguntando como se pode viver continuamente no milagre, no miraculoso.

No momento em que você pergunta como, está pedindo uma técnica, e nenhuma técnica é possível – todas as técnicas são esforços. Então qualquer técnica servirá; é só fazê-la com uma entrega tão completa que você chega a um ponto em que a abandona – porque a coisa real é abandonar.

Há 112 métodos de meditação. Mas a coisa real não é a meditação; a coisa real é que depois de todos esses 112 métodos a mesma coisa acontece. Você trabalhou exaustivamente. Você apostou tudo e agora – vendo que não tem mais nenhuma energia, não tem mais nenhum desejo – você relaxa. Todos os esforços são abandonados, todas as técnicas esquecidas.

Nessa inocência, o miraculoso é seu.

Você é parte dele; você foi sempre parte dele. O incognoscível não é algo separado de você, é seu batimento cardíaco. Seu batimento cardíaco está sincronizado com o batimento cardíaco de todo o universo.

Mas deixe-me lembrar-lhe mais uma vez: primeiro você tem de fazer tudo o que for possível fazer – não sonegar nada, não pensar que, se de todo modo no final você vai abandonar isso, por que colocar tanta energia nisso? Não, você tem de trabalhar loucamente, como se o esforço fosse lhe proporcionar a verdade. Só então um dia – cansado, exausto, acabado após tanto esforço – você relaxa.

Você não sabe... Essa profundidade do relaxamento vai depender da profundidade do seu esforço. Se o esforço foi 100% total, o relaxamento será 100% total; e com o relaxamento total você se moveu para dentro do miraculoso, para o incognoscível. Então este é seu mundo. Então você respira nele, você vive nele.

É isso que chamamos de realização suprema – a iluminação.

Eu entendo que você diz que o intelecto é uma barreira para a autorrealização. Por favor, explique mais o que quer dizer com isso. Eu tenho estado muito interessado em ouvir suas palestras. Longe de serem não intelectuais, elas poderiam ser descritas como um tour de force intelectual. Além disso, um cientista não pode descartar sua parcela de conhecimento no qual ele baseia seus julgamentos: certamente seus

juízos devem ser objetivos. Acho que posso tê-lo interpretado mal.

Eu não tenho falado nada contra a inteligência, o intelecto, mas contra a intelectualidade – e esse é um fenômeno totalmente diferente. Quando alguém se torna identificado com seu intelecto, nasce a intelectualidade; quando alguém permanece o mestre, não identificado com seu intelecto, nasce a inteligência. Intelecto é a mesma coisa. Tudo depende se você fica identificado com ele ou permanece transcendental a ele. Se você se torna identificado, é intelectualidade; se permanece não identificado, é inteligência.

A inteligência é de enorme importância; a intelectualidade é uma barreira. A intelectualidade é uma barreira até mesmo no mundo da ciência. A intelectualidade pode, no máximo, proporcionar a vocês acadêmicos, pessoas verborrágicas que continuam engendrando sem parar, tecendo sistemas de pensamento sem qualquer substância.

No esforço científico, a inteligência tem de ficar focada no mundo objetivo; na exploração religiosa, a inteligência tem de se mover para o mundo interior. A inteligência é a mesma; o que muda é a direção. Na ciência, o objeto, o objeto externo, é o objetivo da investigação; na religião, sua subjetividade, sua interioridade, é sua aventura. A inteligência é a mesma.

Se você se torna um intelectual, então não será um cientista; só escreverá histórias da ciência ou filosofias da ciência, mas não será um cientista, um explorador, um inventor, um descobridor por si mesmo. Estará simplesmente acumulando informações. Sim, isso também tem certa utilidade; no que se refere ao mundo exterior, até mesmo as informações têm uma certa utilidade limitada, mas no mundo interior elas não têm utilidade nenhuma. Elas são uma barreira; têm um efeito negativo sobre a experiência interior.

Você diz: “Eu entendo que você diz que o intelecto é uma barreira para a autorrealização”.

O intelecto não é uma barreira nem uma ponte; o intelecto é neutro. Se você se identificar com ele, ele se torna uma barreira; permanecendo não identificado com ele, ele é uma ponte. E, sem a meditação, você não consegue entender sua natureza transcendental.

Na ciência, a concentração é suficiente; no máximo, a contemplação é necessária. Na religião, a meditação é o único caminho. A concentração não é necessária, não é uma ajuda; é um obstáculo positivo. A contemplação também não é uma ajuda; é uma compensação por não ser meditativo, é um substituto pobre para a meditação. A meditação – apenas a meditação – pode produzir a revolução interior.

Meditação significa sair da mente, olhar de fora para a mente. Esse é exatamente o significado da palavra “êxtase”: destacar-se. Destacar-se da mente o torna extático, proporciona-lhe felicidade. E grande inteligência é liberada. Quando você está identificado com a mente não pode ser muito inteligente, porque você se torna identificado com um instrumento, você se torna confinado

pelo instrumento e suas limitações. E você é ilimitado – você é consciência.

Use a mente, mas não se torne a mente. Use-a como você usa outras máquinas. A mente é uma bela máquina. Se você conseguir usá-la, ela vai lhe servir; se não conseguir usá-la e ela começar a usar você, ela é destrutiva, é perigosa. Pode conduzi-lo a algumas dificuldades, a alguma calamidade, a algum sofrimento e infelicidade, porque uma máquina é uma coisa cega. Ela não tem olhos, não tem insight. A mente não consegue enxergar; só consegue continuar repetindo o que foi alimentado nela. É como um computador; primeiro você tem de alimentá-lo. É isso que sua chamada educação é – você continua alimentando a mente. Então ela se torna uma grande memória em você, de forma que sempre que você precise se lembrar de algo ela possa lhe fornecer. Mas você deve permanecer o mestre para poder usá-la; do contrário ela começará a comandá-lo.

Não seja guiado por seu carro; permaneça um condutor. Você tem de decidir a direção, você tem de decidir o objetivo. Você tem de decidir sobre a velocidade, quando partir e quando parar. Quando você perde o controle e o carro assume a direção, começa a andar sozinho, você está condenado.

Mas eu não sou absolutamente contra a informação. A informação é boa se está armazenada na memória e sempre que você necessita dela pode encontrá-la facilmente. Ela só é perigosa quando você não necessita dela e ela continua martelando em você; quando você é apenas uma vítima, então ela é perigosa. Do contrário é bela. É um belo meio, mas não é o fim.

Na escola, o professor estava fazendo perguntas à sua classe. Ele se dirigiu a Jenkins: “Quem derrubou os muros de Jericó?”.

“Por favor, senhor”, respondeu Jenkins. “Não fui eu, senhor.”

O professor se divertiu muito com a resposta. Mais tarde, quando encontrou o diretor, disse-lhe: “Acabei de perguntar a Jenkins quem derrubou os muros de Jericó e ele disse que não foi ele. O que você acha disso?”.

O diretor falou: “Eu conheço a família Jenkins há anos, e se ele disse que não foi ele, não foi ele”.

O professor não conseguia acreditar, e começou a ponderar se o diretor era realmente tão burro. Telefonou para o ministro da Educação e disse: “Perguntei a um menino na classe quem derrubou os muros de Jericó e ele disse que não foi ele. Quando contei a história ao diretor, ele disse que conhecia a família do menino há anos e que, se o menino disse que não foi ele, é porque não foi ele. O que acha disso?”.

O ministro ficou em silêncio por um segundo, depois disse: “Olhe, estou cansado de receber queixas da sua escola. Mandé consertar os muros e, se houver mais queixas, vou fechar essa escola!”.

A informação em si não é ruim – você tem de saber quem derrubou os muros de Jericó! Mas se a informação torna-se tão poderosa na sua mente a ponto de tomar conta dela, e você não consegue colocar a mente em um estado de relaxamento, o suficiente para poder rir, então a mente se torna desgastada, cansada, entediada, exausta. Nesse estado, como você pode usar a inteligência?

Suas energias foram dissipadas.

A inteligência necessita de energias abundantes. A inteligência necessita de saúde, de totalidade.

Um meditador será mais inteligente do que qualquer outra pessoa e um meditador será capaz de usar sua mente tanto objetiva quanto subjetivamente. Ele será capaz de se mover para fora com a mesma facilidade que se move para dentro. Ele será mais flexível. Ele é o mestre. Ele pode levar o carro para a frente e pode levar o carro para trás.

Quando Ford fez seu primeiro carro, nele não havia marcha a ré. Era um problema difícil voltar para casa. Era preciso dar a volta e pegar o caminho mais longo apenas para voltar para casa. Mesmo que você tivesse passado poucos metros da sua garagem, não podia voltar para a garagem – o carro não possuía marcha a ré. Mais tarde ela foi adicionada.

A meditação lhe proporciona a marcha a ré. Em geral, você não a tem, e tem de circundar o mundo repetidas vezes e ainda não consegue achar onde está sua casa; você não pode voltar para trás. Você não pode entrar; você sabe apenas como sair. Você não pode voltar a entrar nela. Um meditador torna-se mais fluido, mais flexível. Ele se torna mais enriquecido.

Não sou a favor daquelas pessoas que no passado, em nome da religião, ficaram fixadas em sua introversão; esse é outro extremo. Algumas pessoas se fixam como extrovertidas; como reação, algumas outras pessoas se fixam como introvertidas. Ambas se tornam mortas. A vida pertence ao flexível, que consegue se mover da extroversão para a introversão e da introversão para a extroversão com tanta facilidade quanto você se move para fora da sua casa e para dentro da sua casa. Quando está muito frio lá dentro, você sai para o sol; quando se torna muito quente lá fora, você entra em busca de abrigo na temperatura mais fria da casa – e não há problema. É simples assim.

A meditação não significa ir contra o mundo exterior. Era assim no passado. Por isso a religião falhou, não conseguiu ser bem-sucedida; não poderia de maneira alguma ser bem-sucedida. A vida pertence ao fluido, ao que flui. Quando você fica fixado você se torna uma coisa. Seus monges eram introvertidos; eles fechavam seus olhos para o mundo exterior.

Por isso no Oriente não conseguimos desenvolver ciência, embora os primeiros passos tenham sido dados no Oriente. A matemática foi desenvolvida na Índia. O primeiro passo para a tecnologia foi dado na China. Mas ela parou pela simples razão de que as pessoas mais notáveis no Oriente se tornaram totalmente introvertidas; elas perderam o interesse no mundo objetivo, fecharam-se totalmente para o objetivo. Isso é desenvolver apenas a metade do seu potencial total.

O Ocidente fez exatamente o oposto: ele se tornou totalmente extrovertido, não sabe como entrar dentro de si. Não acredita que haja nenhum “dentro”, não acredita em nenhuma alma. Acredita no comportamento do homem, não na existência interior do homem. Estuda o comportamento e diz que não há ninguém dentro dele – é tudo mecânico.

O homem se tornou um robô. Se você não conhece a alma, o homem se torna um robô. Ele é entendido como sendo apenas um belo mecanismo desenvolvido durante milhões de anos – a longa jornada da evolução –, mas ele é apenas uma máquina sofisticada.

Não foi difícil para Adolf Hitler matar tantas pessoas tão facilmente pela simples razão de que, se o homem é uma máquina, qual o dano em matar pessoas? Se você destrói seu relógio de pulso, você não se sente culpado; por mais sofisticado que ele fosse, era apenas um relógio de pulso. Se você decidiu destruí-lo, ninguém pode fazer objeção a isso. Você não pode ser arrastado a um tribunal como um assassino. Stalin conseguiu matar facilmente milhões de pessoas sem nenhuma dor de consciência pela simples razão de que o marxismo não acredita que exista alma. O homem não é nada senão matéria; a consciência é apenas um subproduto da matéria. Este é um extremo.

A ciência se desenvolveu no Ocidente, mas a religião desapareceu. No Oriente, a religião se desenvolveu, mas a ciência desapareceu. De ambas as maneiras o homem permanece pobre, e só metade.

Meu esforço é para criar o homem integral, que será capaz de ser ao mesmo tempo científico e religioso.

Um cão grande e sarmento estava ameaçando uma gata e seus filhotes. Ele os havia encurralado no canto de um celeiro, quando, de repente, a gata ficou de pé sobre suas patas traseiras e começou a miar e a uivar muito alto. Perplexo e confuso, o cão deu meia-volta e saiu correndo do celeiro, com o rabo entre as pernas.

Virando-se para seus filhotes, a gata lhes disse: “Agora vocês veem a vantagem de ser bilingue?”.

Eu quero que o homem seja bilingue. Ele deve conhecer a ciência tão profundamente quanto deve conhecer a meditação. Deve conhecer tanto a mente quando deve conhecer a meditação. Deve conhecer a linguagem do mundo objetivo – que é a ciência – e deve conhecer também a linguagem do mundo subjetivo – que é a religião. Só alguém capaz de unir o objetivo e o subjetivo, alguém capaz de unir o Oriente e o Ocidente, alguém capaz de unir o materialista e o espiritualista, pode ser um ser humano inteiro. O mundo está esperando pelo homem inteiro. Se o homem inteiro não chegar logo, não haverá futuro para a humanidade. E o homem inteiro só pode chegar mediante uma intensa e profunda inteligência.

Eu não sou contra o intelecto, não sou contra a inteligência; sou contra a intelectualidade. Não fique identificado com sua mente. Permaneça sempre um observador nas montanhas – uma testemunha para o corpo e para a mente, uma testemunha do exterior e do interior, para que você possa transcender tanto o exterior quanto o interior e possa saber que não é nenhum dos dois – que está além de ambos. Esse além é Deus.

Deus não é objeto nem sujeito. Deus não é o exterior nem o interior. Deus é ambos e não é nenhum dos dois.

Você diz: “Eu tenho estado muito interessado em ouvir suas palestras. Longe

de serem não intelectuais, elas podem ser descritas como um *tour de force* intelectual”.

Quando estou falando com vocês, mesmo que eu esteja falando sobre algo supraintelectual, eu falo de maneira intelectual porque, do contrário, você não conseguirá entender o que eu estou dizendo. O intelecto é a única comunicação possível neste momento. A menos que você aprenda a linguagem do silêncio total, eu tenho de continuar falando na sua língua. Você entende a lógica, então eu uso a lógica – para propósitos muito estranhos, para ajudá-lo a ir além da lógica. Eu uso todas as maneiras possíveis para ajudá-lo a transcender a dualidade.

Eu não sou um não intelectual ou um anti-intelectual, mas meu esforço aqui é no sentido de ajudá-lo a ir tanto além do intelecto quanto do anti-intelecto, para ir tanto além do lógico quanto do ilógico. Isso é possível. Quando você está em silêncio absoluto, não é lógico nem ilógico, mas esse silêncio não pode ser expressado diretamente; esse silêncio tem de ser traduzido para sua linguagem. É isso que estou fazendo aqui. É um esforço árduo, porque muito esplendor e muita grandeza são perdidos na tradução. Essa experiência do silêncio é tão vasta que não pode ser colocada em palavras, mas tem de ser colocada em palavras. Só então você será capaz de ouvi-la. E, mesmo assim, muito poucas pessoas ouvem, porque as pessoas não estão presentes; estão aqui, mas estão ausentes, estão dormindo.

Eu tenho de começar com sua linguagem e, lentamente, você vai começar a aprender minha linguagem. Eu sou bilingue e vou torná-lo também bilingue. Há duas linguagens: a linguagem das palavras e a linguagem do silêncio. Neste momento eu tenho de usar a linguagem das palavras para traduzir a poesia do silêncio, a música do silêncio. Mais tarde, quando você tiver desenvolvido uma pequena capacidade de meditar, será capaz de entender a poesia do silêncio e a música do silêncio diretamente – apenas sentando-se perto de mim. Não haverá necessidade de eu dizer absolutamente nada.

Estou esperando por esse dia e estou realmente com pressa para que esse dia chegue, porque, para mim, falar está se tornando cada vez mais difícil. Para você pode parecer que eu vou continuar falando para sempre; no que me diz respeito isso está se tornando cada vez mais difícil, porque eu posso ver a impossibilidade de colocar o incognoscível em palavras. Parece um assassinato – toda a beleza é perdida. Só alguma coisa atinge você e isso também depende de você; se você estiver disponível para mim, isso o atinge; do contrário, não irá atingi-lo. Você vai continuar ouvindo aquilo que quer ouvir e vai continuar vendo o que é capaz de ver.

Em suas férias, Donnelly decidiu ir à Suíça para realizar um sonho de toda uma vida: escalar o Matterhorn. Contratou um guia e subiu. Quando estavam próximos do topo, os homens ficaram presos devido a uma avalanche.

Três horas depois, um são-bernardo conseguiu chegar até eles, levando um pequeno barril de conhaque amarrado sob seu queixo.

“Urra!”, gritou o guia. “Aqui está o melhor amigo do homem!”

“É”, disse Donnelly. “E olhe o tamanho do cão que o está trazendo!”

Você ouve aquilo que consegue ouvir, vê aquilo que consegue ver. É um cabo de guerra entre nós dois levá-lo a um ponto do qual você consiga ver algo que eu estou vendo.

Quando eu conseguir o número certo para criar um *buddhafield* (campo de energia búdica), entrarei em silêncio. A maneira como vocês estão entrando em meditação me deixa esperançoso de que logo isso estará acontecendo; não vai demorar muito. Logo a quantidade certa de energia estará disponível. Então eu poderei simplesmente me sentar em silêncio com vocês; vocês poderão dançar e cantar à minha volta, ou apenas se sentar em silêncio. E haverá uma comunicação – mais uma comunhão do que uma comunicação. Então, algo está fadado a transpirar. Mas, antes que isso aconteça, eu tenho de continuar persuadindo vocês através de palavras, através da lógica. É uma espécie de sedução. Eu tenho de seduzi-los para algo do qual vocês se esqueceram completamente.

Velhos hábitos são difíceis de mudar

Seja. E pouco a pouco você vai começar a sentir lampejos de consciência, repentinos lampejos de consciência – como se uma brisa fresca tivesse entrado em seu quarto, que estava ficando malcheiroso e morto; como se um raio de luz tivesse entrado na noite escura da sua alma; como se, de repente, a vida o chamasse de volta.

Ultimamente tenho me sentido muito inseguro, e vejo quanto eu não gosto desse espaço do não saber. E então tento todos os tipos de coisas estúpidas para controlar a situação. Eu me sinto como se isso fosse uma terrível prisão e, ao mesmo tempo, tenho uma sensação profunda dentro de mim que sabe que é assim que a vida é, e que eu devo aceitá-la. Acho muito difícil observar a mim mesmo, e a insegurança cada vez mais toma conta de mim. Você poderia, por favor, comentar?

Nós somos treinados de maneiras erradas; do contrário, a segurança seria algo a ser temido e a insegurança algo a ser exaltado. O que é exatamente insegurança? Significa que o amanhã não vai repetir o hoje. Significa que amanhã você pode até não estar vivo. Significa que as pessoas têm de viver cada momento como se fosse o último.

Uma vida de segurança será simplesmente tediosa. Será como assistir sempre ao mesmo filme – e saber cada detalhe do que vai acontecer. Você pode desfrutar de um filme apenas uma vez. Se você for um idiota, então esta é outra questão...

A insegurança é o verdadeiro tecido da vida. Se você não entender a insegurança, jamais conseguirá entender a vida. As estações mudarão; o outono vai chegar, a primavera vai chegar. Tudo vai continuar mudando, nada pode ser tomado como definitivo; isso é insegurança. Você quer que tudo seja certo, permanente. Mas já pensou qual seria o resultado disso, se tudo fosse permanente? Você comer a mesma comida todos os dias, dizer as mesmas coisas todos os dias, ouvir as mesmas coisas todos os dias. E não haver sequer a morte para destruir essa vida trágica – você estaria vivendo em um pesadelo.

A insegurança mantém as pessoas vigorosas, vivas, aventureosas – saber que as coisas podem ser mudadas. Mesmo sem que elas as mudem, elas serão mudadas. Então há um grande escopo para a mudança, para a transformação.

Um antigo ditado diz: “O homem autêntico é aquele que o nascer do sol nunca encontra onde o pôr do sol o deixou”; ou onde o nascer do sol o deixa, o pôr do sol nunca o encontra. Ele está sempre em movimento, ele é um fluxo... não um lago sujo que não vai para lugar nenhum.

Mas todo o treinamento da nossa mente é tal que nos tornamos temerosos da

insegurança, e durante toda a nossa vida estamos tentando buscar a segurança. Financeira, política e religiosamente – em todas as dimensões queremos estar seguros. Mas segurança significa morte, uma morte em vida. Significa que amanhã será simplesmente uma repetição de hoje, e hoje uma repetição de ontem.

Você está vivendo? Há uma dança em sua vida? Você está se movendo, crescendo, arriscando, enfrentando os desafios de caminhos perigosos? Na aceitação do perigo, na aceitação de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento, a vida chega ao seu melhor, à sua plenitude.

Sua questão é: “Ultimamente tenho me sentido muito inseguro e vejo quanto eu não gosto desse espaço do não saber”. Você está totalmente de cabeça para baixo; terá de mudar sua postura. A insegurança não é um espaço a ser malvisto, é um espaço que tem de ser amado e apreciado, celebrado... porque o amanhã trará coisas novas.

E por causa do medo da insegurança você também teme o não saber; e o não saber é o pico mais elevado de consciência. Mas certamente você deve temer os picos, porque pode cair de lá; você prefere o plano, a estrada asfaltada – sem riscos de cair. Você gostaria de estar no ponto mais baixo da consciência, porque dali você não pode cair.

Milhões de pessoas decidiram viver no mínimo pelo simples medo de que no máximo elas podem cair. É mais seguro viver no mínimo; é até mais seguro não viver. Ninguém jamais ouviu falar que as pessoas mortas são inseguras; os túmulos são os lugares mais seguros. Uma vez que você entra em seu túmulo não há medo: nem a morte pode lhe causar nenhum mal – não se pode morrer duas vezes.

O homem vem tentando criar falsos suportes para a segurança, sabendo perfeitamente bem que todos eles caem, mas ele continua amontoando suportes em torno dele. O tempo não se importa com os seus suportes nem a vida se importa com seus suportes. Na verdade, faz parte da natureza que, faça você o que fizer, você continue inseguro. Você pode ter um equilíbrio bancário, você pode ter um grande seguro – mas estas são apenas estratégias para você se enganar. Que seguro pode haver contra a morte? Que seguro pode haver contra o fluxo da vida em constante mutação? Você não pode evitá-lo: ele é um rio montanhoso correndo depressa, caindo das altas montanhas em cachoeiras, movendo-se dentro dos vales em direção ao oceano onde ele vai desaparecer completamente.

A ideia da segurança criou a ideia da acumulação de conhecimento – nada deve ser deixado desconhecido porque o desconhecido gera insegurança. Se é conhecido, você se sente seguro.

Até mesmo as pequenas coisas você está continuamente tentando conhecer... mesmo que esteja viajando em um trem com um passageiro, você imediatamente quer saber seu nome, para onde ele está indo, qual é sua religião, qual é sua profissão. Você pode não ter pensado que essa é uma maneira de se sentir seguro com relação ao homem; do contrário, quem sabe? Você pode estar

vijando com um louco e no meio da noite ele pode se sentar sobre seu peito.

Por isso as pessoas sempre temem os estranhos. Elas ficam pouco à vontade até se você começar a adotar seu próprio estilo de vida, sem seguir a maioria. Isso significa que você está se tornando um estranho, um forasteiro. Assim, as pessoas começam a encher a cabeça com todos os tipos de conhecimento, a maioria dos quais é simplesmente bobagem e lixo; as pessoas se tornam enciclopédias ambulantes.

Na minha aldeia, eu conheci um brâmane. Ele era meio maluco – nunca me deparei com outro homem como aquele. Ele havia decorado todo o Dicionário Oxford; essa foi sua grande realização. Você podia lhe perguntar o significado de qualquer palavra do Dicionário Oxford e ele era quase como um computador: imediatamente lhe dava as exatas palavras que constavam naquele dicionário. E ele vivia com a impressão equivocada de que conhecia a língua inglesa.

Decorar o Dicionário Oxford não faz de ninguém um conhecedor da língua inglesa. A língua é um fenômeno vivo: ela surge por meio do diálogo, surge por meio do contato com pessoas vivas. O Dicionário Oxford pode ser marginalmente útil, mas é apenas o Dicionário Oxford... Ele não é capaz sequer de compor uma única sentença, porque no dicionário há apenas palavras. Ele conhecia todas as palavras e, no entanto, não conseguia compor uma frase simples.

Esta é a situação dos eruditos: eles temem não saber; continuam amontoando escritos sobre aquilo que não sabem, cobrindo-o com grossas camadas de conhecimento. Mas por baixo disso continuam tão ignorantes como sempre.

A ignorância não tem de ser encoberta, mas transformada em inocência. A ignorância não tem de se tornar conhecimento, a ignorância tem de se tornar uma percepção do misterioso e do miraculoso na existência. Esse é o caminho de um homem religioso. O homem erudito jamais será religioso – não pode ser.

Toda a sua abordagem está categoricamente errada – não em parte, mas totalmente. Você tem de entender que a insegurança é a própria natureza da vida; não há como evitá-la. E quando não há maneira de evitá-la, o único caminho sábio é desfrutar dela. Quando é impossível evitá-la, por que continuar batendo a cabeça contra a parede? É melhor transformar a insegurança em uma bela experiência. Na verdade, ela é isso.

O homem nunca pode desmistificar a existência, ele nunca pode se tornar onisciente. O desejo de se tornar onisciente é perigoso. Nessa ambição de se tornar onisciente para poder ficar seguro, a possibilidade é que você possa coletar muitas informações. E coletando muitas informações você vai se esquecer de uma coisa básica: que você tem de passar por uma transformação. As informações não vão ajudá-lo em nada – você necessita de uma transformação da sua consciência. Por meio da transformação você não vai se tornar um conhecedor, vai se tornar cada vez mais um místico.

Cada e toda coisa na vida, desde a menor folha de grama até a maior estrela, é totalmente misteriosa. Nenhuma escritura sagrada tem quaisquer respostas para isso, nem a ciência tem quaisquer respostas para isso, embora ambas

continuem propondo hipóteses. A religião tenta propor uma hipótese de Deus, de que Deus criou o mundo. Isso é realmente digno de pena; não tem nada a ver com a religiosidade autêntica; é um esforço infantil para esquecer sua ignorância. Ninguém testemunhou nenhum Deus criando o mundo. Pela própria natureza do fato, ninguém pode ser uma testemunha; se houvesse alguém para testemunhá-lo, o mundo já estaria ali, não teria sido criado.

A estupidez do homem não conhece limites. O cristianismo acredita que Deus criou o mundo... mas isso não é o suficiente: ele tem de saber o ano, a data, o dia exato, em detalhes. E calculou – ninguém sabe como se chegou a esse cálculo, porque eles não revelaram o processo do seu cálculo – que Deus criou o mundo 4.004 anos antes de Jesus ter nascido. É claro, deve ter sido numa segunda-feira, no dia primeiro de janeiro, porque ele não podia começar no meio do ano. Na verdade, onde e quando ele tenha começado, foi no dia primeiro de janeiro. Como o calendário pode existir sem um mundo?

E isso levanta mil e uma questões às quais os teólogos cristãos não têm sido capazes de responder – nem uma sequer. O que Deus estava fazendo durante a eternidade? E por que ele criou o mundo exatamente 4.004 anos antes do nascimento de Jesus? Qual é o segredo disso? E onde esse companheiro estava antes? E a questão mais básica é: de onde veio Deus? Quem o produziu? Ele é um órfão, sem mãe, sem pai? Quem o criou? Se o mundo necessita de um criador, então Deus também necessita de um criador.

Essa hipótese só pode satisfazer apenas mentes muito infantis, e pode lhes proporcionar segurança. Mas milhões de pessoas estão nesse espaço. Em templos, em sinagogas, em mesquitas, elas estão rezando para um Deus que é apenas uma hipótese.

Algum dia, quando o homem realmente envelhecer e atingir a maturidade, ele vai rir de nós: “De que tipo de idiotas está repleta toda a história? Eles criam uma hipótese e adoram uma hipótese”. Dois mais dois fazem quatro: isso é uma hipótese, mas você nunca a adorou – ou adorou? É só escrever “dois mais dois é igual a quatro” e então trazer flores e cantar cantos devocionais. Mas seu Deus não é de modo algum melhor que “dois e dois são quatro”.

A ciência também não está em uma posição melhor. Ela diz que num certo momento, há mais ou menos quatro bilhões de anos... Seu cálculo é tão tolo quanto o cálculo religioso: 4.004 anos, ou quatro milhões de anos, ou quatro bilhões de anos. Como se chega a essa conclusão? Isso é simplesmente estranho. A ciência diz que o mundo começou a existir a partir de uma explosão. Explosão de quê? Ela removeu Deus; agora, em vez de Deus, há uma explosão de energia. Mas isso significa que a energia estava ali. E, se a energia estava ali, a existência estava ali.

Gautama Buda parece mais lógico, Mahavira parece mais lógico; eles não acreditam de modo algum na criação. Eles simplesmente negaram que o mundo jamais tenha sido criado: ele sempre existiu, e existirá sempre, mudando suas formas.

Não se pode conceber um momento em que o mundo não existisse e de

repente passasse a existir. Isso não é lógico, é mágica: um momento antes não havia nada e um momento depois havia tudo. Deus parece ser um mágico de rua! Mas o mágico de rua conhece apenas truques. De uma cartola vazia ele tira pombos – mas eles estão ocultos na cartola vazia. Ele cria a ilusão de que a cartola está vazia, mas ela não está vazia.

Gautama Buda está certo quando diz: “A própria ideia da criação do mundo é tola. Ela vai conduzir a respostas e perguntas mais tolas”. Mas por que as pessoas querem saber essas coisas? Deve haver uma necessidade psicológica, e uma necessidade psicológica universal. É a necessidade: segurança. Sabendo que Deus criou o mundo, você se sente à vontade.

É estranho, mas eu nunca senti nenhum desconforto em relação a saber se Deus criou ou não o mundo. Quem se importa? De que maneira eu estou relacionado a essa criação? Ela não me afeta desta ou daquela maneira. Estou pronto para aceitar o mistério da vida, e sou contra todas essas pessoas – sejam elas eruditos religiosos ou pesquisadores científicos – que vão satisfazer seu medo da insegurança lhe oferecendo hipóteses.

Nem mesmo a ciência conseguiu controlar sua tentação e aceitar o mistério da existência, que não conhecemos. Nem um único cientista foi tão corajoso a ponto de dizer: “Nós não sabemos”. Na verdade, todo o projeto da ciência é que lentamente, muito lentamente, nossa área de conhecimento está crescendo e a área da nossa ignorância está diminuindo. Logicamente, pode ser inferido que um dia, em algum momento no futuro – e isso pode demorar milhões de anos – vamos chegar a um ponto em que tudo será conhecido; toda a área será coberta pelo conhecimento e não restará mais nada a ser conhecido.

Eu não consigo concordar com isso. Sim, a ciência tenta saber as coisas, mas isso não as desmistifica. Simplesmente empurra o mistério um pouquinho para trás. Você divide o átomo – logo vai ser capaz de dividir o esperma – e então diz que o átomo consiste de elétrons, prótons e nêutrons, e você acha que produziu o conhecimento. Mas a questão é: por que o átomo consiste de elétrons, prótons e nêutrons? O mistério não foi desvendado: ele se tornou mais sutil.

O homem sábio vai aceitar que a insegurança é o próprio tecido da vida, e que o não saber é a contraparte da existência miraculosa e misteriosa. Nós não sabemos nada. Tudo o que sabemos é muito superficial, e tudo o que sabemos continua mudando. O que parece tão certo hoje torna-se incerto amanhã.

Você já observou que há quase 30 anos não são escritos grandes volumes sobre a ciência? Apenas periódicos, publicações mensais. E as pessoas não escrevem livros grandes pela simples razão de que, quando seu livro tiver terminado, ele já estará ultrapassado – tão grande é a explosão. E as antigas teorias tornam-se erradas; surgem novas teorias. Todas as antigas hipóteses caem por terra; novas hipóteses surgem como a fênix, das cinzas das antigas hipóteses. E elas sabem perfeitamente bem que estas também serão derrubadas.

Se você está tentando escrever uma história completa de algo científico, está perdendo tempo. Por isso os cientistas só escrevem artigos, não livros; eles leem artigos, não livros, porque um artigo pode ser lido em uma universidade ou em

uma conferência de cientistas. Pelo menos ele é real, verdadeiro nesse momento. Ninguém sabe sobre o amanhã. As pessoas costumavam achar que Albert Einstein jamais seria refutado. Ele tem sido refutado; não é mais o gigante que costumava ser. Pouco a pouco toda a sua teoria da relatividade vem sendo criticada e propostas melhores têm surgido.

Mas uma coisa é certa... porque a experiência de 300 anos de ciência mostra que nenhuma teoria se tornará um conhecimento autêntico, é apenas uma hipótese temporária. Alguém com uma inteligência melhor, com uma perspicácia mais lógica, com um equipamento científico melhor, irá derrubá-la.

Charles Darwin não é mais aceito. A ideia de que o homem vem dos macacos ou dos primatas é muito atraente; como eles se parecem com o homem, não é necessário comprovação! Mas durante milhões de anos os macacos têm permanecido macacos e o homem tem permanecido homem. Também não vemos pessoas se tornando macacos – subindo em árvores, desenvolvendo rabos e saltando – nem vemos nenhum macaco moderno descendo das árvores, ficando ereto sobre dois pés e declarando: “Agora eu sou um ser humano”.

Não há uma única teoria científica que tenha permanecido verdadeira. Tudo tem mudado, e tudo está mudando tão depressa que talvez no futuro não seja possível sequer lermos artigos.

Um dos grandes matemáticos – talvez o maior matemático de todos, Goedel – estava escrevendo um livro sobre matemática. Seu esforço de toda uma vida – ele dedicou 40 anos a isso – foi para oferecer ao mundo um livro completo sobre matemática; não haveria nenhuma necessidade de qualquer melhoria nele. Ele foi um grande gênio. E quando estava chegando à conclusão do seu livro, Bertrand Russell derrubou todo o livro que estava sendo escrito há 40 anos com um pequeno quebra-cabeça.

Bertrand Russell também foi um matemático; ele também escreveu um excelente livro sobre matemática, *Principia Mathematica*, o qual eu não acho que alguém tenha jamais lido, exceto alguns poucos loucos como eu! Ele tomou conhecimento de um problema: o governo da Grã-Bretanha ordenou que todas as bibliotecas fizessem um catálogo de todos os livros que tinham, mantivessem uma cópia do catálogo na biblioteca e enviassem outra cópia para o governo central, para que ele pudesse saber quantos livros havia em todo o país.

As bibliotecas fizeram o catálogo... e finalmente algumas pessoas inteligentes ficaram muito perturbadas: o que fazer com o catálogo que estavam mantendo na biblioteca? Porque este se tornou, ele próprio, um grande livro. Deveria ser incluído no catálogo? Se não o incluísem, isso iria contra a ordem. A ordem dizia: “Todos os livros da biblioteca devem ser incluídos no catálogo”. Então, seguindo a ordem, o catálogo também tinha de ser incluído. Mas parecia muito tolo o catálogo incluir a si mesmo.

Mas elas eram apenas bibliotecas de pequenas cidades. A ideia surgiu e as confundiu, mas elas pensaram: “Não devemos nos preocupar, vamos simplesmente enviá-los para a biblioteca central”. Mas para a biblioteca central a ordem era a mesma, eles deviam fazer um catálogo de todos os catálogos,

manter uma cópia com eles e enviar a outra cópia para o governo.

O homem da biblioteca central era bem mais instruído, bem mais inteligente, mas nem ele descobriu o que fazer: incluir o catálogo no próprio catálogo... Isso parecia ridículo, e hilário. Mas não o incluir iria contra a ordem. Então, perguntou a Bertrand Russell: “O senhor é um grande matemático, tem de resolver este quebra-cabeça”.

Bertrand Russell pensou no assunto, mas não conseguiu encontrar nenhuma solução. Tudo estava errado: se o colocassem no catálogo, não parecia certo que o catálogo estivesse catalogado em si mesmo. Se não o colocassem no catálogo, não estava certo, porque o catálogo estava na biblioteca e eles haviam deixado um livro sem catalogar.

Lembrando-se de Goedel, o velho que era um matemático mundialmente famoso e conhecido por estar concluindo um livro no qual havia trabalhado durante 40 anos – e talvez nenhum livro de matemática jamais seria tão completo, tão exaustivo –, Bertrand Russell enviou-lhe o quebra-cabeça. Goedel estava acabando de terminar o último capítulo, as últimas páginas do livro. Toda a sua hipótese era que a matemática pode resolver todos os problemas... mas ele não conseguiu resolver o problema desse catálogo: incluí-lo ou não em si mesmo.

Ele ficou tão absolutamente chocado que uma coisa tão pequena não pudesse ser resolvida por toda a sua experiência matemática que não publicou seu livro. Ficou tão frustrado que enviou o quebra-cabeça de volta a Bertrand Russell e lhe disse: “Não vou concluir o livro e também não vou publicá-lo, embora tenha passado toda a minha vida escrevendo-o. Qual é sua utilidade? Ele não pode resolver uma coisa tão simples!”.

A ciência é um esforço para desmistificar a existência de todas as maneiras. E era isso que a teologia estava fazendo antes da ciência – tentando desmistificar tudo. Deus criou o mundo – isso o deixa seguro. Deus é o pai – isso o deixa seguro; ele vai cuidar de você. Tudo é decidido por Deus; é claro que ele não pode ser contra você. Deus é misericordioso... É isto que os muçulmanos dizem: “*Rahman Rahim*” – ele é bondade, ele é a própria misericórdia. Então, não se preocupe com nada. Todos os seus pecados serão perdoados porque sua misericórdia é muito maior do que sua capacidade de cometer pecados.

Quanto pecados você pode cometer em uma pequena vida de 70 anos? Se você continuar cometendo pecados dia e noite, sem reservar tempo para comer, dormir e tomar banho – apenas cometendo pecados um atrás do outro, um contínuo do berço ao túmulo –, mesmo assim não conseguirá cometer tantos pecados que eles sejam maiores que a misericórdia de Deus. Você será perdoado – isso lhe proporciona uma grande segurança, um grande consolo –, basta acreditar em Deus.

A teologia vinha tentando criar segurança, consolo, garantia. E agora a ciência tomou o lugar da teologia, em uma base mais pragmática, e está fazendo a mesma coisa: apenas lhe dando uma falsa ideia de que você não precisa se preocupar, pois a ciência sabe tudo.

A própria palavra “ciência” significa saber.

Mas eu quero insistir repetidamente com você: nem a teologia, nem a ciência, nem a filosofia – nenhum esforço do homem pode desmistificar a existência.

Você precisa ser corajoso para aceitar a insegurança – não só aceitá-la, mas regozijar-se nela. Você tem de se regozijar no mistério da existência: as árvores, os oceanos, as montanhas, as estrelas... tudo é misterioso. Desde o menor seixo na praia até todo o universo, tudo é tão misterioso que não há possibilidade de conhecê-lo.

O não saber é o estilo do místico. A insegurança é o estilo do místico. E ser um *sannyasin* é estar no caminho do místico.

Se você mudar sua postura básica – que está errada, totalmente errada –, então todo o seu problema desaparecerá. E então você será capaz de dançar em meio a toda a insegurança; você será capaz de amar e rir em meio a todo o não saber.

O não saber nada mais é que a inocência, e a insegurança nada mais é que um panorama em constante mutação, sempre vigoroso e novo. Nada é repetido na natureza.

Você deve ter ouvido o ditado: “A história se repete”. A história se repete porque a história até agora consistiu de seres humanos estúpidos. A existência é muito inteligente: ela nunca se repete; ela nunca cria outro Jesus, outro Moisés, outro Buda, outro Chuang Tsé, outro Sócrates. Ela simplesmente nunca se repete. Sua criatividade é imensa, inesgotável.

Sim, a história do homem se repete, porque a vida do homem é uma rotina. Se você observar sua vida... você continua se repetindo. Lentamente, lentamente, a repetição se torna sua eficiência: você se torna quase um robô, você perde sua consciência. A consciência só é necessária se cada momento for novo, porque você tem de reagir a uma nova situação. As velhas respostas não o farão.

É uma grande bênção que a vida seja insegura, que o amor seja inseguro e, fundamentalmente, que estejamos em um estado de não saber. Podemos ser como crianças – correr atrás de borboletas, catar conchinhas na praia ou pedras coloridas, como se fossem diamantes, e desfrutar de todas elas.

Na minha infância, eu costumava ter o máximo de bolsos possível. Meu alfaiate costumava ficar muito zangado comigo. Ele dizia: “Você vai destruir meu crédito; ninguém mais vai me procurar para fazer suas roupas. Que tipo de roupa é esta? Com quatro bolsos na frente, bolsos até nos braços, bolsos nas calças... não apenas dois, mas quatro”. Ele dizia: “Você é louco e está me deixando louco”.

E eu dizia: “Eu preciso de todos estes bolsos porque adoro o rio, e encontro tantas pedras bonitas que todos estes bolsos ainda não são suficientes”.

Sempre que eu voltava para casa com meus bolsos cheios de pedras, eu ia para a cama com todas as pedras. Todos ficavam zangados... “O que você acha que são essas pedras? Diamantes, esmeraldas ou rubis?”

Eu dizia: “Não sei, mas elas são extremamente lindas e eu não posso dormir sem meu tesouro; eu me sinto bem as tendo perto de mim”.

Não saber não é nada além de inocência. Estas duas coisas são muito básicas: a insegurança e o não saber. Se você conseguir relaxar nessas duas, você é um sábio, está desperto. Se você vai contra as duas, está indo contra sua própria iluminação, contra sua própria possibilidade de ser um sábio.

Velhos hábitos são difíceis de mudar!

É verdade... mas por quê? Por que os velhos hábitos são difíceis de mudar? Porque você não é nada além de seus velhos hábitos. Se eles morrerem, *você* morrerá. Você não tem mais nada, não tem nada extra. Você tem somente seus velhos hábitos, seus velhos padrões. Você é um mecanismo, não é ainda um homem; por isso os velhos hábitos são difíceis de mudar. É muito raro existir um homem, há muito poucos e estão muito distantes um do outro.

Um buda é um homem de verdade, autêntico. Um Zaratustra é um homem de verdade – um homem que vale a pena chamar de homem. A humanidade em geral é apenas semelhante a robôs: ela vive inconscientemente, vive mecanicamente. E os hábitos são tudo o que você tem. Se você abrir mão de todos os seus hábitos, você simplesmente começa a evaporar; não vai mais se encontrar. O que você é? Apenas observe e vai encontrar um monte de velhos hábitos. Você ainda não tem nada além deles.

Esse é todo o esforço da meditação: trazer algo mais à sua vida que não seja um hábito, algo que seja espontâneo, algo que seja não mecânico, algo que o transforme de um robô em um ser consciente.

George Gurdjieff costumava dizer que nenhum homem nasce com uma alma. Aparentemente, isso parece inacreditável, porque durante séculos nos foi dito pelos sacerdotes que todos nascem com uma alma, e acreditamos nisso. É confortável acreditar que temos uma alma. Pensar que dentro de nós temos uma alma eterna e imortal faz com que nos sintamos muito bem, acolhidos e aquecidos. E Gurdjieff diz que não temos alma nenhuma! Somos totalmente vazios por dentro; não há nada dentro de nós – apenas hábitos e mais hábitos e no centro de nós não há nada. A casa está vazia. O mestre ainda não chegou ou está adormecido.

Gurdjieff está certo: você é apenas potencialmente um ser humano. Há uma possibilidade, mas a possibilidade pode ser facilmente perdida. E milhões de pessoas a perdem, porque, para se tornar consciente, para se tornar uma alma, é necessário um esforço árduo. É uma tarefa difícil. Permanecer em seus hábitos é barato, fácil, declinante. Basta a gravidade; ela continua o arrastando.

É como quando você está descendo uma colina em um carro e desliga o motor. Você não precisa de nenhuma gasolina para descer; a ação da gravidade é suficiente. Mas isso não pode ser feito quando você está subindo a colina; então será necessário gasolina. Você precisará de alguma integridade, de algum poder. E só a consciência libera poder. A consciência é a chave, a chave da ignição, que

libera poder em você e você se torna capaz de subir alto.

De todo modo, este dito está certo: Velhos hábitos são difíceis de mudar... porque não há ninguém que possa matar esses velhos hábitos.

No café da manhã, a esposa de Feinberg lhe disse: “Vamos receber o namorado de Sonia para jantar pela primeira vez. Vamos ter uma bela refeição com nossos melhores pratos. Então, por favor, comporte-se. Não coma com sua faca ou vai acabar com a chance de Sonia se casar”.

Naquela noite todo o jantar correu bem. Feinberg mal tocou em nada por medo de usar o talher errado. Então chegou o café. Feinberg pegou a xícara e começou a colocar seu café no pires. A família parecia estar com lanças apontadas para ele. Feinberg continuou despejando o café. Finalmente, o pires ficou cheio.

Feinberg o levou até a boca, olhou em volta da mesa e disse: “Uma palavra de qualquer um e eu vou começar a fazer bolhas!”.

É difícil, é muito árduo. Você tem de estar consciente, alerta, em guarda. Tem de continuar se lembrando. E lembrar-se é a coisa mais difícil na existência.

Os hábitos podem ser abandonados não lutando contra eles. Isso é o que as pessoas comumente fazem. Se elas querem mudar um hábito, criam outro hábito contra ele, para lutar com ele. Passam de um hábito para outro hábito. Você quer deixar de fumar e começa a mascar chiclete. Ora, isso é tão tolo quanto o outro. Você troca um hábito por outro, mas continua sendo a mesma pessoa inconsciente.

Deixar o hábito e não se compensar por isso, e continuar totalmente consciente e alerta para não começar a se mover para outro substituto, é uma das coisas mais difíceis na vida. Mas não é impossível; do contrário, não haveria possibilidade de um Buda, de um Cristo, de um Krishna. Com os budas isso acontece, isso é possível – embora difícil, muito difícil; um grande desafio tem de ser aceito. E todos que têm respeito por si mesmos sempre aceitam o desafio da coisa maior, a mais difícil.

Atingir a lua não é tão árduo, não é tão difícil. Subir o Everest é uma brincadeira de criança, comparado a se lembrar constantemente do que está fazendo, estar consciente. Mas, no dia em que a consciência começa a surgir, você conhece o êxtase de ser, a felicidade de ser. Você conhece algo que não podia ter imaginado. É algo tão vasto, tão inesgotável! Uma vez que você entra nisso, aquilo é seu para sempre. Buda chama isso de a lei eterna. Jesus chama de o Reino de Deus; essa é sua expressão para isso. Mas tem-se de estar bastante alerta, bastante consciente, para poder se desidentificar dos hábitos, dos padrões, das estruturas que se tornaram arraigadas em seu ser.

Um velho muito rico, mas muito avarento, estava morrendo; então chama até seu leito de morte três clérigos – um rabino, um padre e um ministro.

Quando eles chegam, ele diz: “Cavalheiros, vocês conhecem o velho ditado: quando um homem morre, nada pode levar consigo. Bem, levar minha fortuna comigo é precisamente o que me proponho a fazer. E, devido às suas bases religiosas, sinto que posso confiar nos senhores. Aqui, nestas três caixas, está a

maior parte de toda a minha riqueza. Meu último desejo é que cada um de vocês coloque cada uma das caixas no meu túmulo”.

Os três concordaram com a solicitação; então, o homem que estava morrendo distribui as caixas e morre. No dia do funeral, os três comparecem e cada um coloca uma caixa no túmulo. Mais tarde decidem ir a um bar próximo para tomar um drinque, onde, após um longo silêncio, o padre finalmente fala.

“Amigos”, diz o padre, “temo ter uma confissão a fazer. Não coloquei todo o dinheiro no túmulo. Com as contribuições diminuindo ultimamente e a igreja necessitando de reparos, pareceu-me um enorme pecado não colocar parte do dinheiro onde ele faria algum bem.”

Então, o ministro diz: “Padre, estou contente pelo fato de ter falado. Como o senhor sabe, eu dirijo várias instituições beneficentes. E, do mesmo modo, pareceu-me um enorme pecado simplesmente enterrar todo aquele dinheiro. Então também guardei parte dele, é claro que uma parte pequena, para ajudar essas minhas instituições valiosas e carentes”.

Após outro longo silêncio, o padre e o ministro perguntam ao rabino, que durante todo esse tempo esteve olhando para fora da janela, o que ele acha de suas ações.

“Bem”, diz o rabino, “eu devo dizer que estou profundamente surpreso, para não dizer chocado. Como rabino, respeitando os desejos de um homem que estava morrendo, só poderia deixar toda a quantia na caixa. Na verdade, eu deixei nela meu talão de cheques pessoal.”

Seja você um rabino ou não, isso não faz muita diferença; os velhos hábitos são difíceis de mudar. Mas eles podem acabar. E você tem de fazer todos os esforços para que eles acabem, porque na sua morte está o início da sua verdadeira vida.

Não sei quem eu sou. Sinto-me como se necessitasse de algum tipo de âncora. Não existe nenhum lugar para me ancorar?

É bom que você não saiba quem você é, porque todos aqueles que sabem estão errados.

A profundidade do seu ser é indefinível. Ela não tem nome, não tem forma. O mais íntimo do seu ser é sempre desconhecido e misterioso. Sócrates disse: “Conhece a ti mesmo!”. Não que você possa conhecer. Ele estava dizendo: “Tente conhecer a si mesmo e um dia saberá que isso é impossível!”. E quando você chega a um ponto em que todo o conhecimento desaparece, e você fica em profunda ignorância diante de si mesmo, essa é a mais bela experiência, o mais belo êxtase.

Apenas pense: se você pudesse conhecer a si mesmo, pelo conhecimento você se tornaria limitado. Você se tornaria uma mercadoria. Conhecendo a si mesmo você não seria feliz; você se tornaria muito comum. Uma vez que se

conhecesse, teria acabado consigo mesmo. Então o que faria com isso? Terminada a busca, você ficaria entediado consigo mesmo.

Seu ser é um mistério. Quanto mais você o conhece, menos o conhece. Quanto mais fundo você entra, mais vê o infinito. A profundidade é tal que você não consegue tocar seu fundo – nunca. As pessoas que acham que conhecem a si mesmas são muito superficiais. As pessoas profundas sempre tomam conhecimento de algo desconhecido. E isto é belo porque o desconhecido está sempre vivo, o desconhecido é sempre infinito. O desconhecido é eterno.

Sócrates disse: “Conhece a ti mesmo!”. Ele quis dizer: tente conhecer a si mesmo. Não que você será capaz de se conhecer. E, depois de Sócrates, um romano, Marco Aurélio, disse: “Seja você mesmo!”. Isso é melhor. Conhecer a si mesmo é impossível, mas ser você mesmo é possível. Não há necessidade de se conhecer. Apenas de ser. O conhecimento é irrelevante; ser é suficiente. Apenas SEJA você mesmo.

Portanto, não tente encontrar uma definição do seu ser. Isso é impossível. Vivê-lo, você pode; conhecê-lo, você não pode. Mas por que nos incomodamos em conhecer? Ser não é suficiente?

Há um impulso, um anseio profundo, uma curiosidade para abrir e conhecer cada mistério. Mas esse anseio esvai-se quando você se move para dentro. Se você se move para fora, esse anseio pode ser preenchido – um pouco. A ciência pode satisfazer seu anseio, porque algo pode ser conhecido sobre a matéria. Mas isso também diz “apenas um pouco”. Se você for mais fundo, lá também o desconhecido passa a ser encontrado. Quanto mais fundo você vai, mais o conhecimento se torna abalado. Quanto mais fundo você vai, tudo se torna mais confuso.

Um dos maiores cientistas do Ocidente, Eddington, escreveu em sua autobiografia: “Quando eu comecei, o mundo todo parecia um mecanismo. Quando comecei a trabalhar, buscar, investigar, o mundo me pareceu um grande mecanismo e eu tinha a ideia de que um dia ou outro o mecanismo seria conhecido”.

Ele achava que a existência podia ser dividida em duas categorias: o conhecido e o desconhecido. Conhecido: aquilo que conhecemos; e desconhecido: aquilo que vamos conhecer um dia ou outro – é apenas uma questão de tempo.

No fim da sua vida, ele disse: “Agora a vida parece estar dividida em três categorias: o conhecido, o desconhecido e o misterioso”. Esse misterioso... O conhecido e o desconhecido nós conseguimos entender. É apenas uma questão de tempo para o desconhecido poder se tornar conhecido, porque um dia o conhecido foi desconhecido. Mas o misterioso? Aquilo que não pode ser conhecido, que é impossível ser conhecido? Nessa categoria entra a religião.

Então, Eddington disse: “Agora, quando olho para o mundo, ele não parece um mecanismo. Ao contrário, ele parece um pensamento. Muito misterioso”. Se ele tivesse vivido um pouco mais, certamente teria dito: “Agora ele nem sequer parece um pensamento, porque um pensamento tem uma estrutura, uma lógica.

Ele parece um poema ou uma canção”. E uma canção como aquela que os pássaros cantam pela manhã – bela, mas você não consegue extrair algo dela. É bela e sem significado. Incrivelmente bela, e pode ser desfrutada. Mas e quanto a seu significado? Não tem nenhum.

Esta é minha compreensão: a menos que você consiga desfrutar o que não tem significado, jamais se tornará religioso. Para mim, Deus é a beleza sem significado que nos cerca, o canto sem significado que é ouvido em toda parte; o murmúrio sem significado de um riacho, o sussurro sem significado dos ventos, o silêncio sem significado das estrelas. Incrivelmente belos, mas sem significado. Por que eu digo sem significado? Porque é um mistério.

Uma coisa permanece sem significado a menos que seja conhecida. Quando você a conhece, ela passa a ter significado. E eu lhe digo: as estrelas são misteriosas, mas não são nada em comparação com seu ser interior. Os rios são misteriosos, mas não são nada em comparação com seu fluxo interno de consciência. Os Himalaias são misteriosos, mas não são nada em comparação com seus picos internos de êxtase.

Ser, em vez de conhecer. Marco Aurélio me parece ter um entendimento maior e mais profundo quando diz “Seja você mesmo!” do que Sócrates quando diz “Conhece a ti mesmo!”. Mas eu sei muito bem que você não pode ser você mesmo a menos que tente seguir a máxima socrática “conhece a ti mesmo”. Tente conhecer a si mesmo. Você nunca conseguirá, mas, pouco a pouco, deixará a busca do conhecimento e começará a ser. Conhecer é filosofia. Ser é religião.

Um estudante de Santa Barbara perguntou a um dos maiores teólogos cristãos americanos deste século, Paul Tillich, quando este já estava no fim da sua vida: “O senhor reza?”.

Ele respondeu: “Não, eu medito”.

Mas se você perguntar a mim, eu direi: “Não, eu nem sequer medito. Eu apenas sou”.

Oração é dualidade: você e Deus. Sem Deus, você não pode rezar, pois para rezar o outro é necessário. É uma dependência. Tillich está certo. Ele diz: “Não, eu não rezo”. Sua resposta não é cristã, sua resposta é budista. Ele diz: “Eu medito”.

A meditação é uma liberdade – liberdade também de Deus, porque nem mesmo Deus é necessário. Você não pode rezar sem Deus, pois para quem iria rezar? Para quem iria erguer sua cabeça? Para quem levantaria seus olhos? Com quem vocêalaria, com quem teria diálogo? Um Deus é necessário. Talvez ele esteja ali ou talvez não esteja – isso é irrelevante –, mas a oração requer um Deus. É uma dependência. Sem Deus, o homem que reza, imediatamente, vai parar de rezar. Se não houver Deus – ou chegar a notícia de que ele está morto, que foi assassinado ou algo assim, ou apenas morreu de velhice –, o homem que está rezando vai imediatamente parar, vai jogar fora seu terço e vai dizer: “Está acabado! Agora não há mais sentido nisso. Para quem vou rezar?”.

A oração é uma dependência. É aí que o budismo vai além do cristianismo.

Mesmo que Deus morra, isso não perturbará o homem que está meditando. Ele dirá: “Tudo bem. Não importa se Deus está vivo ou não. Isso nunca foi uma exigência para mim. Eu basto para mim mesmo”.

A pessoa que medita, medita sozinha. Mas se você me perguntar “O senhor medita?”, eu lhe direi: “Não, eu nem sequer medito. Eu apenas sou”. Porque na meditação está envolvida alguma atividade. O outro não está ali, você não está em um diálogo, mas está fazendo algo. O fazer está ali. O fazer se torna o outro: o agente e a ação. Você está meditando.

A meditação é uma ação, você está fazendo alguma coisa. Às vezes você medita e às vezes não medita. Isso não tem muito valor porque algo que às vezes é, e às vezes não é, não pode ser sua natureza. Sua natureza está sempre aí, não depende de nenhuma ação.

Eu apenas sou. E essa é a maior oração, essa é a maior meditação. É isso que os mestres zen dizem. Se você lhes perguntar o que eles fazem, eles dizem: “Nós cortamos madeira, nós carregamos água. Quando sentimos fome nós comemos e quando nos sentimos cansados nós dormimos”. É isso que eu quero dizer quando digo que eu sou. Nem mesmo a dependência de fazer algo existe mais.

A oração precisa do outro, a meditação precisa da ação – ser não precisa de nada. E quando você está em sintonia com isso que não precisa de nada, então pela primeira vez você está em sintonia; pela primeira vez você está enraizado em seu ser.

Você diz: “Eu não sei quem eu sou”. Não há necessidade. Não há necessidade de saber quem você é. A única necessidade é: não seja outra pessoa. Seja apenas aquilo que você não sabe que é. Não se mova para fora disso. Não há necessidade de saber quem você é, porque você já é isso. Se você sabe ou não sabe quem é, não faz diferença. O conhecimento não acrescentará nada a isso. Não saber não vai tirar nada dali, saber não vai acrescentar nada a isso; então, para que saber? Você é! Você pode chamar a rosa de outro nome, mas ela continua sendo uma rosa. Quer você saiba ou não o nome da rosa, ela continua sendo uma rosa. E quer você a chame de “rosa” ou não a chame de “rosa”, a rosa não se importa. Ela é.

Emerson diz em algum lugar do seu diário: “Fora da minha janela a roseira está florescendo. A roseira não se importa com quem ela é. As rosas não estão se comparando com as outras rosas do passado e não estão pensando nas rosas do futuro. Neste exato momento elas estão com Deus. Neste dia, elas estão com Deus”. Em seu ser, você é Deus. Nem mesmo direi “com Deus”. Em seu ser, neste exato momento, você é Deus, você é divino. Nenhum conhecimento é necessário.

Não fique preocupado com isso. Ninguém jamais soube quem é. A pessoa é! E todos aqueles que disseram que sabem estão apenas repetindo clichês. Eles devem ter lido isso nas escrituras. Mas são apenas palavras. Você pode dizer: “Eu sou *Brahma*” ou “Eu sou *atman*” ou “Eu sou o ser supremo”, mas essas palavras são clichês. Elas são feias. Elas não dizem nada, não significam nada.

“Eu sinto que preciso de uma âncora.” Sim, isso é bom. Você precisa disso.

Mas a âncora não tem nada a ver com conhecimento; estar ancorado tem algo a ver com ser. Por isso eu digo que Marco Aurélio é melhor do que Sócrates quando diz “Seja você mesmo!”.

“Não há lugar para a âncora?” Lugar é parte do espaço. Tempo e lugar não existem no ser – lá tanto o espaço quanto o tempo desaparecem. Você só estará ancorado quando chegar a um determinado estado dentro de você: quando você não consegue dizer quem é, quando não consegue dizer onde está, quando não consegue dizer quando está. Tudo parou; o tempo não se move. O relógio pode estar se movendo: tique-taque, tique-taque; ele pode estar se movendo. Você pode ouvi-lo, mas o tempo não se move – só o gesto inútil do relógio. Algo bem no fundo de você parou. Esse é o ponto que eu chamo de ponto do “sem quando”.

E não há espaço. Você não pode dizer onde está, o onde é irrelevante. Você não pode mostrar no mapa onde está. Você não está mais no mapa, você não pertence ao mapa. Você não é mais parte do mensurado, você não é mais parte do mapeado. Você é transcendência.

Você pode olhar para o espaço, mas você não está no espaço; você pode olhar para o tempo, mas você não está no tempo. Então você está ancorado. É isso que eu chamo de ser; é isso que Jesus chama de Reino de Deus; é isso que Buda chama de nirvana.

Sim, você precisa de uma âncora. Mas seria melhor dizer que você já está ancorado. Você só precisa de consciência. Como você pode ser se não estiver ancorado? Você já está em Deus; como pode estar em outra coisa? Não há outra maneira de ser, essa é a única maneira que existe. Mas você não está consciente. Torne-se cada vez mais alerta, observador. Não precisa ficar preocupado com o conhecimento, com quem você é. Apenas se torne consciente.

Quem quer que você seja – X, Y, Z – esse desconhecido atua. Quem quer que você seja, apenas fique alerta e consciente. Não deixe que esse desconhecido que está dentro de você, ou o misterioso que está dentro de você, caia em um estupor e durma. Desperte-o. Não permita que ele volte a se mover em direção aos sonhos. Sacuda-o do sono e de repente você verá que já está ancorado. Na verdade, o que quer que seja necessário já está ali. Só é preciso uma meia-volta.

Foi isso que Jesus quis dizer quando falou: “Volte! O Reino de Deus está ao alcance da mão”. Ele está falando das suas mãos. O Reino de Deus está sempre ao alcance da mão. É só estender um pouco a mão e conseguirá tocá-lo. Esse estender da mão é o que eu quero dizer com consciência.

Eu acho a vida tão tediosa. O que devo fazer?

Do jeito que é, você já fez o suficiente! Você tornou a vida tediosa – um empobrecimento! A vida é uma dança de êxtase e você a reduziu a um tédio? Você produziu um milagre! O que mais quer fazer? Você não pode fazer nada maior que isso. Vida e tédio? Você deve ter uma enorme capacidade para ignorar

a vida.

Ignorância significa a capacidade de ignorar. Você deve estar ignorando os pássaros, as árvores, as flores, as pessoas. A vida é tão incrivelmente bela, tão absurdamente bela, que se você a enxergar como ela é nunca irá parar de sorrir. Continuará rindo – pelo menos internamente.

A vida não é tediosa, mas a mente é tediosa. E nós criamos uma mente tão poderosa, uma mente tão forte, como uma Muralha da China em torno de nós mesmos, que não permite que a vida entre dentro de nós. Ela nos desconecta da vida. Nós nos tornamos isolados, encapsulados, sem janelas. Vivendo atrás de um muro de prisão, você não vê o sol da manhã. Você não vê os pássaros voando, você não vê o céu à noite, repleto de estrelas. E, é claro, você começa a achar a vida tediosa.

Sua conclusão está equivocada. Você está em um espaço errado; você está vivendo em um contexto errado.

Você deve ser uma pessoa religiosa, porque para tornar a vida tediosa a pessoa tem de ser religiosa; tem de ser muito erudita. Tem de conhecer o cristianismo, o hinduísmo, o islamismo. Tem de aprender muito a partir dos Vedas, do Alcorão, da Bíblia. Você deve ser muito bem informado. Um homem que é muito bem informado, muito instruído, cria uma parede tão grossa de palavras – palavras inúteis, palavras vazias – em torno de si que se torna incapaz de enxergar a vida.

O conhecimento é uma barreira para a vida.

Penha de lado seu conhecimento! E então olhe com olhos vazios... e a vida é uma constante surpresa. E eu não estou falando de alguma vida divina; a vida comum é tão extraordinária. Nos pequenos incidentes você vai encontrar a presença do divino – uma criança rindo, um cão latindo, um pavão dançando. Mas você não consegue enxergar se seus olhos estiverem cobertos de conhecimento.

A pessoa mais pobre do mundo é aquela que vive atrás de uma cortina de conhecimento. As pessoas mais pobres são aquelas que vivem através da mente. As mais ricas são aquelas que abriram as janelas da não mente e abordaram a vida com a não mente.

Mas esta não é apenas uma experiência sua; você não está sozinho nela. Na verdade, a maioria das pessoas vai concordar com você. Elas não encontram nenhuma surpresa em lugar nenhum. E a cada momento há surpresas e surpresas porque a vida nunca é igual; ela está constantemente mudando e dá voltas imprevisíveis. Como você pode permanecer não afetado pela maravilha da vida? A única maneira de permanecer não afetado é ficar apegado ao seu passado, à sua experiência, ao seu conhecimento, às suas lembranças, à sua mente. Então você não consegue enxergar o que ela é; você continua perdendo o presente.

Perca o presente e você vai viver no tédio. Esteja no presente e ficará surpreendido em ver que não há absolutamente nenhum tédio. Comece olhando em volta de um jeito parecido com o de uma criança olhando em volta. Seja de

novo uma criança! Isso tem a ver com a meditação, ser de novo uma criança – um renascimento, ser de novo inocente, não saber.

Sim, você deve ter ficado muito alienado da vida; daí o tédio. Você esqueceu a intimidade, a proximidade com a vida; você não está mais ligada a ela.

O conhecimento funciona como uma parede; a inocência funciona como uma ponte. Comece a olhar de novo como uma criança. Vá até a praia e comece de novo a catar conchinhas. Veja uma criança catando conchinhas, como se tivesse encontrado uma mina de diamantes, tão excitada ela fica! Veja uma criança fazendo castelos de areia e veja como ela fica absorvida, totalmente concentrada, como se não existisse nada mais importante do que fazer castelos de areia. Veja uma criança correndo atrás de uma borboleta... E seja uma criança de novo. Comece de novo a correr atrás de borboletas. Faça castelos de areia, cate conchinhas.

Não viva como se você soubesse. Você não sabe nada! Tudo o que você sabe é “sobre” e sobre. No momento em que você *sabe* realmente, o tédio desaparece. O saber é uma tal aventura que nele não pode existir tédio. Com o conhecimento, é claro, ele pode existir; com o saber ele não pode existir.

E deixe-me lembrar-lhe: não estou falando de algum conhecimento divino, algum conhecimento esotérico; estou simplesmente falando desta vida. Apenas olhe em volta com um pouco mais de clareza, com um pouco mais de transparência... e verá que a vida é hilária!

Uma loja do centro da cidade exibia uma placa em sua vitrine que dizia: COMPRE PRODUTOS AMERICANOS. Impresso em letras miúdas na parte de baixo da placa estava escrito: FABRICADO NA CHINA.

Apenas comece a olhar em volta com um pouco mais de atenção.

O ano é 1978, e um alemão que mora na zona soviética relata à polícia que seu papagaio desapareceu. Perguntam-lhe, então, se o papagaio fala.

“Sim”, responde ele, “mas quaisquer opiniões políticas que ele expresse são estritamente dele.”

Molly, de 79 anos, queixou-se ao seu médico de inchaço e dor abdominal. Ele a examinou completamente, submeteu-a a uma série de exames de laboratório e então anunciou os resultados.

“O fato, senhora”, disse o médico, “é que a senhora está grávida.”

“Isso é impossível!”, disse Molly. “Eu tenho 79 anos e meu marido, embora ainda trabalhe, tem 86!”

O médico insistiu, e então a futura mamãe idosa pegou o telefone da mesa dele e ligou para o escritório do seu marido. Quando ele atendeu, ela gritou: “Seu bode velho, você me engravidou!” “Por favor”, disse o velho com a voz trêmula, “com quem você disse que quer falar?”

Acho que estou ficando cada dia mais estúpido! O que fazer? Basta apenas ser? Eu me sinto muito sem esperança, e isso me deixa triste.

É um bom sinal você achar que está ficando cada dia mais estúpido. Isso simplesmente significa que o conhecimento emprestado está desaparecendo; daí a sensação. Você está desaprendendo o que quer que tenha aprendido até agora. Desaprender é o processo básico de se tornar de novo inocente.

Mas não chame isso de estar ficando estúpido; não use essa palavra – ela é condenatória, e então a pessoa começa a se sentir triste. Você está se tornando mais inocente. Está se tornando cada vez menos sobrecarregado de conhecimento e informações desnecessárias. Está se tornando mais natural, mais parecido com uma criança, mais repleto de assombro. E, se você chamar isso de ser estúpido, vai perder todo o ponto.

Sua mente chama isso de estúpido porque ela está perdendo terreno. A mente está morrendo e está fadada a fazer todos os esforços possíveis para se salvar, para sobreviver. E o primeiro passo é condenar o estado de não saber que está crescendo em você. Todo meditador passa por isso, e todo meditador descobre que a mente condena esse estado. Ele é contra a mente; você está se tornando uma não mente, e quem quer morrer? A mente não quer morrer; ela quer manter sua posse sobre você. Daí a condenação. Cuidado com isso.

Deixe o conhecimento desaparecer. Não fique preocupado, absolutamente, porque esse conhecimento não lhe deu nada. Em primeiro lugar, o conhecimento emprestado só cria aprisionamento, não liberdade. Ele o sobrecarrega; não lhe proporciona asas. Não o torna leve; deixa-o pesado. Torna-o duro, torna-o cada vez mais mecânico, porque através do grosso muro do conhecimento você não consegue ver o misterioso que o cerca. E, no momento em que você não vê o misterioso, está quase morto.

A vida está em harmonia com o misterioso. A vida está repleta de assombro. A vida é o conhecimento da arte do encantamento, do assombro. A pessoa instruída é uma pessoa pobre, muito pobre, totalmente empobrecida – e ela própria é responsável por isso. Ela acha que é muito rica porque tem conhecimento sobre rosas, embora nunca tenha realmente visto uma única rosa. Ela sabe tudo sobre o amor, embora ela própria nunca tenha amado. Sabe sobre Deus, mas saber sobre Deus não é conhecer Deus. Saber sobre a luz não é conhecer a luz.

Um homem cego pode saber tudo o que há para saber sobre a luz, mas ele ainda continuará cego. Ele não irá experienciar a alegria que a luz proporciona, que a manhã proporciona, que o nascer do sol proporciona. Ele não verá as cores do arco-íris, das flores, das borboletas. Ele permanecerá totalmente inconsciente do mundo de luz e cores. Ele é cego! Ele sabe *sobre*... mas saber sobre a luz não tem nenhuma utilidade se você for cego. E, se você tem olhos, se sabe ou não sobre a luz, não faz nenhuma diferença. Mesmo sem saber sobre a luz você a experiencia – e esse é o verdadeiro saber. O conhecimento não é o verdadeiro saber, não é sabedoria.

O conhecimento vem mediante informações; a sabedoria vem mediante a experiência.

Não condene o estado de inocência que está crescendo em você. Não o chame de estúpido. Isso é a mente lhe pregando uma peça; ela sempre prega

essa peça. Nas antigas escrituras, a mesma mente é chamada de demônio; não há outro demônio. É a mente que o tenta para agir errado, porque a mente só pode existir quando você está errado. A mente não é absolutamente necessária quando você está se movendo em direção à verdade, quando você está certo. Quando você está no caminho certo, a mente não tem utilidade; ela simplesmente perde seu poder sobre você. E é isso que está acontecendo.

Você diz: “Acho que estou ficando cada dia mais estúpido!”.

Você é abençoado. Continue se tornando cada vez mais estúpido – estúpido no sentido de inocente.

Jesus foi chamado de tolo. São Francisco foi chamado de tolo; ele costumava chamar a si mesmo de “o tolo de Deus”. Por que Jesus, Francisco e pessoas como estas foram chamadas de tolos? Até eles próprios se chamaram de tolos pela simples razão de que há algo que o tolo consegue saber e o instruído pode jamais saber. O tolo é inocente. O tolo não é tão tolo quanto a pessoa instruída. Ele às vezes parece ser mais sábio do que as chamadas pessoas sábias.

Era um antigo costume em quase todos os países do mundo que todo grande rei tivesse um bobo em sua corte. Por quê? Pela simples razão de que às vezes o bobo diz coisas que os sábios – os chamados sábios – não conseguem dizer. O bobo é tão inocente que simplesmente diz a verdade. Os chamados sábios são espertos; eles não vão dizer a verdade, eles vão dizer o que é conveniente. Pode ser uma mentira – e as mentiras têm um grande atrativo porque as pessoas vivem em mentiras. E particularmente nas cortes, todos os tipos de mentiras continuam prevalentes. O rei é cercado por todos os tipos de trapaceiros, todos os tipos de pessoas espertas; por isso um bobo era necessário, para que o rei pudesse depender do bobo. O bobo não será esperto e irá dizer o que tiver de ser dito. Ele é tão bobo que não se importará com as consequências disso.

Isso é estranho, mas há algo importante a ser entendido. O bobo era uma pessoa necessária na corte de todo grande rei, e os bobos muitas vezes salvaram muitos reis. Eles salvaram seus reinos porque seus conselhos vinham de um estado de não saber, totalmente inocente. Eles têm uma clareza que a pessoa instruída não pode se permitir ter; ela está cheia de nuvens.

Seu conhecimento está desaparecendo – isto é realmente *satsang*, isto é o que significa estar com um mestre. Ele o despoja do seu conhecimento e em troca lhe proporciona o encantamento. Ele o torna novamente criança. E, a menos que você seja uma criança, não entrará no Reino de Deus.

Mas como você está condenando isso e chamando isso de estupidez, dando um nome negativo, você está se sentindo triste, desesperançado. Nós vivemos por meio de palavras; nós nos tornamos tão ligados às palavras que somos enganados por elas. Mude a palavra e você verá a mudança em seu clima interior. Chame de inocência e sinta a textura, o sabor. Chame de estupidez e sinta a textura e o sabor. Quando você chama de estupidez, de repente, se sente cercado pela escuridão; quando chama de inocência, é como se uma flor começasse a se abrir dentro do seu coração, uma fragrância começa a envolvê-lo.

Cuidado com as palavras, com as palavras que você usa, porque nós vivemos

muito tempo com as palavras, por meio das palavras...

Eu ouvi:

Um caçador se perdeu na floresta. À noite ele chegou a uma propriedade privada, mas ficou com medo de entrar porque no portão havia um grande cartaz dizendo CUIDADO: CÃES PERIGOSOS. Mas a noite estava caindo e a floresta estava cheia de animais selvagens. Era melhor enfrentar os cães do que ser comido pelos animais selvagens. Ele estava tão cansado, tão absolutamente cansado; queria descansar. Havia alguma esperança: se havia cães ali, devia haver alguém – o dono dos cães, o proprietário da terra, o homem que havia colocado aquele grande cartaz.

Ele entrou, um pouco temeroso, tremendo, mas não havia outro jeito, não havia outra alternativa. Andou poucos metros e encontrou outro cartaz, ainda maior que o anterior: CUIDADO: CÃES PERIGOSOS. Seu coração começou a afundar, mas não havia como voltar, nenhum lugar para voltar e, assim, ele tinha de ir em frente. E tornou a se deparar com um cartaz ainda maior.

Então viu que apenas um cachorro pequeno, um cachorro muito pequeno, estava na frente do chalé do proprietário. Era um cachorro tão pequeno que você poderia, simplesmente, dando-lhe um chute, atirá-lo a pelo menos cem metros de distância!

O caçador ficou muito confuso. O proprietário apareceu na porta, e então o caçador lhe perguntou: “Onde estão os cães perigosos?”.

Ele disse: “Não há nenhum. Este é meu único cão”.

O caçador perguntou: “Este cão pode evitar que as pessoas entrem aqui?”.

O homem disse: “Não, mas os cartazes podem. Você é o primeiro homem em anos que entra aqui. Mesmo que não haja nenhum cão, aqueles cartazes evitarão que alguém entre”.

As pessoas vivem por meio de palavras. Em um teatro superlotado, se, de repente, alguém gritar “Fogo!”, as pessoas começarão a correr. Ninguém vai se dar ao trabalho de ver se há algum incêndio. A simples palavra *fogo* fará sua imaginação começar a trabalhar.

Não chame isso de estupidez; do contrário você cria sua própria tristeza e se torna uma vítima da sua mente. Sua mente vai se sentir feliz porque o deixou triste. Se você ficar triste, vai começar a recolher o conhecimento que se desprende de você; vai colocá-lo de novo em seu antigo lugar. Vai de novo começar a juntar informações para não se sentir estúpido.

Chame de inocência.

Tome muito cuidado com as palavras que você usa. As palavras têm associações, associações profundas. Elas se tornaram quase realidades concretas em nossa vida; não são mais apenas palavras, são coisas.

Você diz: “Eu me sinto muito sem esperança, e isso me deixa triste”.

A desesperança sempre chega se você estiver esperando demais; ela chega na mesma proporção. Espere e você ficará frustrado. Tenha esperança e, mais cedo ou mais tarde, sentirá desesperança. Por isso todo o meu esforço aqui é no

sentido de livrá-lo da esperança. Se você se livrar da esperança, nunca será capturado em nenhum estado de desesperança. A desesperança é um subproduto da esperança. A frustração é um subproduto da expectativa. Mas de certo modo isso é natural. Quando você vem a mim, vem com grandes esperanças; quer ficar iluminado, quer se tornar um buda. Mas o problema é que eu não posso ajudá-lo a se tornar um buda, porque você já é um buda! Não há necessidade de se tornar um buda. Tornar-se não é absolutamente a questão – o estado búdico é seu ser. E, quando você extirpar essa ideia de se tornar um buda, de repente vai reconhecer o buda em você.

O que estou fazendo aqui não é para ajudá-lo a se tornar alguém; estou apenas o ajudando a reconhecer quem você é. Todos os dispositivos aqui são apenas recursos para fazê-lo se lembrar – não são dispositivos para ajudá-lo a se tornar, mas apenas para fazê-lo se lembrar.

Uma família se mudou da cidade para o subúrbio e lhe recomendaram que arranjasse um cão de guarda para cuidar da casa à noite. Então compraram o maior cão que conseguiram encontrar.

Logo depois, a casa foi assaltada por ladrões que fizeram um grande saque – enquanto o cão dormia.

O dono da casa foi até ao proprietário do canil e lhe contou o que havia acontecido. “Bem”, disse o negociante, “o que o senhor precisa é de um cão pequeno que acorde o cão grande.”

É disso que você precisa! O buda está adormecido dentro de você. Só é preciso um pequeno dispositivo, um cachorrinho para acordar o cachorrão!

A sra. Mulla Nasruddin e sua vizinha estavam conversando sobre seus filhos adolescentes.

“É difícil acordar seu filho de manhã?”, perguntou a vizinha.

“Não”, respondeu a sra. Mulla Nasruddin. “Eu simplesmente abro a porta e jogo o gato na cama dele.”

“E como isso o acorda?”

“Ele dorme com o cachorro.”

Meu trabalho consiste nessas coisas, jogar um gato na sua cama. Não é nenhum grande trabalho – mas é bem divertido!

Como uma criança

Comece ficando um pouco mais alerta e observe as coisas; você ficará surpreso. A vida é misteriosa, inexplicável – a vida é absurda. Você não pode provar nada a favor dela ou contra ela. A vida é um caso de amor, e é hilária porque é também ridícula. Se você ficar um pouco alerta, vai encontrar o amor, a luz e o riso em toda parte!

As crianças são realmente tão inteligentes quanto você diz que são, antes de a sociedade começar a destruí-las?

Uma criança é pura inteligência porque ainda não está contaminada. Uma criança é uma tela em branco, sem nada escrito nela. Uma criança é o vazio absoluto, uma *tabula rasa*.

A sociedade vai começar a escrever imediatamente que você é um cristão, um católico, um hindu, um muçulmano, um comunista. A sociedade vai imediatamente começar a escrever o Bhagavad Gita, o Alcorão, a Bíblia. A sociedade não pode esperar. A sociedade tem muito medo de que, se a inteligência da criança for deixada intacta, ela nunca será um escravo: nunca será uma parte de qualquer escravidão, de nenhuma estrutura de dominação. Ela não será nem dominador nem dominado. Não vai possuir nem ser possuído. Será pura rebelião.

A inocência dela tem de ser corrompida imediatamente. Suas asas têm de ser cortadas, ela tem de receber muletas para se apoiar, de modo que nunca consiga andar com seus próprios pés, a fim de permanecer sempre em uma espécie de dependência.

Primeiro, elas dependem dos pais, e os pais gostam muito disso. Quando as crianças são dependentes, os pais se sentem muito bem. A vida deles começa a ter algum significado; eles sabem que estão ajudando uma pessoa nova a crescer, uma bela pessoa a crescer. Eles têm um prazer vicário em serem criativos. Esta não é uma criatividade real, mas pelo menos eles podem dizer que estão fazendo alguma coisa, que estão ocupados. Eles podem esquecer seus próprios problemas na ansiedade de criar os filhos. E quanto mais os filhos são dependentes deles, mais felizes eles se sentem. Embora, na superfície, eles continuem dizendo que gostariam que seus filhos fossem independentes, isso é apenas aparência. Um filho realmente independente magoa os pais. Eles não gostam do filho independente, porque o filho independente não precisa deles.

Esse é um dos grandes problemas que a geração mais velha está enfrentando hoje: as novas crianças não são dependentes dela. E, como elas não são dependentes, você não consegue obrigá-las a fazer as coisas, não consegue lhes dizer o que fazer e o que não fazer. Não consegue ser seus mestres. A geração mais velha está sofrendo muito. Pela primeira vez na história humana a geração

mais velha está se sentindo totalmente vazia, sem significado, porque toda a sua ocupação desapareceu, e sua alegria no fato de estarem criando filhos está abalada. Na verdade, ela está se sentindo culpada, temerosa de que possa estar destruindo os filhos. Quem sabe? O que quer que esteja fazendo pode não ser a coisa certa.

Os pais destroem a inteligência dos filhos porque essa é a única maneira de escravizá-los; depois os professores, a escola, a universidade... Ninguém quer um rebelde, e inteligência é rebelião. Ninguém quer ser questionado, ninguém quer que sua autoridade seja questionada, e inteligência é questionamento. Inteligência é pura dúvida. Sim, um dia, dessa pura dúvida surge a confiança, mas não *contra* a dúvida; ela só surge *mediante* a dúvida.

A confiança vem da dúvida, assim como a criança vem do útero da mãe. A dúvida é a mãe da confiança. A verdadeira confiança só vem mediante a dúvida, o questionamento, a indagação. E a falsa confiança, que conhecemos como crença, vem de matar a dúvida, destruindo o questionamento, destruindo toda indagação, todo questionamento, toda busca, apresentando às pessoas verdades já prontas.

O político não está interessado na inteligência das crianças, porque os líderes só são líderes porque as pessoas são estúpidas. Pense: se este país fosse inteligente, vocês poderiam acreditar que um homem como Morarji Desai seria primeiro-ministro da Índia? Seria impossível. Isso é ridículo! Mas as pessoas são muito estúpidas; e então vão encontrar líderes estúpidos. As pessoas são tão desprovidas de inteligência que estarão prontas a cair na cilada de qualquer um que possa fingir liderá-las.

As crianças nascem com inteligência pura, e ainda não fomos capazes de respeitar isso. As crianças são a classe mais explorada do mundo, até mais que as mulheres. Depois da libertação das mulheres, mais cedo ou mais tarde vai haver a libertação das crianças; isso é bem mais necessário. O homem tem escravizado a mulher, e o homem e a mulher têm, ambos, escravizado os filhos. E como a criança é indefesa, naturalmente ela tem de depender dos pais. Este é o meio que eles usam para explorar o desamparo das crianças. Mas até agora os pais têm sido maus. Não estou dizendo que tenham sido maus deliberada ou conscientemente, mas quase inconscientemente, sem saber o que estão fazendo. Por isso o mundo está sofrendo tanto, o mundo está nesse enorme caos. Inconscientemente, involuntariamente, toda geração continua destruindo a geração seguinte. Esta é a primeira geração que está tentando escapar da armadilha, e este é o início de uma história totalmente nova.

Mas as crianças são completamente inteligentes. Basta observá-las as crianças, olhar em seus olhos, observar a maneira como reagem.

O pequeno Nicolas parecia estar se divertindo muito no zoológico com o pai. No entanto, quando estavam olhando os leões, uma expressão perturbada surgiu no rosto do menino e seu pai lhe perguntou qual era o problema.

“Eu estava apenas pensando, papai... No caso de um leão se soltar e comer você, qual é o número do ônibus que eu tenho de pegar para voltar para casa?”

Basta observar as crianças, ser mais observador.

Uma professora pediu à sua classe de crianças pequenas que fizessem um desenho da história do Velho Testamento de que elas mais gostavam.

Um menino desenhou um homem dirigindo um carro velho. No banco de trás estavam dois passageiros, ambos quase sem roupa.

“É um belo desenho”, disse a professora. “Mas que história ele conta?”

O jovem artista pareceu surpreso diante da pergunta. “Bem”, exclamou ele. “Não diz na Bíblia que Deus tirou Adão e Eva do Jardim do Éden?”

Não são necessárias provas! É só olhar ao redor – há crianças em toda parte. Basta observá-las!

Outra história que eu ouvi...

Em outra escola, a professora fez o mesmo pedido às crianças: que fizessem desenhos de qualquer história de que gostassem. E uma criança desenhou um avião em vez de um carro. O avião tinha quatro janelas. De uma janela, Deus Pai estava olhando para fora; da outra, o Espírito Santo; da terceira, Jesus Cristo. Mas a professora ficou confusa e perguntou: “Estes três eu consegui identificar, mas quem é este quarto?”

E a criança disse: “Pôncio Piloto!”

Mas ninguém observa as crianças. Na verdade, todos acham que elas são apenas um transtorno. Elas não devem ser ouvidas, devem apenas ser olhadas: esse tem sido o lema no decorrer dos tempos. Quem se importa com o que elas perguntam? Quem se importa com o que dizem? Quem as escuta?

Uma criança entrou em casa correndo, ofegante e respirando com dificuldade, e disse à sua mãe: “Olhe o que aconteceu! Um tigre me perseguiu da escola até em casa! Mas eu consegui escapar; tive de correr tanto!”

A mãe disse: “Escute, eu já lhe disse milhões de vezes – *milhões de vezes* – para não exagerar! E aí está você de novo! Você encontrou um tigre na rua? E onde está o tigre?”

Ele disse: “Olhe pela janela. Ele está parado aí na frente”.

Era um cachorrinho.

A mãe olhou e disse: “Isso é um tigre? Você sabe perfeitamente bem que isso é um cachorro! Suba já e reze para Deus, pedindo perdão!”

A criança subiu e após alguns minutos voltou. A mãe lhe perguntou: “Você rezou? Pediu perdão a Deus?”

“Sim! Eu disse: ‘Deus, perdoe-me! Eu estava totalmente errado em pensar que aquele cachorrinho era um tigre’. E Deus disse: ‘Não se preocupe! A primeira vez que eu o vi também achei que fosse um tigre!’”

As crianças têm uma inteligência imensa, mas no decorrer dos tempos não lhes tem sido permitido usá-la.

Temos de criar um novo tipo de educação em que nada seja imposto às crianças, mas na qual elas sejam ajudadas a fortalecer sua inteligência natural, dada por Deus. Elas não têm de ser entulhadas de informações que na verdade

são quase sempre inúteis. Cerca de 90% das informações que continuamos lançando na mente das crianças são apenas tolices. Mas com esse peso, com essa bagagem, a criança nunca se livrará da carga.

Fui professor universitário e estudante desde a escola primária até a universidade. Minha própria observação é que 98% das informações que continuamos atirando sobre as crianças são totalmente inúteis; não são absolutamente necessárias. E não são apenas inúteis, são nocivas, positivamente nocivas.

As crianças devem ser ajudadas a ser mais criativas e não repetitivas, que é a norma em que nossa educação é baseada atualmente. Todo o nosso sistema educacional é montado na repetição. Se uma criança consegue repetir melhor que outras, ela é considerada mais inteligente. Na verdade, ela só tem uma memória melhor, não uma inteligência maior. Quase sempre acontece de o homem com uma memória muito boa não ser muito inteligente e vice-versa.

Albert Einstein não tinha uma memória muito boa. Newton, Edison e tantos outros grandes inventores em geral se esqueciam muito das coisas. Uma vez aconteceu de Edison esquecer inclusive seu próprio nome. Isso seria o cúmulo; você pode se imaginar esquecendo seu próprio nome? Nem no sono as pessoas o esquecem. Se todas as três mil pessoas que estão aqui caírem no sono e eu, de repente, chegar e chamar “Charles!”, ninguém vai ouvir, mas Charles vai dizer: “Por favor, não me perturbe, deixe-me dormir! De algum modo consegui dormir um pouco, lutando com os mosquitos, e agora você está aqui me chamando”. Ninguém mais ouviu, mas Charles, mesmo em seu sono, sabe que esse é seu nome.

Edison uma vez esqueceu seu próprio nome. Ele estava em uma fila durante o período da Primeira Guerra Mundial. Havia ido pegar sua ração, e quando seu número foi chamado e o homem no balcão perguntou “Quem é Thomas Alva Edison?”, ele olhou para um lado e para o outro.

Alguém na fila disse: “Se não estou enganado, acho que você é Thomas Alva Edison”.

Ele disse: “Você deve estar certo! Eu estava desconfiando um pouco disso. O nome me pareceu familiar, mas eu estava achando que talvez fosse o nome de alguém com quem me relaciono, talvez o nome de algum amigo”.

Mas todo o nosso sistema educacional é montado em torno da memória, não da inteligência. Visa colocar cada vez mais informações na memória; transformar o homem em uma máquina. Nossas universidades são fábricas onde os seres humanos são reduzidos a máquinas. São gastos 25 anos – um terço da sua vida – para transformá-lo em uma máquina! E então fica realmente difícil libertá-lo, torná-lo de novo uma pessoa.

Essa é minha preocupação, meu trabalho aqui. Vocês chegam como máquinas, muito tensos, cheios de lembranças, informações e conhecimentos na cabeça, tudo enfiado aí. Vocês perderam todo o contato com seu coração e com seu ser. Puxá-los na direção do coração e depois na direção do ser é realmente uma tarefa difícil. Mas em um mundo melhor isto não será necessário. A

educação deve ajudar as pessoas a se tornarem cada vez mais inteligentes, não cada vez mais repetitivas. Neste momento o que há é repetição: vocês enchem a cabeça com quaisquer absurdos que lhes dizem e depois os vomitam para obterem as melhores notas possíveis. Há apenas uma coisa que vocês precisam se lembrar: de serem exatamente repetitivos. Não acrescentem nada, não apaguem nada, não sejam criativos, não sejam originais.

A originalidade é exterminada, a repetitividade é elogiada. E a inteligência só pode crescer na atmosfera em que a originalidade for louvada. O objetivo não deve ser a eficiência, mas a originalidade.

Em uma escola na zona rural, certa manhã Johnny chegou atrasado.

“Johnny, por que você chegou atrasado hoje?”, perguntou a professora.

“Esta manhã eu tive de tirar o touro de cima da vaca, professora.”

“Isso não é desculpa”, disse a professora. “Seu pai não podia fazer isso?”

“Não, professora”, disse Johnny. “A senhora tinha de ver o touro.”

Você fala muito sobre a importância de ser como uma criança na busca espiritual. Mas poderia falar mais sobre como a inocência de uma criança está relacionada à inocência de um sábio? A qualidade da inocência é igual tanto na criança quanto naquele que é um buda?

A inocência de uma criança tem uma semelhança com a inocência de um sábio. Mas não é exatamente a mesma. Devido à semelhança, muitos místicos têm usado a infância como um exemplo. Você não sabe nada sobre o que acontece no mundo interior de um sábio. Você precisa de alguns exemplos de algo que você conheça. Portanto, uma coisa tem de ser lembrada: todos estes exemplos não são exatamente o que acontecerá em seu estado final de realização, mas são certamente alguma indicação.

A criança é inocente, mas sua inocência é mais ignorância do que sabedoria. Você não pode chamar uma criança de sábia. Sua inocência é natural. Mas sua ignorância também está lado a lado com sua inocência. Elas estão quase juntas. A inocência da criança é protegida por sua ignorância.

O sábio também tem a mesma inocência, mas não existe mais uma ignorância protetora. Sua inocência é absolutamente pura, não poluída. E como sua inocência não é mais associada à ignorância, isso produz uma transformação na própria qualidade da sua inocência. Ela se transforma em sabedoria. A criança é ignorante, o sábio é sábio.

Mas a inocência tem a mesma qualidade: a associação é diferente. A criança tem a mesma inocência, mas associada com a ignorância; por isso não tem valor. O sábio tem a mesma inocência, mas não mais associada à ignorância; ela tem um imenso valor. A sabedoria floresceu. A criança não sabe, mas ela não sabe que não sabe; o sábio também não sabe, mas ele sabe que não sabe – isso faz uma enorme diferença.

Como a criança não sabe que é ignorante, ela está sujeita a acumular conhecimentos para encobrir sua ignorância. Ela também quer ser instruída como qualquer outra pessoa – o mais rapidamente possível. O sábio não é mais ignorante, por isso ele não necessita de nenhum conhecimento. Com a ignorância, o conhecimento também se foi. É como quando você está doente e precisa de remédios. Quando fica de novo saudável, os remédios não são mais necessários.

O conhecimento é um remédio para a ignorância. Mas quando não há ignorância, o que você vai fazer com todos os seus remédios? Dá-os ao Lions Club. Estas pessoas continuam acumulando todos os tipos de remédios.

O homem sábio não é instruído. Sua sabedoria tem uma qualidade totalmente diferente. Ele vê. Ele é um vidente. Ele não é informado, mas é transformado. Ele chegou a um novo estágio de consciência de onde ele pode enxergar longe.

P. D. Ouspensky usa isto como exemplo – seu mestre Gurdjieff também costumava usar o mesmo exemplo. Você está sentado debaixo de uma árvore. Você consegue enxergar a estrada dos dois lados até determinada extensão, depois ela sai do seu campo de visão. Você não pode enxergar mais do que isso. Alguém está sentado no alto da árvore. A visão dele da estrada será bem maior que a sua. Ele verá quilômetros de um lado e quilômetros do outro lado. Se do lado esquerdo estiver vindo um carro de boi, ele irá vê-lo, mas para você ele ainda está no futuro. Para ele está no presente. Para você está no futuro porque você não o vê. Vai chegar o momento em que você irá vê-lo. Então ele se tornará presente para você.

E vai chegar um momento em que ele vai se afastar da estrada em direção à direita e logo você não o verá de novo. Ele se tornará passado. Mas para o homem que está sentado no alto da árvore, quando era futuro para você era presente para ele. Quando era presente para você, era presente para ele. Quando se tornou passado para você, continuou presente para ele. Ele está vendo de um ponto de vista mais alto.

O homem sábio é inocente, mas em um nível bem mais elevado; ele não é infantil. Sua inocência veio da maturidade; sua inocência veio de incríveis experiências. A criança não tem nenhuma experiência; o sábio passou por todos os tipos de experiências, boas e ruins, e as transcendeu. Ele de novo se torna uma criança, mas sua infância, sua segunda infância, é baseada em um campo muito sólido que não pode ser removido.

Então, a inocência de uma criança é bela, mas lembre-se de que não é o lugar para ela parar. É o lugar de onde começar. É belo ter uma inocência infantil, mas esta ainda está bem distante da autêntica inocência da maturidade.

Paddy sobe no mastro da bandeira e começa a gritar o mais alto que consegue. Os policiais o prendem e ele é acusado de perturbar a ordem. Mais tarde é enviado a um hospital psiquiátrico para ser examinado.

“Como você explica seu comportamento?”, pergunta-lhe o psiquiatra.

“É assim, doutor”, responde Paddy. “Se eu não fizesse algo maluco pelo menos de vez em quando, eu enlouqueceria.”

Um homem inocente está dizendo algo imensamente sábio. Ele está dizendo: “Se eu não fizesse algo maluco de vez em quando, eu enlouqueceria”. É um fato bem conhecido e bem estabelecido que as mulheres ficam malucas de vez em quando – com qualquer desculpa. E, se não houver desculpa, pelo menos a natureza lhes proporcionou o período menstrual. Então o que quer que elas façam é aceitável. A maluquice delas não pode ser condenada; elas têm uma racionalização. Mas mesmo fora do período menstrual elas podem ficar malucas a qualquer momento. Isso as impede de enlouquecer. Só os homens enlouquecem, porque eles não ficam malucos de vez em quando. Eles vão acumulando. Em vez de enlouquecer à prestação, eles enlouquecem por atacado. É só olhar os hospícios do mundo: eles têm quatro vezes mais homens do que mulheres.

Não é uma diferença pequena. Quatro vezes mais homens enlouquecem. E qual é a estratégia da mulher para evitar toda essa loucura? Ela com frequência fica maluca. Assim, à prestação – um pouquinho de loucura hoje, um pouquinho amanhã –, ela divide a loucura, e o tempo todo permanece mentalmente sã. Não é necessário que vá para um hospício.

Desde a infância é dito ao homem: “Você não deve pitar como as mulheres. Você não deve sequer chorar. As lágrimas não são permitidas aos homens. Mesmo que alguém morra, o homem tem de se controlar; não deve se comportar como uma mulher”. Por causa desse ensinamento absurdo, há quatro vezes mais homens do que mulheres nos hospícios.

Eu deixei absolutamente claro que, todos os dias, de manhã, vocês devem fazer a Meditação Dinâmica. Isso não é nada mais do que lhes dar uma chance, todos os dias, de ter um momento de loucura, para que no restante do dia permaneçam sãos. É o bastante para 24 horas. Então vem outra manhã e vocês enlouquecem conscientemente. Nenhuma das pessoas que moram comigo jamais vai enlouquecer de verdade.

Após cinco dias trancado em seu quarto de hotel, o casal em lua de mel finalmente decide sair à noite. O marido telefona para a portaria para descobrir o que está passando nos cinemas.

“Querida”, grita ele para sua mulher, “você quer ver *Oliver Twist*?”

“Querido”, grita ela de volta, “se você me mostrar mais uma artimanha com aquela coisa, eu vou gritar.”

Duas vacas estão juntas no pasto, ruminando, quando uma delas olha para cima e diz: “Olhe, lá vem aquele touro vesgo. É melhor nos separarmos ou ele não acha nenhuma de nós”.

Mulheres diferentes têm reações diferentes quando o marido as beija na cama. A mulher francesa diz: “U-la-la, Pierre, u-la-la, seus beijos são u-la-la”.

A mulher inglesa diz: “Muito bom! Digo, Winston, seus beijos são muito bons”.

A mulher judia diz: “Sabe, Samuel, o teto precisa ser pintado”.

Este é um mundo louco. Da sua inocência, se for uma inocência semelhante à da criança, os caminhos partem em duas direções. Ou você termina neste imenso hospício que você chama de mundo, ou termina com uma grande

sabedoria; você pode ser um sábio.

Você só precisa se lembrar da diferença entre estes dois caminhos. O caminho que vai para o hospício, para este grande hospício que você chama de mundo, é superlotado. Evite as multidões. Você pode ter certeza de que o lugar para onde todo mundo está indo é o caminho errado. A lógica comum diz: “Este é o caminho certo, pois todos estão indo por ele; como ele pode ser o caminho errado?”.

Mas eu lhe digo: encontre o caminho para onde ninguém está indo. Há todas as chances de que você termine se tornando um sábio. Seu primeiro passo sozinho é o primeiro passo para sua realização fundamental. São os covardes que acompanham a multidão. E eu nunca ouvi falar de covardes terem se tornado iluminados. Eles podem se tornar ovelhas cristãs, mas não conseguem se tornar leões. E eu gostaria que meu povo fosse composto de leões. Escolha um caminho que não seja tradicional, que não seja ortodoxo. Escolha um caminho que seja fundamentalmente revolucionário. Cada passo é uma revolta contra tudo que é passado e velho, pois é toda essa porcaria apodrecida que está deixando todo mundo louco.

E neste caminho você não é mais um cristão. Não pode ser, porque ser um cristão significa ser parte de uma multidão. Você não é mais um hinduísta, porque não faz mais parte de uma multidão; você é um indivíduo. E só os indivíduos têm despertado. As multidões jamais se tornam iluminadas. Só os indivíduos, só as pessoas que têm estômago e coragem para ficar sozinhas, são capazes de deter o movimento da mente e se assentar em sua inocência interior.

Quanto mais fundo você entrar dentro de si mesmo, mais puras serão as fontes de consciência que encontrará. Quando atingir o centro do seu ser, você atingiu o centro do universo. Então a sabedoria desabrocha; você se torna um sábio. É um renascimento, uma ressurreição. Você morre como o mundo queria que você fosse e encontra exatamente o que a existência ansiava que você fosse. A existência lhe dá tudo o que você está pedindo, ansiando.

O chamado mundo louco só lhe faz promessas, mas os benefícios nunca são distribuídos. As pessoas morrem neste mundo após toda uma vida de simples desespero e angústia. Se você quiser viver no êxtase e morrer no êxtase, terá de escolher o caminho da solidão. E esse é também o caminho da meditação, porque sua solidão absoluta está sempre no seu interior.

Fora você sempre vai encontrar uma multidão – em qualquer caminho. Você pode ter escolhido um caminho que parece ser silencioso, sem trânsito, mas mais adiante você não sabe. Em todo caminho encontrará alguma multidão. Às vezes uma multidão maior – católicos –, às vezes multidões menores, mas você as encontrará.

Só há um caminho que vai para dentro, onde você não vai encontrar um único ser humano, onde vai encontrar apenas silêncio e paz. Então você vai se encontrar, e depois disso nem você estará mais lá.

A solidão torna-se tão pesada e densa que você não consegue ficar ali, não consegue ter um “eu”, um ego, uma sensação de separação da existência. Seu

“eu” não é nada além de uma sensação de separação. E quando você se vê unido à existência, nenhum conhecimento é necessário. Em sua inocência, você conhecerá tudo que é grande, tudo que é belo, tudo que é verdade. Mas não será uma repetição de qualquer escritura e não será nada emprestado. Será verdadeiramente seu, terá sua assinatura.

E esta é uma das maiores bênçãos na vida: ter alguma experiência que seja absolutamente sua e não uma cópia. Só aquilo que é absolutamente novo, original, surgido das verdadeiras fontes do seu ser, pode lhe dar satisfação, preenchimento, contentamento e uma profunda compreensão de todos os mistérios da vida e da existência.

É bom começar com a inocência, mas lembre-se de que há dois tipos de inocência: uma é a inocência da criança e a outra é a do meditador. O meditador também se torna uma criança, mas isso ocorre em um nível muito diferente, em uma altura muito elevada – como se a criança estivesse no vale e o homem iluminado, que de novo se tornou uma criança, estivesse no pico iluminado pelo sol. A distância é enorme. Mas há certa similaridade, um fio que vai da criança ao coração do sábio. A criança não consegue entender o sábio, mas o sábio consegue entender a criança. Lembre-se sempre disso como regra fundamental: o inferior não consegue entender o superior, mas o superior consegue sempre entender o inferior.

E, na sua vida, se algo puder ser comparado com esse alto pico, é sua infância. Tente redescobri-la. Não a encubra com conhecimento a ponto de poder esquecê-la. Remova todo o conhecimento para que possa redescobrir sua inocência. Quando você remover seu conhecimento, estará removendo sua própria mente, porque sua mente é um nome coletivo para seu conhecimento. Não é qualquer entidade – como chamamos estas árvores aqui em volta de “o jardim”, mas o jardim é apenas um nome coletivo. Se você continuar procurando o jardim, não irá encontrá-lo; você sempre encontrará árvores individuais, roseiras, flores sazonais, mas não encontrará o jardim como tal em parte alguma.

Lembre-se de que muitas vezes nos sentimos perdidos com nomes coletivos. Começamos a pensar que esses nomes coletivos são realidades; eles não são. A sociedade não existe. A religião organizada não existe; só finge existir. O cristianismo, o islamismo, o budismo não existem – é tudo fingimento. O que existe é o indivíduo.

A mente não existe, ela é apenas um nome coletivo para todo o seu conhecimento. Remova pouco a pouco tudo o que você sabe e, quando tudo o que você sabe tiver sido removido, você não encontrará nenhuma mente ali, nem mesmo o contêiner em que todo aquele conhecimento estava contido. Não há nenhum contêiner. Sendo puramente inocente, centrado em si mesmo, sabendo que a vida é um mistério e que não há nada a saber, que o conhecimento, por sua própria natureza, é impossível, somos envolvidos pelo miraculoso. E é belo que sejamos envolvidos pelo miraculoso, porque isso torna a vida uma excitação contínua, um êxtase.

Você nunca se cansa de descobrir novos espaços dentro de você. Você nunca

fica entediado, porque há sempre algo novo à medida que você penetra mais profundamente dentro de você. E quanto mais profundamente você se move para dentro de si, mais se move em direção à própria existência, por que no fundo você está enraizado na existência. Se uma árvore se move profundamente para dentro de suas raízes, ela encontrará a terra, encontrará o oceano. Ela está enraizada na terra, extraindo água do oceano.

Se nos movemos em direção ao nosso centro... Você ficará surpreso em saber que nosso centro também tem suas raízes na existência, embora elas não sejam raízes visíveis. Nossa consciência é parecida com o ar. Ela não é visível, mas você consegue senti-la. Você consegue sentir quando o ar é frio e consegue sentir quando o ar é quente. Você consegue sentir sua consciência de muitas maneiras: quando ela é pura, é fria; quando é impura, é quente. Impura com a ambição, impura com desejos, impura com objetivos – então ela é quente, você não se sente à vontade, não há paz interior. Mas quando todos esses desejos o deixam, há um enorme frescor que continua crescendo.

E, quando você se aproxima de si mesmo, está se aproximando do universo. E o maior momento na sua vida é quando você aceita o mistério da existência como ele é, sem fazer nenhum questionamento. Você entendeu uma coisa: que a existência é misteriosa e vai permanecer misteriosa. Não há necessidade de nenhum conhecimento. Isso significa que você se ajustou com o universo como algo misterioso e se ajustou consigo mesmo com sua inocência.

Este é o segundo nascimento. Na Índia, chamamos este estado de *dwij*, o segundo nascimento. E esta é sua busca aqui.

Agora aqui está algo para tornar seu silêncio mais profundo.

Herman é um eterno otimista, e independentemente do que lhe aconteça ele sempre diz: “Bem, poderia ter sido pior”.

Um dia, seu vizinho, Amos, chega em casa e encontra a esposa na cama com um homem estranho. Em um acesso de raiva, Amos atira nos dois e mais tarde é preso por assassinato.

Enquanto todos estão discutindo a tragédia, Herman diz: “Bem, poderia ter sido pior”.

“Como poderia ter sido pior?”, diz um vizinho zangado. “Duas pessoas estão mortas e um sujeito bom como Amos vai passar o resto da vida na prisão.”

“Bem”, insiste Herman, “se Amos tivesse chegado em casa na tarde de quinta-feira, eu estaria morto!”

Sempre chega um momento em que a pessoa sabe por que as coisas acontecem de uma maneira e não de outra?

Não, esse momento nunca chega. Esse momento não pode chegar; o conhecimento é impossível. A vida é um mistério – quanto mais você sabe sobre ela, mais misteriosa ela se torna. Você não pode reduzi-la a uma fórmula, não

pode reduzi-la a teorias. Ela nunca se torna uma doutrina. Quanto mais fundo você vai, mais se sente ignorante. Mas essa ignorância é abençoada. Esse não saber é incrivelmente belo, é uma bênção, porque nesse não saber seu ego morre. Esse não saber torna-se o túmulo do seu ego. E surge o assombro: Oh! É uma grande alegria.

O conhecimento é um desmancha-prazeres. As pessoas cheias de conhecimento não são pessoas alegres; elas tornam-se sérias. Estão sobrecarregadas, seu coração não dança mais; só sua cabeça continua crescendo além de toda proporção. Esse crescimento é como com um crescimento canceroso – todo o seu corpo desaparece, todos os seus membros encolhem, restando apenas a cabeça. Elas ficam com a cabeça pesada.

Quando o conhecimento desaparece, você fica totalmente em paz com a vida e a existência. O conhecimento divide. Deixe-me repetir isso: o conhecimento e separa da existência. E devido a essa separação há uma angústia e uma ansiedade contínuas; algo está continuamente faltando. Só um não sabedor pode se unir à vida. Só o não conhecimento une; o conhecimento divide.

Em um estado de não saber, você começa a se fundir com as árvores, as montanhas e as estrelas. Você não sabe onde você termina e onde elas começam, você não sabe nada. Você é de novo uma criança catando conchinhas na praia. De novo uma criança colhendo flores, flores do campo. De novo uma criança com os olhos repletos de assombro. Por meio desse assombro você começa a sentir o que a existência é – não sabendo, mas sentindo. Você começa a amar aquilo que ela é – não sabendo, mas amando. E, através do sentir e do amor, você começa a viver pela primeira vez. Quem se importa, quem quer saber do conhecimento?

Você pergunta: “Sempre chega um momento em que a pessoa sabe por que as coisas acontecem de uma maneira e não de outra?”.

Não, as coisas são da maneira que são, não há outra maneira. Essa é a única maneira. E não há uma explicação, do contrário você poderia vir a saber. Não existe causa, do contrário você a teria decodificado. Não há razão para a existência. Ela é totalmente absurda, não deveria existir, não há razão para ela. Por que deve haver árvores, estrelas, homens e mulheres – por quê? Não há razão por que deva haver o amor, por que deva haver consciência. Por que tudo isso? O porquê começa a escorregar de você. Um dia, de repente, você não está mais buscando causas, razões e porquês. Você simplesmente começa a dançar. Você não consegue responder por que está dançando; não há resposta para isso. E todas as respostas que têm sido dadas são falsas.

Por que você ama? Por que a música o deixa eletrizado? Por que, vendo uma flor pela manhã, você, de repente, é atraído para ela como se fosse um imã? Por que à noite você se sente tão atraído pela lua? Por quê? Uma criança está rindo e você para por um momento para olhar para a criança e se sente feliz. Por que há ali felicidade? Por que há celebração? Por que há vida? Por que há a existência? Não há razão. E se você encontrar alguma razão, novamente será relevante perguntar: por quê?

Se você diz que Deus criou o mundo, então surge a pergunta: por que ele criou o mundo? Isso não resolve nada, simplesmente aprofunda um pouco mais a pergunta – por que Deus criou o mundo?

Outro dia eu estava lendo o livro de um teólogo, e ele diz: “O que Deus estava fazendo antes de criar o mundo?”. Uma questão não é solucionada pela resposta, e surge então uma pergunta estranha: o que Deus estava fazendo? Porque Deus deve ter existido por uma eternidade antes de criar o mundo. E os cristãos acreditam que ele criou o mundo há apenas quatro mil anos – 4.004 anos antes de Jesus Cristo. Então, o que ele estava fazendo antes disso? Ele devia estar se sentindo completamente entediado. Ele poderia ter enlouquecido ou cometido suicídio. O que ele estava fazendo? Ou estava simplesmente dormindo, sonhando? E o que tem feito desde então? Desde que criou o mundo, para onde ele desapareceu? E o que fará quando ele tiver destruído este mundo? De novo ele ficará entediado consigo mesmo. Ele deve ser realmente muito solitário.

Agora, todas essas perguntas desnecessárias, só porque você respondeu a uma pergunta... Hum? Você estava se sentindo desconfortável com o mundo, então disse que Deus criou o mundo. Você queria alguma conveniência, algum conforto – saber que isso não é apenas um acidente, que há um Deus Pai que cuida de tudo, que você não está sozinho. Você queria algum tipo de segurança. E agora aquela pergunta não foi respondida, e mil e uma perguntas derivaram dela. Em primeiro lugar, por que ele criou o mundo? Ele precisava do mundo? Se precisava do mundo, então ele é tão carente quanto o homem – então ele não é perfeito, algo estava faltando.

Ele era ambicioso? Era um expansionista? Por quê? E por que *este* mundo, com tanta infelicidade, tanto sofrimento, tantas enfermidades, doença e morte – por que este mundo? Se ele o criou, podia ter criado um mundo melhor. Ele não parece ser um grande criador.

Eu ouvi uma história:

Um homem foi procurar um alfaiate, um alfaiate famoso, e lhe disse que seu terno teria de estar pronto o mais rápido possível, porque ele iria fazer uma viagem pelo mundo. Então o alfaiate lhe disse: “Olhe, vai demorar pelo menos seis semanas – não antes disso, pois estou muito ocupado. Sou um perfeccionista; quando faço uma coisa, eu a faço com perfeição. Você terá de esperar pelo menos seis semanas; antes disso não será possível!”.

O homem disse: “Seis semanas? Você não se lembra de que Deus criou o mundo em seis dias?”. E o alfaiate disse: “Eu sei. E olhe o mundo, que caos ele criou. É isso que acontece quando você faz as coisas em seis dias. Não posso fazer isso – vou demorar seis semanas”.

Por que Deus criou este mundo feio e miserável? Por que ele criou este inferno? Ele não parece ser um mestre criador, parece ser um artesão muito medíocre. E há mil e um erros nele.

Você não resolve nada perguntando por quê. Buda é bem mais verdadeiro: ele diz que ninguém jamais criou o mundo. Dessa maneira ele descarta sua pergunta. Ele diz que o mundo sempre esteve ali e sempre estará ali – sem

nenhuma razão, sem nenhuma causa. Ele existe sem causa. Isso é difícil para a mente racional, porque sempre buscamos a causa. Quando a causa é apresentada, nós nos sentimos à vontade. Ela é um desejo da razão; quando conhecemos a explicação, a causa e a razão, nós nos sentimos bem porque sabemos. Mas o que sabemos?

Toda a teologia no decorrer dos tempos não forneceu uma única resposta. Todos os cinco mil anos de filosofia se mostraram absolutamente fúteis.

Se você me entende, então eu gostaria de dizer que nunca chega um momento de conhecimento em que você sabe por que o mundo é da maneira que é e por que não é de nenhuma outra maneira. Quanto mais você penetra em seu ser, menos perguntas surgem. Um dia todas as perguntas desaparecem. Não estou dizendo que você obtém uma resposta, apenas que as perguntas desaparecem. O homem que chamamos de iluminado não é o homem que conhece a resposta, mas é o homem cujas perguntas desapareceram. Ele não tem mais nenhuma pergunta. Nesse estado de não questionamento há um grande silêncio, um silêncio total, um silêncio absoluto. É um belo não saber.

Esse não saber é iluminação. Buda não ficou sabendo nada. Tudo o que ele atingiu foi o desaparecimento de suas perguntas. Agora não há mais nenhuma pergunta perturbando sua mente; todo aquele ruído se foi. Ele foi deixado só, em silêncio. Ele não é mais um conhecedor, ele não clama saber isto ou aquilo. Ele sabe apenas nada. É isso que Buda chama de nirvana – não saber nada, ou saber apenas nada.

Estar em um estado de não saber é *samadhi*.

Por favor, você poderia me explicar a diferença entre inocência e estupidez?

Inocência é o florescimento total da sua consciência. Nem mesmo uma criança é inocente; ela é simplesmente ignorante. Ela não sabe, mas não tem consciência de que não sabe. A criança mais provavelmente se tornará estúpida, porque a sociedade precisa de pessoas estúpidas, as religiões precisam de pessoas estúpidas, os políticos precisam de pessoas estúpidas. Todos os investimentos de interesse precisam que as massas permaneçam estúpidas. Sua estupidez é a oportunidade para todos os interesses constituídos explorá-lo.

É muito raro alguém se rebelar contra as religiões, a política, a estrutura social, e tentar manter sua individualidade; mais facilmente a pessoa opta pela ignorância do que pelo conhecimento, porque a ignorância é pelo menos natural. Tornando-se instruído, ela se distancia demais da sua natureza.

A pessoa que se rebela contra todos esses interesses constituídos e descobre que não sabe nada, que só sabe uma coisa – que não sabe nada –, é a pessoa inocente.

Quando o imperador Wu da China perguntou a Bodhidharma “Quem é

“você?”, Bodhidharma respondeu: “Eu não sei”. Isso não era ignorância. Bodhidharma foi uma daquelas raras pessoas que atingiram a inocência. A última declaração de Sócrates foi: “A única coisa que eu sei é que nada sei”.

A estupidez é comum. Ela aparece em todos os tamanhos, em todas as formas: estupidez cristã, estupidez hinduísta, estupidez mulçumana, estupidez budista, estupidez comunista. Uma coisa sobre a estupidez ela nunca olha para dentro. Ela pode ver fora – por exemplo, um hinduísta pode ver que Jesus não pode ser iluminado pela simples razão de que ele bebe vinho e anda com prostitutas. É impossível para a estupidez hinduísta reconhecer Jesus como iluminado. O cristão não pode ver Krishna como iluminado. Ele tem 16 mil mulheres, todas extraídas à força de seus maridos, de seus filhos – e o homem é uma encarnação perfeita de Deus!? É difícil para o cristão ver Krishna como a encarnação de Deus. Ele obriga Arjuna a ir para a guerra, convence-o – contra sua vontade – a ir para uma guerra que é conhecida na Índia como a Grande Guerra, que destruiu a Índia para sempre. Ela quebrou a espinha dorsal da Índia; desde então a Índia não conseguiu atingir nada. Ficou disponível para todos os tipos de invasores, facilmente disponível para se tornar escravizada. Toda a responsabilidade vai para Krishna.

Mas um cristão acredita quando Jesus diz “Ame seu inimigo, ame até seu vizinho”... Estou sempre imaginando por que Jesus não disse “Ame também sua esposa, ame também seu marido” – porque o inimigo está bem distante, amar o inimigo é fácil. Amar o vizinho é mais difícil, e amar a esposa ou o marido é quase impossível.

O ensinamento cristão parece ser sempre de paz, e o ensinamento de Krishna parece ser de guerra, de violência. Não, é impossível os cristãos aceitarem Krishna. Eles podem ver a estupidez dos indianos que acreditam em Krishna.

O cristão não consegue sequer aceitar Gautama Buda, pela simples razão de que ele nunca curou pessoas doentes, nunca devolveu a visão ao cego, nunca ressuscitou um morto. Então, que tipo de salvador é ele? Ele nunca serviu a ninguém, e para a mente cristã serviço é religião.

Olhe do outro lado. Se você pergunta ao budista: “Você acha que Jesus Cristo é um salvador?”, ele simplesmente vai rir. Vai dizer: “Os salvadores não são crucificados. Jesus não conseguiu salvar a si mesmo; ele é um impostor, um hipócrita, afirmando que pode salvar toda a humanidade”. E os hinduístas, os jainistas, os budistas, todas as religiões indianas, acreditam que, se uma determinada pessoa é crucificada, isso significa que em sua vida passada ela deve ter cometido crimes realmente graves, talvez assassinatos. Do contrário, a crucificação é impossível; ela tem de estar relacionada à sua vida passada. Os jainistas dizem que quando Mahavira, seu Salvador, caminha na Estrada, até os espinhos saem do caminho. Porque como Mahavira não cometeu nenhum crime em sua vida passada, ele não pode sofrer nem mesmo a picada de um espinho. Os hinduístas dizem que se for dado um veneno para Meera, o veneno se transforma em néctar, porque ela não cometeu nenhum pecado em sua vida passada. Portanto, a crucificação de Jesus, que é muito importante para o cristão, é simplesmente uma prova para os hinduístas, os jainistas e os budistas de que

aquele homem era simplesmente um impostor.

A estupidéz tem este traço: ela consegue ver nos outros, mas não consegue ver dentro de si mesma. Nenhum cristão consegue ver nada de errado em Jesus Cristo; nenhum hinduísta consegue ver nada de errado em Krishna; nenhum budista consegue ver nada de errado em Gautama Buda. De repente sua inteligência desaparece; eles se tornam imediatamente retardados, eles retrocedem. Esta é uma das características das pessoas estúpidas.

As pessoas estúpidas podem se tornar muito instruídas. Podem se tornar grandes eruditos, papas, *shankaracharyas*, aiatolás, rabinos repletos de conhecimento, mas sem saber nada de si mesmas. Todo conhecimento é emprestado. Dentro de si elas estão simplesmente vazias; cobrem esse vazio com conhecimento emprestado. Não foi sua própria inteligência que se tornou aguda; foi apenas sua intelectualidade que se tornou repleta de informações.

Lembre-se: um computador não tem inteligência, mas tem memória. Ele pode ter tantas informações quanto você o alimenta. A pessoa estúpida pode se tornar um grande erudito, um intelectual mundialmente famoso, mas é apenas um computador. Todo conhecimento é informação; é sua memória, não sua experiência. Na sua experiência ela se mostra muito estúpida.

Vou lhe dar dois exemplos de dois grandes eruditos.

Um deles é um grande erudito grego, considerado um dos maiores matemáticos; ele descobriu muitas coisas na matemática. Descobriu o princípio das médias – essa foi sua maior contribuição para o mundo. Antes dele ninguém havia pensado sobre o princípio das médias.

Certa manhã de domingo, ele levou sua família para fazer um piquenique. Eles tinham de cruzar um pequeno rio. A esposa disse: “Leve as crianças em seus ombros” – eles tinham quatro filhos. “Eu levo duas e você leva duas.”

Ele disse: “Espere. Eu sou um matemático, e não sou um matemático qualquer. Deixe-me primeiro ver a altura média das crianças e a profundidade média do rio”.

Naturalmente, o rio em alguns lugares era muito raso, em outros, muito profundo. As crianças mais velhas eram mais altas, as crianças mais novas eram mais baixas. Mas a média... ele a representou na areia com seu dedo e viu que a altura média das crianças era suficiente para a profundidade média do rio não poder afundá-las.

A esposa insistiu: “Guarda sua média com você: eu não entendo de matemática. Só posso ver que é perigoso”.

Ele disse: “Não tenha medo. Apenas siga-me”. E então as crianças começaram a afundar, porque a média é apenas um conceito matemático puro. Ela não existe, não é encontrada na realidade.

E quando a esposa gritou: “As crianças estão afundando!”, sabe o que ele fez? Não foi salvar as crianças; correu de volta para a margem e disse: “Então deve ter havido algum erro nos meus cálculos; do contrário, como isso é possível? A altura média deles é maior que a profundidade média do rio”. Isto é estupidéz. O homem é um grande matemático, mas se você puser sua matemática de lado,

ele é simplesmente retardado.

O segundo exemplo que lhe dou é sobre Karl Marx. Ele era um fumante inveterado, e um dia encontrou uma marca de cigarro mais barata. Ele era um economista, e certamente um dos grandes economistas do mundo. E, se você pensar em sua influência, ele foi o maior economista, pois influenciou mais da metade do mundo. O comunismo é sua filosofia, sua teoria econômica.

Vendo a marca mais barata, ele comprou o máximo de maços que podia levar para casa. Quando sua esposa o viu carregando tantos maços de cigarro, disse: “O que está fazendo? Os médicos estão lhe dizendo para parar de fumar. Seus amigos estão lhe dizendo para parar de fumar!”.

E Karl Marx, com um grande sorriso, disse: “Você não sabe – eu descobri uma maneira. Agora não há mais necessidade de eu ficar preocupado em ganhar dinheiro. Se eu fumo um destes cigarros, muito dinheiro é economizado em comparação com a marca antiga que eu fumava; quanto mais eu fumar, mais dinheiro será economizado. Então, agora não vou fazer nada exceto fumar, porque você está sempre me pedindo dinheiro, dinheiro, dinheiro. Agora haverá tanto dinheiro quanto você quiser!”.

A esposa não conseguia entender como o dinheiro podia ser economizado com ele fumando. Mas esta é uma teoria econômica, não corresponde à realidade. Ela teve de informar ao amigo mais íntimo de seu marido, Friedrich Engels: “Ele ficou louco. Está sentado em seu quarto fumando sem parar – para economizar dinheiro!”.

Engels foi até ele e lhe perguntou: “O que está acontecendo?”.

Marx disse: “Eu posso lhe explicar, você é um homem inteligente. Minha esposa não consegue entender a alta economia. Eu estava fumando até agora uma marca cara. Esta é uma marca mais barata; a cada cigarro que fumo, muito dinheiro é economizado. A consequência natural é: quanto mais eu fumar, mais dinheiro será economizado”.

Isto é pura estupidez. Ele pode ter sido um grande economista, mas era apenas erudição, erudição de computador. No que se refere à sua experiência, ele estava se comportando estupidamente. Assim, a estupidez pode se tornar muito instruída. Isso não significa que ela desapareceu; você simplesmente a disfarçou.

Inocência não é instrução. Inocência significa simplesmente pura clareza, insight sem ideias ou conhecimentos preconcebidos. Inocência simplesmente significa apenas ser um espelho, que é vazio, mas capaz de refletir qualquer coisa que surja diante dele. A inocência é a maior realização. Só muito poucas pessoas têm sido capazes de se tornar inocentes.

Quando uma pessoa se torna tão inocente, ela é simplesmente como uma criança. Lembre-se das palavras “como uma criança”. Ela não é uma criança. Há alguma similaridade. A criança é ignorante, desprovida de conhecimento, uma tela em branco sem nada escrito, uma *tabula rasa* – mas logo vai coletar conhecimento, porque ela é ignorante e a magia permanecer ignorante.

O homem inocente é também uma *tabula rasa*, mas ele nunca mais vai acumular conhecimento. Ele já enfrentou muita dificuldade para se desprender

do conhecimento. Foi muito difícil se livrar da mente e de suas acumulações.

A criança está fadada a ficar perdida no mundo do conhecimento. Sócrates ou Bodhidharma não eram corruptíveis; ninguém conseguiu corrompê-los. Eles passaram por todos os estágios escuros da corrupção e sobreviveram. Agora seu estado é de puro silêncio. Eles não sabem nada do que diz respeito ao conhecimento.

Sócrates fez uma bela distinção; vale a pena lembrar. Ele disse: “Há o conhecimento que é ignorante e há a ignorância que sabe”. O que ele disse parece contraditório: conhecimento que é ignorante e ignorância que sabe. Ele estava falando sobre a inocência.

A inocência não clama por conhecimento, mas está aberta, disponível, capaz de responder espontaneamente, como um espelho refletindo. É uma incrível liberdade e uma incrível individualização. Você pode comungar com as flores, com as montanhas, com as nuvens. Você é tão inocente que há até uma possibilidade de comunhão com a existência.

O conhecimento é uma barreira.

De vez em quando eu tinha como convidado um homem muito famoso: Mahatma Bhagwandin. Ele era o único, além de Mahatma Gandhi, que era conhecido como “mahatma”; só duas pessoas na Índia eram conhecidas como “mahatma”. Mahatma significa a grande alma, o grande santo. Sempre que ele era meu convidado, eu costumava levá-lo para uma caminhada pela manhã. E ele tinha tanto conhecimento sobre tudo – ele era um homem velho –, sabia o nome de todas as flores, seus usos, que doenças elas podiam ajudar a curar; conhecia todas as diferentes árvores e seus usos.

Ele conseguia falar sem parar, e eu tinha de lhe dizer: “Por favor, pare de falar! – porque eu vim para fazer uma caminhada matinal. Quero desfrutar das flores, não quero me tornar conhecedor delas. Não quero sequer conhecer seus nomes latinos. E seu conhecimento é uma barreira – você não consegue enxergar a rosa. Todo o seu conhecimento se instala entre você e a rosa – seu nome latino, suas propriedades, seus usos em diferentes doenças. A flor rosa fica perdida, bem distante; você começa a se mover para dentro de seu conhecimento”.

Eu continuei: “Se você quiser vir comigo, por favor, fique de boca fechada. Você pode fazer o que quiser na sua mente – isto é problema seu –, mas eu não quero saber o nome das árvores, das plantas, das flores, das folhas, do tronco e da casca. Você destrói toda a minha manhã! Quero permanecer completamente disponível para este belo nascer do sol, para as flores dançando, para a bela brisa soprando. Não quero ser atrapalhado pelo conhecimento. Minha experiência da beleza é suficiente”.

Ele permaneceu em silêncio por alguns minutos – mas você não pode dizer “cale a boca” para os computadores. Depois de alguns minutos ele voltou a se esquecer. Vendo algo novo, ele disse: “Olhe aquela planta. Ela é muito boa para pessoas que sofrem de enxaqueca”.

Eu disse: “Você está me provocando uma enxaqueca. Por favor, dê-me

algumas folhas dessa planta. Você é minha enxaqueca. Eu faço esta caminhada todos os dias e nunca tenho enxaqueca, exceto quando você está aqui”. E lhe perguntei: “Você não pode desfrutar de toda essa beleza, da manhã radiante, do frescor disso tudo? Tem de colocar seu conhecimento no meio?”.

A última vez que o vi, ele estava quase morrendo. Eu lhe perguntei: “Onde está todo o seu conhecimento? Você conhece todos os tipos de plantas que podem curar tudo. Então, por que está usando alopatia? E eu posso ver que a alopatia não o está ajudando”. Ele tossia sem parar; havia se tornado pele e osso. E eu disse: “O que aconteceu com seu conhecimento? Você perdeu toda a sua vida, você nunca viveu. Seu conhecimento se tornou um catifeiro para você, e agora você está morrendo e todo esse conhecimento não tem nenhuma utilidade. Talvez, se tivesse vivido totalmente, intensamente, essa experiência poderia ter transformado também sua experiência da morte”.

Para aqueles que não vivem, a morte parece um fim. Para aqueles que vivem totalmente, a morte não é um fim, mas um novo começo: uma velha casa é abandonada e uma nova forma, um novo mundo se abre. Mas isso depende se você viveu ou apenas ficou aprisionado na sua cabeça.

Vi lágrimas nos olhos dele. Ele disse: “Talvez você esteja certo. Eu nunca vivi, sempre estive acumulando conhecimento – e isso não me ajudou. Toda a minha vida foi apenas um deserto sem nenhum oásis. Mas agora é tarde demais”.

Eu chamo isso de estupidez. O homem era conhecido como um grande sábio, mas para mim ele era um grande idiota. E confirmou antes de morrer, com suas lágrimas, que ele perdeu a vida.

A inocência chega quando você se torna mais consciente, mais alerta, e começa a deixar para trás sua bagagem desnecessária. Você já pensou em quanta bagagem desnecessária está carregando dentro de si? Um homem consciente pouco a pouco começa a se desprender de tudo, porque o tesouro mais precioso em você é estar absolutamente desprovido de carga, limpo, puro, inocente.

O homem inocente é o único homem sábio. O homem erudito é apenas um homem estúpido. Todas as universidades e escolas criam pessoas estúpidas.

Meu esforço aqui é no sentido de desfazer o que suas universidades e escolas fizeram com você – desprogramá-lo. E não tenho nenhum outro programa para substituir o deles. Eu o desprogramo e simplesmente o deixo desprogramado.

Isso é inocência e é uma enorme inteligência. É um insight tão grande que não tem necessidade de conhecimento.

Sou novo nos seus ensinamentos, mas, se o entendi até agora, você diz (aproximadamente) que o conhecimento obtido dos livros é mera informação, e como tal é inútil e estéril – o que importa é um conhecimento interior derivado da experiência, mais do sentimento do que do intelecto. Por que então você publica livros?

Eu falo para seduzi-lo para o silêncio. Eu uso palavras para que você possa ser persuadido na direção da existência sem palavras.

Os livros estão aí para conduzi-lo adiante, não para você se prender a eles. No máximo eles são pontes. Mas se você construir sua casa em uma ponte, você é um tolo. Você deve atravessar a ponte!

Neste momento você não consegue entender o silêncio, você só consegue entender as palavras. Eu terei de usar palavras para lhe transmitir a mensagem do silêncio. Entre as palavras, nas entrelinhas, às vezes, se você se demorar comigo tempo suficiente, poderá um dia começar a ouvir o silêncio – então não haverá necessidade dos livros; então queime esses livros junto com os Vedas, as Bíblias e as escrituras sagradas. Meus livros também têm de ser queimados.

Tudo tem de ser deixado para trás. Mas neste momento você ainda não está pronto. Quando estiver pronto, não haverá necessidade de nenhum livro.

Esses livros não são publicados para aqueles que já entendem. Esses livros são publicados para aqueles que têm o desejo de entender – mas ainda não entendem. O desejo de entender é belo. Essas pessoas têm de ser ajudadas. E se estou aqui para ajudá-lo, tenho de me aproximar de você. Antes que você possa se aproximar de mim, eu terei de me aproximar de você – essa é a única maneira. Antes de poder levá-los para o lugar onde estou, tenho de descer até o lugar onde você está.

Esses livros não são necessários. São necessários por causa de você. Se você conseguir ultrapassá-los, evitá-los, prescindi-los – maravilha!

Mas você ainda não é capaz de prescindi-los, do contrário não estaria aqui. Você está aqui para me ouvir. Ainda está esperando que, ouvindo-me, possa alcançar alguma coisa. Não acho que, por ouvir minhas palavras, você possa alcançar. Acho que, ouvindo, você se tornará capaz de ouvir o que não é dito e, através disso, você irá alcançar. Ninguém alcança nada por meio dos livros, mas os livros podem ajudá-lo a ir além. Todas as escrituras dizem a mesma coisa.

Nos Upanishads está dito: *Nayamatma pravachanen labhyo* (esta alma não pode ser alcançada ouvindo sermões), *na medhya na bahuna shruten* (nem pela inteligência nem por muita leitura).

Em algum outro lugar nos Upanishads, eles dizem: o alvo, onde está? Onde está o alvo? Vá além das palavras, só assim você saberá.

O ponto onde as palavras dão meia-volta e não podem ir mais além – esse é o ponto, a porta. A Bíblia, o Alcorão – todos esses livros existem para ajudá-lo a ir além deles. Se você os vem carregando em sua cabeça, isso é estupidez sua; você não investigou de verdade, pois eles dizem: não se apegue às palavras, não se apegue a teorias, a conceitos, a filosofias. Tudo isso é lixo!

Meus livros estão aí para serem transcendidos. Desfrute deles enquanto os estiver lendo, mas não se apegue a eles. E prepare-se para ir além.

* Os monges hindus são tradicionalmente chamados de *sannyasin* (saniáassin).
(N.T.)

* “Eu não sei”, em francês. (N.T.)

Sobre o autor

Os ensinamentos de Osho desafiam qualquer categorização, abordando tudo, desde as buscas individuais por sentido até as questões sociais e políticas mais prementes relacionadas à sociedade atual. Seus livros não são escritos, mas transcritos de gravações de áudio e vídeo de palestras dadas para ouvintes oriundos das mais diferentes partes do mundo, durante um período de 35 anos. Em Londres, Osho foi descrito pelo jornal *The Times* como um dos “mil realizadores do século XX” e pelo escritor americano Tom Robbins como “o homem mais perigoso desde Jesus Cristo”.

Sobre seu próprio trabalho, Osho disse que está ajudando a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Ele em geral caracteriza esse novo ser humano como “Zorba, o Buda”, alguém capaz de aproveitar tanto os prazeres terrenos de um Zorba, o Grego, como também a serenidade silenciosa de Gautama, o Buda. A análise de todos os aspectos da obra de Osho mostra que esta engloba tanto a visão atemporal do Oriente como o alto potencial tecnológico e científico do Ocidente.

Osho também é conhecido por suas revolucionárias contribuições para a ciência das transformações internas, com uma abordagem da meditação que considera o passo acelerado da vida contemporânea. Sua técnica única de “meditação ativa” é projetada de forma a aliviar o estresse acumulado no corpo e na mente, tornando possível a vivência do livre-pensamento e do relaxante estado de meditação.

Resort de Meditação da Osho Internacional

O Resort de Meditação da Osho Internacional é um lugar onde as pessoas podem ter uma experiência pessoal direta de uma nova maneira de viver, num estado de maior atenção, relaxamento e alegria. Localizado a aproximadamente 160 quilômetros ao sul de Mumbai, em Puna, na Índia, o resort oferece uma variedade de programas para milhares de pessoas que o visitam todos os anos, vindas de centenas de países do mundo todo. Originalmente criada para funcionar como um retiro de férias para marajás e ricos colonos britânicos, Puna é agora uma moderna e próspera cidade que acolhe universidades e indústrias de alta tecnologia. O resort ocupa cerca de 16 hectares distribuídos em uma área de subúrbio conhecida como Koreagon Park. O *campus* do resort oferece acomodações para um número limitado de hóspedes, mas há uma grande variedade de hotéis próximos e apartamentos privados disponíveis para temporadas de dias ou até de meses.

Os programas do resort são todos baseados na visão de Osho de um novo tipo de ser humano que é capaz de participar criativamente na vida diária e de relaxar no silêncio e na meditação. A maioria dos programas acontece em modernas instalações com ar-condicionado e inclui uma variedade de sessões individuais, cursos e *workshops* que abordam desde artes criativas até tratamentos de saúde holística, transformação pessoal e terapia, ciências esotéricas, abordagem Zen para esportes e recreação, questões de relacionamento e mudanças significativas na vida de homens e mulheres.

Os cafés e restaurantes ao ar livre no interior do resort servem tanto a culinária indiana como pratos internacionais, todos feitos com vegetais orgânicos produzidos na fazenda do próprio resort. O campus tem seu próprio fornecimento privado de água segura e filtrada.

Acesse www.osho.com/resort para mais informações, incluindo dicas de viagem, calendário de cursos e reservas.

Para mais informações

Para mais informações sobre Osho e seu trabalho, acesse:

www.osho.com

Trata-se de um abrangente site em vários idiomas, que inclui uma revista, livros de Osho, palestras de Osho em formato de áudio e vídeo, uma biblioteca de textos de Osho em inglês e hindi e ampla informação sobre as medi tações de Osho. Você também encontrará o programa dos cursos da Osho Multiversity e informações sobre o Resort de Meditação da Osho International.

Acesse os sites:

<http://OSHO.com/resort>

<http://OSHO.com/magazine>

<http://OSHO.com/shop>

<http://www.youtube.com/OSHO>

<http://www.oshobytes.blogspot.com>

<http://www.twitter.com/OSHOtimes>

<http://www.facebook.com/OSHO.International>

<http://www.flickr.com/photos/oshointernational>

Para contatar a Osho International, acesse:

www.osho.com/oshointernational

Existem três tipos de tolo no mundo, segundo Osho. O primeiro é aquele que não sabe, mas não sabe que não sabe – é o tolo simples. O segundo é aquele que não sabe, mas acha que sabe – é o tolo complexo, o tolo instruído. E o terceiro é aquele que sabe que não sabe – o tolo abençoado.

Partindo dessa premissa, este novo livro se concentra em mostrar como podemos recuperar aquele senso de encantamento que tínhamos quando éramos tolos simples, ou seja, quando éramos crianças. Na infância, tudo parece novidade, tudo parece um milagre: uma borboleta voando, uma conchinha na praia, uma pedra colorida. Esse assombro diante das coisas é, segundo Osho, a qualidade mais importante que faz a vida digna de ser vivida. Por que não retomar esse sentimento e passar a observar as coisas de maneira mais inocente?

Além dessas reflexões, Osho também responde a questões como:

- O que fazer para eliminar o tédio da nossa vida? O que fazer para eliminar o tédio da nossa vida? O que fazer para eliminar o tédio da nossa vida?
- Como lidar com a insegurança?
- O conhecimento das grandes escrituras é realmente útil na busca pela verdade?
- A inocência de uma criança é igual àquela de um sábio?

Em Inocência, conhecimento e encantamento, quarto livro da série “Questões Essenciais”, Osho mais uma vez oferece valiosos ensinamentos que valem para todas as pessoas, e para toda a nossa vida.

Conheça outros títulos de Osho lançados pela Editora Planeta:

OSHO

Questões Essenciais

Destino, liberdade e alma

Qual é o sentido da vida?



Academia

OSHO

Questões Essenciais

Fama, fortuna e ambição

Qual é o verdadeiro significado do sucesso?



Academia

OSHO

Questões Essenciais

Poder, política e mudança

Como aplicar o ensinamento de Osho em nossa sociedade?



Academia

OSHO

ENCONTROS
COM PESSOAS
NOTÁVEIS



Academia

OSHO

*Um pássaro
em voo*

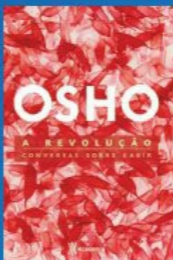


CONVERSAS SOBRE O ZEN

Academia

OSHO

A REVOLUÇÃO
CONVERSAS SOBRE EARTH



Academia

“A verdadeira educação só pode ser baseada no amor, não no conhecimento.”

OSHO

Em *Inocência, conhecimento e encantamento*, Osho se concentra no último estado de inocência de cada pessoa – a infância – e mostra como podemos recuperar aquela antiga capacidade de nos encantarmos com a vida, que toda criança tem. A ideia é acabar com o cinismo e a sensação de desesperança que tanto atormenta o mundo dos adultos. Ao retomarmos nossa capacidade de nos surpreender, pouco a pouco nos tornaremos mais felizes e mais tranquilos, afastando todo o conhecimento inútil que nos foi imposto pela sociedade, pela Igreja e pelo Estado.

Baseada em palestras proferidas por Osho ao longo de sua vida, esta nova série de grande sucesso proporciona discussões essenciais para a vida de todo ser humano.

OSHO é um dos mais provocativos e inspiradores professores espirituais do século XX. É conhecido por suas revolucionárias contribuições para a ciência das transformações internas, e a influência de seus ensinamentos continua a crescer, atingindo leitores de todas as idades em inúmeros países do mundo.

